

TVE BRASIL CENAS DE UMA HISTÓRIA

REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA ROQUETTE-PINTO – ACERP

Diretora Presidente **Beth Carmona**

Diretora Geral de Televisão **Rosa Crescente**

Diretor Administrativo e Financeiro **Haroldo Ribeiro**

Diretor Geral da Rádio MEC **Orlando Guilhon**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente

Eduardo Tadao Takahashi

Conselheiros

Yacyra Peixoto Valentim Meira

Marcio Fortes de Almeida

Jafete Abrahão

Marcus Vinicius Di Flora

Carlos Roberto Tibúrcio de Oliveira

EDIÇÃO

Pesquisa, texto final e edição **Liana Milanez**

Coordenação editorial **Beth Carmona**

Projeto gráfico, direção de arte e capa **Helio de Almeida e Thereza Almeida**

Editoração eletrônica **Thereza Almeida**

Coordenação de produção **Joice Pacheco**

Pesquisa iconográfica **Liana Milanez**

Apoio de Pesquisa **Gerência de Documentação e Pesquisa e Gerência**

de Comunicação (ambas da ACERP)

Consultoria Jurídica **Gerência Jurídica da ACERP**

Agradecimento Especial **Profª Drª. Elizabeth Cancelli (historiadora)**

TVE BRASIL CENAS DE UMA HISTÓRIA

LIANA MILANEZ

APRESENTAÇÃO

Beth Carmona
Presidente da ACERP

Esta obra é o resgate de uma história que nasceu de um sentimento nobre: o de permitir a fruição e o acesso ao saber num país de distâncias continentais, de muitas diferenças e de carências educacionais.

Ainda estávamos nas primeiras décadas do século passado quando os pioneiros e empreendedores - Roquette-Pinto e Tude de Souza e, mais tarde Gilson Amado, entre tantos outros - sonharam com a possibilidade de uma educação para todos viabilizada pelas tecnologias que surgiam em suas respectivas épocas. Muitas experiências foram feitas e, com acertos e erros, o cenário hoje, nas devidas proporções, não é tão diferente.

O Brasil continua com sua imensidão e as novas tecnologias estão aí a desafiar novos desbravadores tão idealistas e altruístas quanto àqueles. O denominador comum permanece: a educação e a cultura em um sentido plural, hoje de extrema importância para esse país que se constrói com base em uma cultura visual e imagética.

É oportuno lembrar que a verdadeira missão da comunicação pública representada por emissoras comprometidas com a promoção da cidadania, a educação e a cultura é, também, buscar no seu passado os rumos e as razões de suas ações futuras. Recuperar essas trajetórias é relevante e merece o reconhecimento de todos – ouvintes, telespectadores, estudantes, profissionais, dirigentes e políticos – testemunhas e protagonistas das vozes e imagens desses tempos.

Os fatos e as fotografias de momentos do passado e do presente, que compõem essa narrativa, nos conduzem à reflexão sobre o papel das emissoras educativas nesse limiar do século XXI com a chegada da TV digital. Nos fazem constatar, também, pelos caminhos traçados e apesar das desconstruções e descontinuidades momentâneas, o papel único que essas emissoras têm representado na história da comunicação e da sociedade brasileira.

Sumário

Apresentação

Beth Carmona

1. Os Antecedentes

A interrupção de um projeto de TV Educativa

Nos anais da academia americana, um registro da história

Os precursores da TV Educativa no Brasil

O trabalho da CTT

Detalhes finais

Política X Cultura

A questão dos canais

BBC carioca

2. Duas décadas depois

A fase de implantação

Ordenamento legal

Projetos preliminares – ênfase à formação profissional

O primeiro desafio

Núcleo de produção de programas educativos

A conquista do Canal 2

3. O educativo como missão

Os primeiros programas

A abrupta interrupção do Conquista

O “embrião” da Rede Educativa

4. O alicerce da missão

Referenciais históricos

Tempos difíceis

A Abertura

5. Ao público infantil...

Produções qualificadas

Sítio do Picapau Amarelo

O espaço à criança na TVE

6. A programação

Caminhos trilhados em três décadas

Universidade Viva

O canal comunitário

Os difusos anos 1990

A Organização Social

A programação na década de 90

7. Século 21

Intérprete da diversidade

O percurso em busca da qualidade

Passo-a-passo à reconstrução

Trocas eficientes e eficazes

A implantação do conceito de ‘faixas’: um olhar plural na programação...

8. Perfil da instituição

As mudanças ao longo de 40 anos

A saída do MEC

A criação da ACERP

9. Ensaio fotográfico (Por trás das câmeras...)

Nota (ou) Conclusão da autora

Anexos:

Anexo 1. Quadro resumo – Os gestores e as mudanças na instituição em quatro décadas

Anexo 2. Relação dos programas exibidos na TVE nos últimos 40 anos

Bibliografia

Pesquisa iconográfica

Relação dos depoimentos

Agradecimentos



1 ANTECEDENTES





O inquieto Edgard Roquette-Pinto, pioneiro do rádio brasileiro, criador do Instituto Nacional de Cinema e idealizador da primeira televisão educativa, projeto interrompido abruptamente por questões políticas

A interrupção de um projeto de TV Educativa

A manchete da edição de 19 de dezembro de 1960, da revista *PN*,¹ – *O escândalo da TV Educativa no Brasil* – reconstituía os primeiros passos da tentativa de implantar uma televisão educativa no País e o descaso das autoridades políticas com sua implementação. No centro do resgate histórico, estava em evidência a personagem do pioneiro da radiodifusão e empreendedor contumaz do setor: Edgard Roquette-Pinto (1884-1954).

Acabei localizando um exemplar deste número da revista *PN*, em 2006, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Trazia uma forte chamada na capa, farto material fotográfico e um minucioso relato das descontinuidades políticas que tiraram do Brasil a possibilidade de estar entre os países de vanguarda na implantação da televisão educativa.

Havia encontrado a primeira referência à *PN* no *Suplemento da Revista Brasileira de Teleducação*, publicada em 1975, e que se dedicava à Teleducação. O pesquisador e professor Louk de la Rive Box, em sua tese de dou-

1. A Revista *PN*, de Publicidade e Negócios, circulou semanalmente nos anos 1950 e parte de 1960, com 29.315 assinantes, cujo slogan era: “*PN* - a revista dos homens que decidem”

torado, *Organization of Educational Broadcasting in Brazil*, defendida em 1973 na Universidade de Colúmbia, também se referia a ela.

O resgate desta trajetória da teleducação era complexo. No início dos anos 1950, a televisão já se consolidava em vários países e também chegava ao Brasil, com a instalação da primeira emissora - a TV Tupi -, inaugurada em 18 de setembro de 1950. Era a primeira também da América do Sul. Nos anos seguintes, surgiram a TV Paulista, a TV Rio e a TV Record, todos canais exclusivamente comerciais, instalados no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Era uma época de grande concentração de capital nas comunicações, que já começara nos anos 1930. Esse movimento se agravaria com o surgimento de corporações complexas que passaram a agregar aos já existentes jornais e revistas, as emissoras de rádio e televisão. O primeiro exemplo desses conglomerados - *Diários Associados* - foi justamente o responsável pela instalação da primeira televisão comercial do País, a TV Tupi.

Na Europa, a BBC se consolidava no Reino Unido como modelo de veículo educativo. Na América do Norte, os Estados Unidos testemunhavam, já no começo da década 1950, o nascimento de canais de televisão reservados exclusivamente à educação². O Brasil não ficaria atrás. Em 1952, o presidente da República, Getúlio Vargas, concedeu outorga de canais educativos para várias instituições sediadas no então Distrito Federal. Era lá mesmo no Rio de Janeiro, liderados por Roquette-Pinto, que um grupo de empreendedores conseguiu a concessão do canal 2.

O processo de implantação deveria ser rápido. Com projeto técnico e de programação elaborados, os equipamentos encomendados e prontos para o embarque no país

2. Segundo o Suplemento Especial 50 anos de Teleducação, da ABT, excluindo-se as redes federais como a BBC, ORTF, etc, a primeira emissora de TVE a funcionar regularmente foi a WOITV, do Iowa State College, em fevereiro de 1950. Era a centésima emissora dos Estados Unidos. Nesse período outras emissoras, ligadas à Universidade Americana de Washington, D.C., produziam seus programas, transmitindo-os através de emissoras comerciais. Em abril de 1952, a Comissão Federal de Comunicações dos EUA reservou 242 canais para fins exclusivamente educativos e, em 12 de maio de 1953, a KUHT, de Houston, tornava-se a primeira emissora educativa não comercial a funcionar regularmente.

de sua fabricação, os Estados Unidos, a emissora estava, portanto, a poucas léguas submarinas para entrar no ar. Era a “idealizada” televisão educativa da *Rádio Roquette-Pinto*, vinculada ao governo do Distrito Federal.

O decreto presidencial nº 30.832, de 10 de maio de 1952, outorgava concessão à Prefeitura do Distrito Federal (PDF) para estabelecer, por intermédio da *Rádio Emissora Roquette-Pinto*, uma estação de radiotelevisão. Em seu artigo único decretava:

Fica outorgada concessão à Prefeitura do Distrito Federal, nos termos do artigo 4º parágrafo 2º do decreto nº 29.783, de 19 de junho de 1951, para estabelecer, a título precário, por intermédio da Rádio Emissora Roquette Pinto sem direito de exclusividade, uma estação de radiotelevisão na cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal) de acordo com as cláusulas que com este baixam, assinadas pelo ministro de estado dos negócios da viação e obras públicas.

Publicado no *Diário Oficial* de 14 de maio de 1952, esse decreto era assinado pelo presidente Vargas e também pelo ministro de Viação e Obras Públicas, Álvaro de Souza Lima³. Mas essas concessões “educativas” tiveram sua caducidade decretada cinco anos depois, no governo de Juscelino Kubitschek, conforme o decreto nº 42.939 de dezembro de 1957. Na redistribuição feita por Juscelino, o canal 2, que deveria ter hospedado a primeira emissora exclusivamente educativa, acabou sendo concedido ao grupo Excelsior, que acabaria comprando a Mayrink Veiga.

3. Além da emissora do DF, também foram premiados com outorgas de canais de televisão educativa, a Rádio Nacional (em nome da Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional - Decreto 29254), o Ministério da Educação e Saúde (Dec. 30814), e a Fundação Rádio Mauá, do Ministério do Trabalho (Dec. 30.815). Juntavam-se a essas concessões para uso educativo, outros canais para emissoras comerciais, como as da Rádio Mayrink Veiga e da Rádio Continental.

Nos anais da academia americana, um registro da história

I shall be delighted to talk about TVE and specially sobre o meu professor muito querido, Prof. Roquette-Pinto - homem que merecia o prêmio Nobel da Educação.

A manifestação acima é parte de uma mensagem recebida no dia 29 de maio de 2006, do professor e pesquisador Louk de la Rive Box, atualmente reitor do *International Institute of Social Studies*, com sede na Holanda. Misturando os idiomas inglês e português, Rive Box, que viveu no Brasil entre agosto de 1969 e agosto de 1970, refere-se com muito respeito a Roquete-Pinto.

Já em sua tese de doutorado, Louk Box destaca aquele que teria sido o verdadeiro pioneiro da televisão educativa no País. Na página 319 de sua tese, Box afirma:

Provavelmente o fenômeno mais notável na história da televisão educativa no Brasil é a sua desanimadora similaridade com a história do rádio educativo. As implicações educacionais de ambas as mídias foram inicialmente propostas pelo mesmo homem: o Prof. Roquette-Pinto. Enquanto jovem, trabalhou na idéia de fazer o rádio servir às necessidades de desenvolvimento cultural do País. Na sua meia idade ele se dedicou às primeiras experiências com televisão no Brasil. Poucos anos antes de sua morte, participou da elaboração de planos para a implantação de uma estação de televisão educativa no Rio de Janeiro. Uma vez mais seus planos foram desconsiderados por pressões políticas poderosas; uma vez mais, investimentos enormes teriam sido feitos os quais logo provariam ser desperdícios em vários

▶ Roquette entre seus livros. Educador nato, procurou usar as tecnologias que surgiam em sua época em benefício das multidões. Sua idéia era levar a educação aos povos mais distantes, com o uso do rádio e, mais tarde, da televisão



casos. Uma vez mais os elementos-chaves daqueles fracassos evidenciavam o desejo pelo resultado rápido. Uma vez mais aquelas experiências usando uma quantidade mínima de tecnologias (impressionantes) mostrou ter semeado comparativamente grandes sucessos.

Louk Box continua hoje um admirador da obra de Roquette-Pinto e profundo conhecedor daquele período da história em que os veículos educativos sofreram os revezes da política. Passaram-se três décadas de sua pesquisa, mas ele mantém a convicção de que é necessário dar continuidade aos estudos que apontam as descontinuidades como um fato comum na história da radiodifusão educativa brasileira. Eis sua mensagem enviada em 29 de maio de 2006:

O interessante do caso TVE é que quase a mesma coisa se passou com o rádio. O Brasil foi entre os primeiros do mundo na experimentação com o rádio nos anos 20, feito também pelo Prof. Roquette Pinto - e terminou da mesma maneira. Acho que o interessante é ver como se passa o momento da descontinuidade. Eu vivi essa descontinuidade no ano 1969 pela repressão militar; tínhamos colegas que sofriam até a morte por suas idéias.

Os precursores da TV Educativa no Brasil

Depois das investidas no rádio, Roquette-Pinto aventurou-se pelos campos da imagem. Assim, em 1936, ano em que fez a doação da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* (Rádio MEC) ao Ministério da Educação e Saúde, Roquette participou da implantação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). O objetivo do INCE era criar uma “imagem” para o Brasil, estratégia similar a de outras

instituições como o Museu de Belas Artes e o Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (IPHAN), ambos já em operação. Por um tempo, Roquette dirigiu o INCE e a Rádio MEC, simultaneamente, passando esse último cargo a Fernando Tude de Souza sete anos depois.

O INCE veio como complemento às atividades desenvolvidas por Roquette-Pinto, empenhado em alargar os caminhos da comunicação no Brasil. Mais uma vez, movia o empreendedor as teses positivistas: os “detentores do conhecimento” deveriam passá-lo aos “ignorantes”. O mestre continuou empenhado em desenvolver mecanismos que permitissem a disseminação da educação em larga escala. Sua aventura pelos caminhos da imagem - e o que seria o mais importante meio de comunicação do século 20 - era anterior.

Em 1945, Roquette desenvolveu em sua pequena oficina um equipamento para transmissão de imagens. Era um aparelho rudimentar construído com suas próprias mãos. Esse teria sido o primeiro transmissor e receptor de televisão do País. O curioso inventor chegou a testar sua “geringonça”. Conseguiu transmitir, de um ponto a outro, da cidade do Rio de Janeiro, as letras A, B e I, em uma homenagem à Associação Brasileira de Imprensa.⁴ (Cf. CALMON, João, 1984).

Roquette pensava sempre no coletivo. “Para nós”, escreveu – “o ideal é que o Cinema e o Rádio fossem, no Brasil, escolas dos que não têm escola”. Com essa nova tecnologia ele via a possibilidade de unir as duas coisas. Como educador popular via tudo em termos de educação e sua conseqüente contribuição ao desenvolvimento do País. Para ele, havia duas coisas essenciais a se fazer pelo Brasil: “uma, vencer a distância; a outra, aumentar a eficiência do homem que trabalha”. (Ibid.) Vencer a distância representava, em sua percepção, usar as ino-

4. Esse aparelho encontra-se no Museu Histórico do Rio de Janeiro. (Cf. LINS, Álvaro, 1956).



Exemplar da Revista PN (Publicidade e Negócios) de 1960. Na capa, foto de Fernando Tude de Souza e chamada para a matéria: O escândalo da TV Educativa no Brasil

vações tecnológicas, que vinham a reboque da telefonia sem fio: o tráfego do som e agora a imagem que vinha se aliar ao áudio.

Roquete, como homem de seu tempo, repudiava a tese dos que afirmavam que o País precisava de braços. Sua resposta era rápida: “Na verdade, o Brasil precisa, antes de mais nada, aproveitar os braços que tem”.

Lutou por essas idéias. Dois anos antes de sua morte, aliou-se a seu discípulo Fernando Tude de Souza, ao engenheiro José Oliveira Reis e ao general Lauro de Medeiros. Formaram uma comissão para estudar a implantação de uma televisão educativa. Era a Comissão Técnica de Televisão (CTT) que começava seus estudos. O trabalho andou rápido e, em abril de 1952, pouco depois da inauguração das primeiras emissoras de TV no Rio e em São Paulo, a C.T.T. apresentou ao prefeito Eng. João Carlos Vital, um plano para dotar o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, de um canal de televisão educativa.

Em curto espaço de tempo, eles conseguiram a concessão do canal que seria operado pela *Rádio Roquette Pinto*, emissora agora sob a direção de Fernando Tude de Souza. Com a verba aprovada pela Câmara de Vereadores e também pelo Tribunal de Contas, a Prefeitura do Distrito Federal (PDF) estava, portanto, em condições de abraçar o projeto.

O empreendimento não teve continuidade por questões políticas. Era como se segue a intricada história contada pela revista PN, baseada numa longa narrativa de Tude de Souza⁵. Os títulos internos da matéria foram preservados.

5. Edição de 19 de dezembro de 1960, cujos trechos principais estamos reproduzindo.

O trabalho da CTT

Foi no orçamento da PDF (Prefeitura do Distrito Federal) para 1952, que o então vereador Luiz Paes Leme⁶ incluiu uma emenda consignando uma verba de 15 milhões de cruzeiros para a instalação de uma TV com finalidades educativas no Rio de Janeiro. Era prefeito da cidade o Eng^o João Carlos Vital e diretor da Rádio Roquette-Pinto Fernando Tude de Souza. Imediatamente foi constituída uma comissão, a que se deu o nome de Comissão Técnica de Televisão (CTT), para estudar e providenciar a montagem da estação de TV da PDF. Faziam parte desta comissão, que era presidida pelo próprio Roquette-Pinto, o Eng. Oliveira Reis (da prefeitura), e o general Lauro de Medeiros (um dos maiores técnicos em eletrônica no Brasil, hoje (àquela época) na Rádio Globo) e Fernando Tude de Souza, diretor da emissora da municipalidade e principal responsável pelo projeto.

- A radiodifusão do Brasil - declarou à PN Tude de Souza – nasceu dentro da Academia Brasileira de Ciências, em 20 de abril de 1923. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi criada para ser um veículo de cultura, graças aos esforços sobre-humanos de Roquette-Pinto, Henrique Morize, L. Seabra, Venâncio Filho e outros mais. Talvez por ter tido um princípio tão bom e em bases tão sólidas é que o rádio no Brasil se desenvolveu de maneira tão extraordinária, tanto que hoje é apontado entre os quatro melhores do mundo, só sendo ultrapassado pelo americano, o inglês e o cubano. Pensávamos em fazer o mesmo com a televisão, que seria estruturada de “fio a pavio”.

Os trabalhos iniciais da CTT tiveram como objetivo fazer um levantamento completo de tudo o que existia no mundo, até então, em matéria de TV. Posteriormente,

6. Vereador pela UDN - União Democrática Nacional. A Câmara de Vereadores era presidida pelo vereador Antonio Mourão Vieira Filho.

depois de estudadas as estações existentes em outros países, foram relacionados os principais fabricantes de aparelhamento técnico de televisão em todo o mundo (eram apenas 7 ou 8). Para esses, a CTT enviou um resumo de seus estudos, a que deu o nome de “Especificações Preliminares”, juntando ainda detalhes sobre a topografia do Rio de Janeiro e pedindo críticas e sugestões. Todos os fabricantes solicitados examinaram detalhadamente o pedido oriundo do Brasil, e responderam enviando análises completas sobre as nossas pretensões de montar uma TV educativa, afora uma grande quantidade de literatura técnica para orientação da CTT. Sob a orientação do gen. Lauro de Medeiros, a comissão da PDF voltou a se reunir durante 45 dias ininterruptos, quando se estudou a parte técnica, nos mínimos detalhes, para a redação final das “Especificações Definitivas” daquela que seria a TV Roquette-Pinto.

Novamente, o resumo dos estudos final da CTT foi enviado aos fabricantes, agora acompanhado de pedidos de preço e condições para a compra do equipamento técnico. De posse de todas as respostas, e na presença do prefeito João Carlos Vital em solenidade pública realizada no Palácio da Guanabara, foram abertas as propostas e escolhida como vencedora a da firma “Allan B. Dumont Laboratories”, de Nova Jersey, Estados Unidos. Segundo o contrato assinado entre a PDF e a Dumont, o equipamento técnico da TV Roquette Pinto ficaria por 473 mil dólares, que com o dólar oficial (na época) a Cr\$ 22,00 sairia por Cr\$ 12 milhões e 400 mil. Depois de paga uma prestação inicial de 70 mil dólares, a Prefeitura pagaria cerca de 166 mil dólares durante a montagem da estação, sendo que os 50% seriam pagos a prazo em vários anos. Esse contrato foi aprovado pelo Tribunal de Contas em apenas 8 dias.



Flagrante de encontro no Palácio da Guanabara, em 1952, com o então Secretário da Educação do Distrito Federal, Altair Antunes, e a Comissão Técnica de Televisão presidida pelo Prof. Roquette-Pinto. Na pauta, a implantação da televisão educativa

Detalhes finais

7. Foi o primeiro prefeito a desenvolver um Planejamento Integrado para a cidade. Em uma pesquisa nos Anais da Câmara dos Deputados, em 1952, constatei que o prefeito João Carlos Vital esteve ausente da prefeitura durante 30 dias, participando como convidado do governo americano para tomar parte na Conferência dos Prefeitos Americanos. Como seu substituto, nesse período, ficou o Coronel Dulcídio do Espírito Santo Cardoso. No plenário da Câmara de Deputados nessa época, o deputado José Romero, denunciou uma série de desmandos cometidos pelo prefeito interino. Entre elas, ao assumir o cargo teria assinado 8 leis e 24 decretos administrativos. Essas deliberações, segundo os deputados, só poderiam ser exercidas por alguém indicado pelo presidente da República com aprovação pelo legislativo, que não era o caso do coronel, unicamente indicado pelo próprio prefeito Vital. As críticas dos parlamentares não paravam aí. O deputado Breno da Silveira denunciou que o primeiro ato do prefeito-substituto, na

– Nessa ocasião – prossegue Tude de Souza – tive de ir aos Estados Unidos em companhia do gen. Lauro de Medeiros participar de um Seminário de Educação convocado pela Unesco. Aproveitando a viagem, fui incumbido pelo prefeito João Carlos Vital de complementar nossas negociações com a Dumont. Durante os diversos contatos (veja foto...) que tive com o Sr. Dumont, que aliás é considerado como o pai da televisão, já que possui 85 patentes suas em cada câmara de TV, constatei seu entusiasmo pelo projeto brasileiro. Segundo me disse, nós iríamos fazer no Rio, (como) uma estação daquela natureza, o ideal com que ele sonhara para os Estados Unidos e nunca conseguira concretizar. O nosso projeto estava de tal maneira planejado em seus mínimos detalhes, que os técnicos de Dumont se comprometeram a instalar a estação em apenas 15 dias, depois que o material chegasse ao Rio. Nosso planejamento foi a tal ponto, que até o cabeamento estava previsto. O equipamento foi totalmente embalado e levado para Nova York, onde ficou armazenado no cais à espera da ordem de embarque.

Enquanto isso, no Rio, os engenheiros da PDF ultimavam a construção dos estúdios, que ficariam nos andares acima da Rádio Roquette-Pinto que a Prefeitura estava concluindo na rua São José. A construção do prédio foi acelerada com a demarcação dos estúdios em seus locais exatos. A PRD-5 ocuparia o 11º andar e a televisão os subseqüentes. Também já estava sendo estudada a melhor posição para a antena, que seria montada no Pão de Açúcar ou no Sumaré. Aliás, era idéia do prefeito João Carlos Vital transformar o Sumaré, caso fosse o local escolhido, em um grande centro de turismo com a criação da “Cidade da Televisão”.

-- Feito o pagamento da prestação inicial de 70 mil dólares com dinheiro que a Prefeitura dispunha no tesouro Brasileiro nos EE.UU., voltamos ao Rio. Enquanto isso, a Dumont já estava pagando 40 dólares por dia pela armazenagem em Nova York do equipamento técnico daquela que seria a primeira estação educativa do Brasil.

Política X Cultura

-- Voltando ao Brasil – prossegue – desembarquei no Rio numa quarta-feira (novembro de 1952). No princípio da semana seguinte o prefeito João Carlos Vital⁷ foi levado a se exonerar, sendo imediatamente substituído pelo Cel. Dulcídio Cardoso. No outro domingo, fui acordado em minha casa com um telefonema do Prof. Roquette-Pinto que me disse com voz desolada: “Meu filho, já leu o Correio da Manhã de hoje? Você foi demitido. E agora?”. E a partir desse instante ninguém mais falou comigo ou com Roquette-Pinto sobre televisão educativa no Rio de Janeiro. O nosso projeto que estava praticamente concretizado, desapareceu dentro das gavetas do Palácio da Guanabara, sem que nenhum outro prefeito quisesse se preocupar com o assunto.

-- Deixando a direção da Rádio Roquette-Pinto – continua – as obras dos estúdios da TV foram imediatamente paralisadas, já que o meu substituto não demonstrou grande interesse pelo assunto. Enquanto isso, o equipamento técnico estava se deteriorando no cais de Nova York, com a Dumont pagando 40 dólares por dia pela armazenagem, pois a nova administração da cidade se esquivou de tomar as providências cabíveis no sentido de ser o material trazido para o Rio, como também nem se designou a dar maior atenção aos insistentes pedidos da firma norte-americana. Eu, particularmente, por di-

ausência do Sr. João Carlos Vital, “constitui verdadeira aberração da vida administrativa da cidade (...) Nomeou o próprio filho para substituí-lo na Secretaria do Interior”. Adiante, o deputado Breno da Silveira elogiava a atitude do colega em trazer ao conhecimento da Câmara o que se passava nos bastidores da política local” e do movimento chefiado, na ausência do Prefeito João Carlos Vital, pelo próprio Cel. Dulcídio Cardoso, no sentido de conseguir a solidariedade dos políticos do Distrito Federal, inclusive da própria Câmara dos Vereadores por intermédio da bancada do PTB, a fim de permanecer no posto. O deputado considerava um movimento de traição, encabeçado pelo prefeito interino, “que tudo fez para ocupar definitivamente o cargo, exercido com tanta proficiência e zelo pelo Sr. João Carlos Vital. Na seqüência, enumerava vários atos do substituto, como inúmeras nomeações: “653, em 30 dias, sendo que promoções em um só dia, foram 704”. O deputado José Romero apresentou a relação completa de todos os cargos nomeados.

versas vezes, procurei colaborar com a Prefeitura, pois a Dumont estava disposta a manter os preços estipulados no contrato, embora não tivéssemos cumprido nossos compromissos. Entretanto, a nova administração da cidade não quis prosseguir uma obra iniciada durante a gestão de um outro prefeito. E como ninguém resolvesse nada, a firma norte-americana retirou o material do cais de Nova York e cancelou o contrato que havia feito com a PDF, perdendo assim a municipalidade os 70 mil dólares da prestação inicial.

A questão dos canais

Ainda em outras oportunidades Fernando Tude de Souza continuou sua luta para que o Rio tivesse uma estação de TV de caráter educativo. Anos mais tarde, quando foi nomeado diretor da Rádio Ministério da Educação, conseguiu que fosse celebrado um convênio entre o governo federal e o municipal, assinado pelo Ministro Cândido Mota Filho e pelo prefeito Alim Pedro, segundo o qual as duas administrações explorariam em conjunto uma TV cultural, já que o Rio não comportaria mais de uma estação com essa finalidade. A Rádio Ministério da Educação responderia pela parte educativa, enquanto a Roquette-Pinto ficaria com o setor didático. Entretanto, as injunções políticas fizeram com que o convênio não fosse concretizado.

Quando o presidente Juscelino Kubitschek assumiu o poder, redistribuiu os canais de televisão no Rio de Janeiro doando aquele que estava destinado à Roquette-Pinto. O canal 4, que era da Nacional foi para a Rádio Globo, enquanto a PRE⁸ ficou com o canal 28, que era o da municipalidade. Depois, com a doação do canal 2 para a Rádio Mayrink Veiga, a Nacional ficou com o 7. Já

8. O atual canal da TVE Brasil.

nessa ocasião o único disponível era o 11, que finalmente foi entregue ao Diário Carioca.

– Agora – acrescentava Tude de Souza – só existe uma solução viável para o assunto. O presidente Jânio Quadros, levando em consideração a educação e a cultura do Estado da Guanabara, pode fazer uma revisão do alocamento dos canais ainda não utilizados. Só com uma nova redistribuição de canais, é que o governo estadual poderá voltar a pensar em uma estação de TV de finalidades educativas.

BBC carioca

A TV Roquette-Pinto, segundo o projeto da 1ª Comissão Técnica de Televisão, deveria operar como uma pequena BBC. Tude de Souza já tinha preparado uma “carta municipal” para que a telemissora funcionasse durante um período experimental de 5 anos. Não fazendo concorrências com as outras estações, deveria corresponder ao máximo às suas finalidades educativas e culturais.

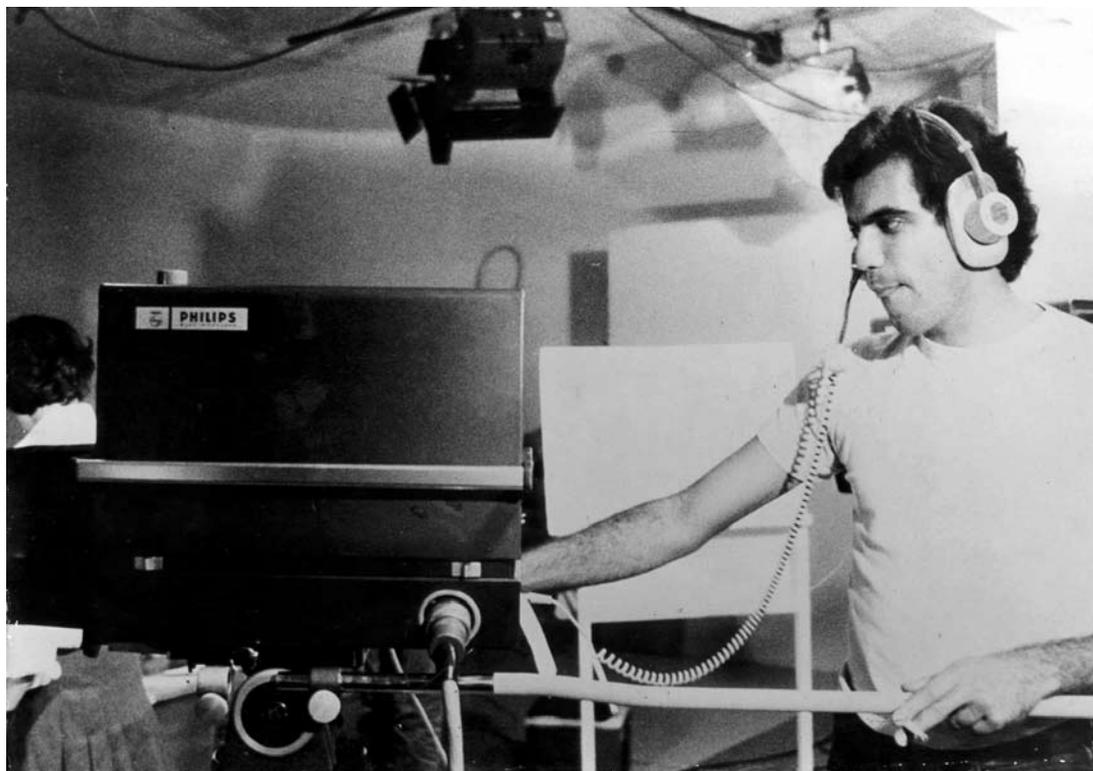
O projeto elaborado pela CTT presidida por Roquette-Pinto, e que foi abandonado pela PDF nos escritórios da Dumont de Nova Jersey, segundo informações de técnicos da referida firma, serviu de base para a organização de diversas estações de TV em vários países. Existe até mesmo um livro-texto de televisão nos Estados Unidos que apresenta como modelo o projeto de uma estação de TV da municipalidade do Rio de Janeiro. Também a Universidade de São Francisco (Califórnia) montou sua telemissora baseada no projeto brasileiro da Comissão Técnica de Televisão (CTT).

Depois da saída de Tude de Souza da Rádio Roquette-Pinto, a emissora teve diversos outros diretores (Henrique Orciolle, Ribamar Castelo Branco, Oswaldo

Luís e Maciel Pinheiro), sendo que somente o atual (Armando Queiroz) não organizou a sua própria CTT, sempre com o objetivo de “trazer a TV educativa para o Rio” Todas as outras comissões, ao contrário da primeira, nada conseguiram realizar de concreto, pois sempre partiam do marco 0 (zero) e nunca obtiveram da Sumoc⁹ orçamento cambial e a respectiva licença de importação.

O texto reproduzido acima, publicado na revista PN em 1960, era uma retrospectiva dos fatos ocorridos em 1952. Pelo relato de Tude de Souza e reconstituindo-se essa história em 2006, chega-se à triste constatação: a televisão pública brasileira perdeu duas décadas de sua aplicação em benefício da educação. O canal 2 só voltou de fato a ser um canal educativo em 1973. O Decreto n° 72.634, de 16 de agosto daquele ano, outorgou à Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (FCBTVE) a concessão para o estabelecimento de estação de radiodifusão de sons e imagens, utilizando o canal antes ocupado pela TV Excelsior. É assim que será a história da TVE que passará a ser contada a partir dos próximos capítulos.

9. Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), criada em 1945.



José Alcântara Júnior - Operador de Câmera
- 1971 Estúdios da TVE em Copacabana

TVE

KRT

TELEVISION

2

DUAS DÉCADAS DEPOIS





As primeiras câmeras que equiparam o Telecentro, da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, autorizada mais tarde a utilizar o canal 2 para transmitir projetos voltados à educação e à cultura. Foi o resgate, depois de 20 anos, do canal educativo

A fase de implantação

O Brasil tem condições de realizar a primeira experiência em larga escala de utilização da televisão para ensinar e habilitar, com títulos formais, grandes parcelas da coletividade brasileira, adolescentes e adultos¹.

A afirmação acima é parte da idéia defendida por Gilson Amado em sua peregrinação para dotar o país de uma televisão voltada exclusivamente à educação. As primeiras experiências efetivas com televisão educativa no Brasil ocorreram entre as décadas 1960 e 1970. Foram iniciativas que se baseavam em produções autodidatas, desenvolvidas na base do improvisado e criatividade. Assim como ocorreu com o rádio, os empreendedores da televisão também anteviam os novos horizontes que se abriam para levar a educação aos pontos mais distantes.

É certo que o aproveitamento desse veículo como ferramenta de educação reporta aos anos 1950, com algumas oportunidades oferecidas às instituições educacionais. Desde 1958, por exemplo, a estação de TV Educativa da Universidade de Santa Maria (RS) produzia programas educativos. A partir de 1960, algumas

1. AMADO, Gilson, in BEZERRA, Manoel Jairo, *A História da TVE – Os primeiros 20 anos 1967-1987*.

experiências começam a se espalhar pelo Brasil. Entre essas iniciativas, estavam a TV Escolar, em São Paulo, a Fundação João Batista do Amaral e a Universidade de Cultura Popular no Rio de Janeiro. Na seqüência, surgiram alternativas de programas educativos em vídeo, em cidades como Porto Alegre e Belo Horizonte.

É oportuno situar o ambiente que serviu de cenário para o surgimento dessas televisões. Foi uma época de grandes transformações em todas as áreas – da moda aos costumes, entremeada com conquistas da técnica e reviravoltas políticas. É nos anos 1960 que o homem chegou à lua e a medicina realizou os primeiros transplantes de coração. Foi também um período de conflitos, com as guerras do Vietnã e da Biafra, e dos agitados protestos estudantis em várias partes do globo, dos assassinatos de John Kennedy (1963), do líder pacifista negro Martin Luther King e, na América Latina, de Ernesto “Che” Guevara (1967).

No Brasil, o cenário político também seria palco de grandes reviravoltas. Em dez anos, passaram pela Presidência da República meia dúzia de presidentes - os civis Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart (Jango), e os militares Castello Branco, Costa e Silva, e Emílio Médici. Em 1964, o golpe militar derrubou o presidente Jango e, em 1968, o Ato Institucional nº 5 instituiu definitivamente o revés da trajetória política do Brasil, com a suspensão dos direitos constitucionais. É em meio a esse turbilhão de acontecimentos que a televisão educativa começou a dar os primeiros passos.

Como conseqüência desse ambiente político, as emissoras educativas brasileiras guardam as marcas dos anos de ditadura (1964-1985). Foi também nesse momento que a televisão suplantou o rádio, consolidando-se como o principal meio de comunicação de massa do

país (Cf. LEAL FILHO, Revista da USP, n. 61, p. 41). Ambos os veículos passaram a ser pautados pelo modelo de desenvolvimento adotado pelo regime militar.

A primeira emissora educativa a entrar efetivamente em operação foi a TV Universitária de Pernambuco, em 1967. Nos anos seguintes, surgiram novas iniciativas e, em 1974, já eram nove as emissoras com esse perfil, tendo as mais distintas vinculação e razão social. Algumas nasceram com vocação formalmente educativa, com foco para o ensino a distância. Ao longo dos anos 1970 e 1980, as emissoras educativas espalharam-se pelas capitais, ganhando aos poucos o interior do País, impulsionadas pelo surgimento de editais que abriram possibilidades de novos canais retransmissores, vinculados às secretarias estaduais de educação e cultura, prefeituras municipais e fundações. A TVE foi concebida durante o governo do Marechal Arthur da Costa e Silva (1967-1969).

Ordenamento legal

A legislação das comunicações era bastante imprecisa. Apesar de vários projetos de lei relativos à radiodifusão e à educação, só em 1961 surgiu a Lei de Diretrizes e Bases, e, em 1962, o Código Brasileiro de Telecomunicações. Antecipando as regulações, o setor vinha crescendo desde o pós-guerra, segundo Louk Box (1973), não só em número de emissoras, particularmente àquelas situadas fora do eixo Rio-São Paulo. Enquanto em 1948 2/3 das estações brasileiras operavam nos estados de São Paulo e Distrito Federal (Rio de Janeiro), essa proporção diminuía para quase 1/3 em 1958.

No começo dos anos 1960, as emissoras invadiram outras regiões. A Capital Federal ganhou nesse mesmo ano duas estações - a TV Alvorada, ligada ao grupo

Record, e a TV Brasília, dos Diários Associados. Surgiram os programas populares, como a Buzina do Chacrinha, lançado pela TV Rio. Oito anos depois, o apresentador era contratado pela TV Globo. É também dessa época o surgimento do videoteipe, uma grande conquista para a televisão e, conseqüentemente, para o que seria logo mais um centro de produção de programas educativos.

A idéia de criação de emissoras educativas, que ficou hibernando desde 1952 com a interrupção do projeto de Roquette-Pinto-Tude de Souza, ganhou substitutos tão idealistas quanto os precursores. A primeira tentativa nesse sentido data de 1961, quando a Fundação João Batista do Amaral desenvolveu um curso de alfabetização de adultos, veiculado pela TV Rio. Esse curso, coordenado pela Profa. Alfredina Paiva e Souza, transmitiu, em dois anos, 262 horas-aulas, atingindo mais de 5 mil alunos em 105 núcleos de recepção. Um ano depois, a Universidade de Cultura Popular, idealizada por Gilson Amado², passou a transmitir cursos experimentais do Art. 99, inicialmente, pela TV Continental³, no Rio de Janeiro, e, depois, pela Rede de Emissoras Associadas para todo o território nacional.

Experiências similares espalhavam-se pelo país, como efeito multiplicador. Em São Paulo, a Secretaria de Educação do Estado lançou o Serviço de Educação e Formação pelo Rádio e Televisão, em 1963. Foi assinado um convênio com a TV Cultura, que então pertencia ao grupo das Associadas, para a produção de dez horas semanais de programação educativa, incluindo educação de base, 5ª série primária, música, arte e literatura infantil. Para os professores, foram preparados cursos de matemática moderna, ciências, desenho e ensino de Português.

A Educação era o ponto chave, insistia Gilson Amado: “O fenômeno mais representativo da realidade

2. O mestre Gilson, como era chamado, conduzia também nessa emissora um programa chamado *Mesas Redondas*, orientado para o debate dos principais problemas políticos e econômicos. Um convidado central era sabatinado pelas *Mesas Redondas*, onde se revezavam, com grande audiência, figuras públicas como San Thiago Dantas, Antônio Balbino, Afonso Arinos, Tancredo Neves, e muitos outros. (http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro_gv/IIIparte.pdf.)

3. A TV Continental pertencia ao então deputado do PTB de Pernambuco, Rubem Berardo.

brasileira, nos últimos anos, foi, sem dúvida, o relevo que assumiu no elenco de problemas prioritários do País a Educação”.⁴

Lidas sob outro prisma de tempo, essas palavras identificavam-se com os princípios que nortearam a criação do rádio, em 1923, inspirados por Edgard Roquette-Pinto. Ambos eram movidos pelo ideal de utilização das novas tecnologias para fins educativos e estavam inseridas em suas respectivas épocas.⁵

As iniciativas surgiam nas mais variadas formas. Em 1963, o educador Paulo Freire desenvolveu no Nordeste seu método de alfabetização em massa. Era preciso intensificar o processo, para atingir aos milhões de analfabetos distribuídos pelo país.

Em outubro de 1964, enfim, o que era apenas uma idéia começava a ganhar forma com a constituição de uma comissão não oficial, composta por educadores, funcionários do MEC e do Conselho Nacional de Telecomunicações - Contel, para elaborar o projeto de criação de um Centro Brasileiro de TV Educativa. Um ano depois, essa comissão foi oficializada, com algumas mudanças em sua composição e o aumento do número de participantes. Como era de se esperar, no grupo estavam os já iniciados em televisão educativa - Alfredina de Paiva e Souza⁶ (Fundação João Baptista do Amaral), Gilson Amado (Universidade de Cultura Popular – uma espécie de Universidade sem Paredes, como ele chamava).

Os trabalhos da comissão tiveram como resultado a promulgação da Lei 5.198, em 3 de janeiro de 1967⁷, que autorizava a criação, pelo poder executivo, do Centro Brasileiro de Televisão Educativa, sob a forma de uma Fundação. De acordo com a Lei, o objetivo principal da nova entidade era “a produção, aquisição e distribuição de material audiovisual para uso em televisão educativa”

4. In, BEZERRA, Manoel Jairo, A História da TVE - Os primeiros 20 anos.

5. Na 92ª sessão da Câmara dos Deputados, em 1952, o parlamentar Brígido Tinoco chamava a atenção de seus pares para a gravidade da situação, ao expor um panorama nacional. “A percentagem de iletrados entre a população superior a dez anos varia, pelos cálculos de 1950, da seguinte maneira, nas regiões fisiográficas do país: no Sul, 40% de analfabetos; Norte, 54%, Este, 56%, Centro-oste, 65%; Nordeste, 71%”, destacou da tribuna o deputado Tinoco. (Anais da Câmara dos Deputados, Volume 19, p. 73-74, Biblioteca do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro).

6. Foi também responsável por um sistema de TV em circuito fechado no Instituto de Educação no Rio de Janeiro, para treinar e qualificar professores.

7. Diário Oficial 4 de janeiro de 1967, p.113.



Prof. Alfredina de Paiva e Souza ministra curso de recepção nas instalações do Telecentro, em maio de 1973

(Box, 1973, p. 412). Logo depois, com a aprovação do primeiro Estatuto, o CBTVE passou a se chamar Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa (FCBTVE).

Passados três meses, no dia 3 de abril, a Assembléia Geral constituiu a entidade, conforme previa a lei, e elegeu o primeiro presidente - Gilson Amado -, indicado pelo ministro da Educação, Tarso Dutra (Ibid., 1973). Gilson ficaria no cargo até sua morte em 26 de novembro de 1979, tendo exercido o mandato mais longo à frente da Fundação.

O Brasil ganhava, enfim, um centro de produção de programas educativos, que funcionou inicialmente em duas salas no edifício Odeon (no centro do Rio), cedidas pelo próprio Gilson Amado. As dificuldades financeiras eram enormes – apenas 0,002% do orçamento do Ministério da Educação eram destinadas à FCBTVE. Com a primeira verba concedida pelo Ministério do Planejamento, resultado de negociação entre Gilson Amado e o ministro Delfim Neto, a Fundação instalou-se em um pequeno apartamento - quarto e sala -, em Copacabana. Ali foi montado o primeiro estúdio de circuito fechado, apoiado por material de fabricação Phillips. Na fase inicial, o espaço foi utilizado tanto para a produção de programas como para o treinamento de pessoal - dos docentes, aos técnicos e especialistas em produção.

A equipe era minúscula – menos de 10 pessoas - entre elas, Neide Nunes Ferreira de Almeida, Edgard Gomes, Lucio de Oliveira Guimarães, Manoel Gomes Santiago, Manoel Vital da Silva, Manoel Jairo Bezerra e Taunay Drummond Coelho Reis. Os dois últimos e o presidente não recebiam vencimentos. Gilson Amado só foi receber seu primeiro pró-labore em janeiro de 1972. Em outubro de 1968, ingressaram novos colaboradores, como a secretária Franci Silveira Borges, Maria Helena



Curso de produção dirigido pela professora Judith Wilson. A FCBTVE deu início ao treinamento de profissionais em 1969. Entre agosto e outubro de 1970, realizou-se ainda no estúdio de circuito fechado o Curso de Introdução à Produção de TV Educativa, o primeiro de uma série.

de Oliveira, Octaviano Miguel Martins e Alfredina de Paiva e Souza.

Nada foi fácil nesse começo. As dificuldades impostas pela falta de recursos nasceram junto com o empreendimento e assim seria ao longo da história da Fundação, com altos e baixos, conforme os ocupantes do andar de cima do governo. Gilson Amado conseguiu finalmente liberar a doação da União prevista na lei 5.198 de primeiro de março de 1967. No ano seguinte, a luta se repetiria para conseguir as dotações constantes do orçamento de 1968. Ao final desse exercício, a FCBTVE possuía um patrimônio aproximado de Cr\$ 1.124.000,00.

Projetos preliminares, ênfase à formação profissional

Nem bem surgiu – em 1967 - a Fundação já decolava com um projeto de Recuperação do Ensino Primário. No ano seguinte, esse projeto foi revisto e acrescido de mais um curso para professores leigos, idealizado por Manoel Jairo Bezerra. Também nesse mesmo ano, realizou-se o I Seminário Internacional de Televisão Educativa, que contou com a participação de especialistas internacionais

▶ A ilha de edição equipada com modernos equipamentos da época, já em operação no prédio do Telecentro inaugurado em janeiro de 1972



da Unesco e representantes brasileiros. Foi o ponto de partida para a criação de uma sistemática de trabalho voltada para a Televisão Educativa no Brasil.

Com os esquemas teóricos montados, era preciso, agora, formar profissionais. Em locais sugeridos pelo presidente Gilson Amado, realizaram-se imediatamente três cursos ministrados por professores da UNESCO. O objetivo era qualificar os profissionais - tanto para acionar os equipamentos, como para desenvolver habilidades no domínio daquela linguagem específica. E isso em nível nacional. No ano de 1969, a FCBTVE promoveu quatro cursos de formação básica em TVE, preparando mais de 150 profissionais de diversos estados, além dos que foram cumprir estágios em instituições internacionais.

No final dessa década, a FCBTVE somava aos cursos ministrados⁸ em âmbito nacional, a prestação de serviços de assistência técnica a instituições, que incluíam treinamento, iniciação de pessoal e planejamento. Antes de virar a década, a Fundação conquistava mais colaboradores, com a entrada dos profissionais Luiz Alfredo Salomão, Ronaldo de Azevêdo Nordi, Terezinha Passos e Jorge Santoro. Chegava, enfim, o momento de dar início à montagem de um Sistema de Circuito Fechado com maior capacidade.

O primeiro desafio

O ano de 1970 é considerado um marco para o desenvolvimento da televisão educativa no Brasil e coincide com a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), na gestão do presidente general Emílio Garrastazu Médici. O grande impulso veio com a Portaria Interministerial MEC/Minicom nº 408/70, de 27 de julho de 1970. Assinada pelos ministros da Educação, Jarbas

8. A formação de profissionais seria uma meta constante ao longo da fase de implantação da TVE. Os cursos se estendiam por dois três meses. Entre 21 de agosto e 9 de outubro de 1972, por exemplo, realizou-se o Curso de Introdução à Produção de TV Educativa, no estúdio de circuito fechado, em Copacabana. Para a área de produção especificamente, a Fundação promoveu a vinda de instrutores do *Center Of Educational Development Overseas* (Cedo), da Grã-Bretanha, e também, encaminhou profissionais de seus quadros de colaboradores aos cursos de aperfeiçoamento intensivo promovido pela antiga Comissão de Atividades Espaciais (CNAE).

Passarinho, e das Comunicações, Higyno Corsetti, determinava normas relativas ao tempo obrigatório e gratuito que as emissoras comerciais deveriam destinar à transmissão de programas educativos.

Como decorrência, as emissoras de rádio e de TV comerciais foram obrigadas a transmitir gratuitamente programação educativa durante cinco horas semanais e em horários determinados. A Fundação, como órgão do MEC, mesmo ainda despreparada técnica e materialmente, foi encarregada de produzir essas 300 horas semanais para todo o país. Um levantamento realizado, na época, constatou que a grande maioria das emissoras comerciais não tinha condições de suprir, com programação própria, as determinações da Portaria 408. Uma única apresentava possibilidades - a Rede Globo -, com um curso de Madureza, produzido pela Fundação Padre Anchieta, complementando o horário com aulas de Francês, Inglês e Alemão, além de outras programações culturais.

Assim, restou à TVE realizar, em regime de urgência, a transformação do seu sistema de circuito fechado em um pequeno estúdio de produção. Alfredina de Paiva e Souza foi designada para coordenar os estudos e providências necessárias à elaboração dessa programação especial. Em um relatório de atividades da época, Gilson Amado escreveu:

Para dar uma idéia da produtividade do trabalho realizado, em caráter de urgência, para atender a tal objetivo, parece bastante assinalar que, em um estúdio de apenas 14 metros quadrados, a FCBTVE produziu mais de duas centenas de quilômetros de programação gravada em fitas de videoteipe.

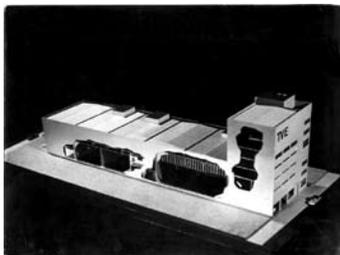
Do total de horas previsto na portaria, a FCBTVE conseguiu atender inicialmente a 45%. Foi estabelecido

um mecanismo de tráfego de fitas, que permitiu chegar a mais de 30 emissoras espalhadas por todo o País. Segundo balanço das ações realizadas em 1970, foram redigidos e estudados, naquele ano, 426 roteiros, dos quais 317 resultaram em programas. Entre os gravados, tiveram destaque a série Flashes, com temas variados, como Utilidade pública; Pedagogia do Sucesso; Tirando dúvidas; Iniciação artística; Assistência domiciliar; Educação familiar; as séries de 15 minutos, com Cadernos MEC envolvendo Ciências; Português; Utilidade pública; e Alfabetizadores; e Meus alunos e eu, dirigidos aos professores.

No ano seguinte, além da continuidade de algumas séries da programação foram introduzidos novos programas como a Quem tem medo da Matemática, dirigido por Jacy Campos, e Comunicação, sob a responsabilidade de Geraldo Casé e apresentação de Gilson Amado.

O ritmo de produção se manteve. Entre março e agosto de 1971, portanto, em seis meses, o Centro de Produção da FCBTVE distribuiu 40 programas da série Conhecimentos Gerais (1º nível), apoiados pelos impressos dos Cadernos MEC, produzidos pela FENAME. Foi um período rico em produção. Só nesse ano, saíram do sistema de circuito fechado da FCBTVE 360 aulas, 46 adaptações de filmes, 43 entrevistas de interesse comunitário, 404 flashes de pedagogia social, um curso de pintura e 54 programas diversos. Essas atividades resultaram em 35.532 emissões, que alcançaram todo o País.

A equipe também tinha crescido. Entre 1970 e 1971, atuavam na produção cerca de 30 pessoas, entre elas, Wilson Rocha (Diretor do Departamento de Controle e Produção), Sônia Garcia, Jacy Campos, Geraldo Casé, Maurício Sherman, Fernando Pamplona, Jonas Resende, Gracindo Júnior, Eldo Peracchi Filho, Gilberto Trindade, Marlene Blois, entre tantos outros, assim como o pessoal



Maquete do projeto para o Telecentro que seria construído na Av. Gomes Freire, 474

das áreas técnica e administrativa. Além dos profissionais contratados e colaboradores, juntaram-se ao grupo os especialistas alemães Gunther Gotman e Franck Sharp, e o inglês John Tiffin. Na apresentação revezavam-se Riva Blanchés, Eloá Dias, Dulce Monteiro e Célio Moreira.

De posse desses resultados, a ainda “jovem” Fundação vencia desafios e tornava-se realidade. Mas não era o suficiente para o inquieto empreendedor nascido de uma família sergipana de 18 filhos, entre esses, os acadêmicos Gilberto e Genolino Amado. Era chegada hora de Gilson Amado ir à caça de um canal aberto para desempenhar o papel de laboratório e campo de teste de projetos educativos. A televisão educativa abraçaria, assim, sua completa missão pedagógica.

O momento era favorável. Entre 1967 e 1971, nos chamados anos de chumbo do regime militar, foram autorizadas várias concessões de Televisão Educativa, entre elas, o canal 11, em Recife; canal 9, em Salvador; canal 2, Manaus; canal 8, Santa Maria (RS); canal 7, Porto Alegre; canal 11, Goiânia; canal 2, em São Paulo, que era comercial; canal 3, em Maceió; canal 5, Fortaleza; e o canal 2, em S. Luiz do Maranhão. O decreto-lei 236, de 1967, em seu artigo 13, vedava a publicidade nas emissoras educativas, tirando a possibilidade de autonomia financeira via comercialização de serviços.

Núcleo de produção de programas educativos

Como resultado de entendimentos entre os governos da República Federal da Alemanha e do Brasil, foi firmado, em outubro de 1970, um acordo pelo qual o primeiro comprometia-se a doar, por intermédio da Fundação Konrad Adenauer, equipamentos destinados ao Centro Nacional

de Produção de Televisão Educativa – Telecentro - sob os cuidados da FCBTVE.

A contrapartida brasileira era o compromisso de construir um local adequado para a instalação do material doado. Ronaldo Nordi, coordenador administrativo à época, lembra a corrida para localizar um prédio que servisse para sediar um centro de produção de televisão.

Vimos várias sedes. Um dos imóveis era chamado Teatro Novo, antigo Teatro República. Esse teatro era do Paulo Ferraz, um dos maiores armadores brasileiros, que o tinha comprado para abrigar a companhia da esposa que era bailarina. Lamentavelmente, ele estava convalescendo de problemas de saúde e com os negócios um pouco enrolados. Ele queria em torno de cinco milhões de cruzeiros. O Gilson Amado fez a contraproposta: “Nós só temos um milhão”. Gilson ainda conseguiu barganhar mais. O prédio estava financiado pela Caixa Econômica Federal, em torno de 400 e poucos mil cruzeiros. Na realidade, o Paulo Ferraz só recebeu a diferença, 600 e poucos mil. O resto foi financiado com a CEF. Com os CR\$ 400 mil começamos a obra. Era absolutamente insuficiente para fazer a TVE. (Depoimento concedido a autora em 19.05.06)

Os prazos acordados eram rigorosos. Na correspondência enviada em 1º de setembro de 1970 pelo representante da Fundação Konrad Adenauer, Lothar Kraft, ao presidente da FCBTVE, Gilson Amado, vinha anexada uma “planificação dos prazos” que deveria ser cumprida pela beneficiada. Pelo calendário fornecido pelos alemães, a conclusão do projeto, plantas e distribuição das atividades deveria acontecer até o dia 15 de setem-

Gilson Amado, presidente da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, discursa na solenidade de inauguração do Telecentro e também da entrega dos equipamentos doados pela FKA. Presentes o ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho (sentado ao centro) e o embaixador da Alemanha, Karl Hermann Knoke, entre outros convidados



bro daquele mesmo ano, ficando a entrega dos equipamentos para o ano seguinte, com dia já definido – 15 de dezembro. A montagem dos equipamentos deveria iniciar um mês e meio antes. A data estava definida: 1º de novembro.

Como parte do acordo, a FKA prestaria assessoria técnica, inclusive para a montagem do quadro de profissionais. Em nova correspondência trocada entre a FKA e a FCBTVE, logo depois, em 27 de novembro de 1970, vinha detalhada a relação de pessoal técnico que seria necessário para colocar o Telecentro em operação.

“Com os contratemplos os prazos foram para o espaço. Não tínhamos dinheiro, mendigamos recursos para conseguir construir aquele prédio. Não sei se por força disso, mas a empresa responsável pela construção - a Construtora Pederneiras - entrou em concordata. Foi uma confusão terrível. Veio o carnaval, os alemães se encantaram com a festa e acabaram prorrogando os prazos”, recorda Ronaldo Nordi. Enquanto isso, o ministro Jarbas Passarinho não tinha a menor idéia do que estava sendo feito. Levado de surpresa pelo presidente da FCBTVE

para ver a obra, entusiasmou-se com o que viu da construção e acabou liberando mais recursos.

Em 17 de fevereiro de 1972, com a estrutura concluída era feita a entrega formal dos equipamentos no valor de 2,5 milhões de dólares. Um mês antes, o presidente Médici acionava mais um órgão para atuar no setor. Era o Programa Nacional de Telecomunicações (Prontel⁹), vinculado ao MEC, que vinha para integrar, em âmbito nacional, as atividades didáticas e educativas de rádio e TV, de forma articulada com a Política Nacional de Educação do governo militar.

O novo espaço de produção de programas educativos, o embrião do que seria a TVE Brasil, ocupava nesse momento uma área de 5.184 m². Segundo descrição de Gilson Amado, “a doação alemã constava de equipamentos e instalações para um estúdio de 480 m², compreendendo, inclusive, um teto metálico de iluminação, dotado de 150 projetores de 5Kw cada um, apoiado por dez salas técnicas, com equipamentos eletrônicos de complementação do estúdio, material de alto nível tecnológico, em condições similares aos melhores existentes no mundo”. No mesmo mês da inauguração, era gravado o primeiro programa, uma aula de Português apresentada por Dulce Monteiro, com produção de Eldo Peracchi Filho e supervisão de Alfredina de Paiva Souza.

A mudança definitiva de todas as áreas para o Telecentro ocorreu sete meses depois, no começo da primavera daquele ano. As condições físicas da nova sede eram excelentes. Além do estúdio principal, equipado com material doado pelo governo alemão, o Telecentro tinha mais dois estúdios de 220 m², ambos com boa qualidade acústica. Um deles recebeu os equipamentos utilizados no sistema de circuito fechado que funcionava em Copacabana.



Com equipamentos avaliados em US\$ 2,5 mil, o novo espaço de produção de programas educativos ostentava um estúdio de 480 m² equipado com um teto metálico de iluminação, com 150 projetores de 5kw

9. DECRETO N° 70.066, de 26 de janeiro 1972.



O sonoplasta Jorge Napoleão opera a mesa de áudio do Telecentro nos primeiros tempos da TVE

Dali em diante, o Telecentro não parou de produzir. Pelas condições técnicas que oferecia, passou a atrair a atenção de autoridades. Havia agora condições técnicas para desenvolver projetos no campo da teledidática. Logo, teve início um projeto piloto destinado à elaboração de um curso dirigido a alunos do primeiro grau de ensino, com prévia aprovação do Conselho Nacional de Educação. O currículo do curso, que se chamou João da Silva, foi planejado com base em pesquisas realizadas em comunidades profissionais - canteiro de obras, por exemplo - e familiares, com o objetivo de detectar os interesses e necessidades desses segmentos alvos.

Um ano depois da inauguração, a FCBTVE empreendeu a 2ª etapa de expansão do Telecentro, com a instalação dos equipamentos do estúdio 2. Ao longo de 1974, com recursos concedidos pelo MEC, introduziu o estúdio em cores, adquiriu o primeiro caminhão de externa (Unidade Móvel, de fabricação inglesa) e ainda equipamentos complementares à produção em cores, como quatro videoteipes e uma câmera de cinema blimpada de 35mm. A área total construída já chegava a 7.200 m². Com essa estrutura e equipada com 16 câmeras, a FCBTVE tornou-se um dos maiores centros de TV da América do Sul.

Nesse momento, o quadro funcional contava com 439 servidores, distribuído em várias áreas, como Pedagogia, Apresentação, Chefia, Administração, Técnica, entre outras funções. Naquele ano, a Fundação recebeu Cr\$ 32,6 milhões, sendo CR\$ 29 milhões de fundos federais, C\$ 2,7 milhões por prestação de serviços e o restante de outras fontes. Do total, Cr\$13,9 milhões foram direcionados ao pagamento de pessoal.

A conquista do Canal 2

A TVE do MEC vem aí com seus estúdios amplos e modernos, com sua nova emissora em cores, com atualizada unidade móvel, com as suas novelas didáticas e pedagógicas, seus programas educacionais, artísticos e culturais para uma competição construtiva e saudável com a TV comercial. Viver é recommear todos os dias, pois mal estamos encerrando a etapa do Telecentro e já temos que subir ao Sumaré para implantar as torres da nossa emissora. Disse o Presidente Médici aos ministros Jarbas Passarinho e Hygino Corsetti que a TVE ainda daria muitas alegrias ao Governo e ao povo brasileiro. Creio que agora posso assegurar o cumprimento da programação em termos mais positivos. Que Deus nos ajude! (Mensagem de Gilson Amado publicada em O Globo, em 01/06/1973)

Com seis anos de operação como centro produtor de programas educativos, Gilson Amado conseguiu, enfim, tornar realidade o antigo sonho de Roquette-Pinto e Tude de Souza. Em 16 de agosto de 1973 era assinado pelo presidente Médici o Decreto nº 72.634, que concedia à FCBTVE autorização para o estabelecimento de uma estação de radiodifusão de sons e imagens, utilizando o canal 2, do Rio de Janeiro, antes ocupado pela TV Excelsior¹⁰. Esse mesmo canal fora concedido, em 1952, pelo presidente Getulio Vargas à Rádio Roquette-Pinto, emissora do então Distrito Federal, conforme relatamos no início deste livro.

Na seqüência, o diretor Regional do Dentel do Rio de Janeiro autorizava, em 15 de outubro de 1975, a FCBTVE a realizar transmissões em caráter experimen-

10. Em 1963, a Excelsior comprou a concessão do Canal 2 do Rio de Janeiro, até então pertencente à Rádio Mayrink Veiga, que não chegou a desenvolver sua estação de TV.



Flávio Moriconi trabalhando na sala de controle mestre



Operários trabalham na construção do prédio que iria hospedar o centro de produção da FCBTVE - mais tarde TVE-Canal 2 - no bairro da Lapa, Rio de Janeiro, em 10 de outubro de 1971.



Primeiro caminhão de externa da FCBTVE
estacionado em frente ao Telecentro, em 1974



Gilson Amado mostra os estúdios da TVE
ao Brigadeiro Paulo Salema, em 1973

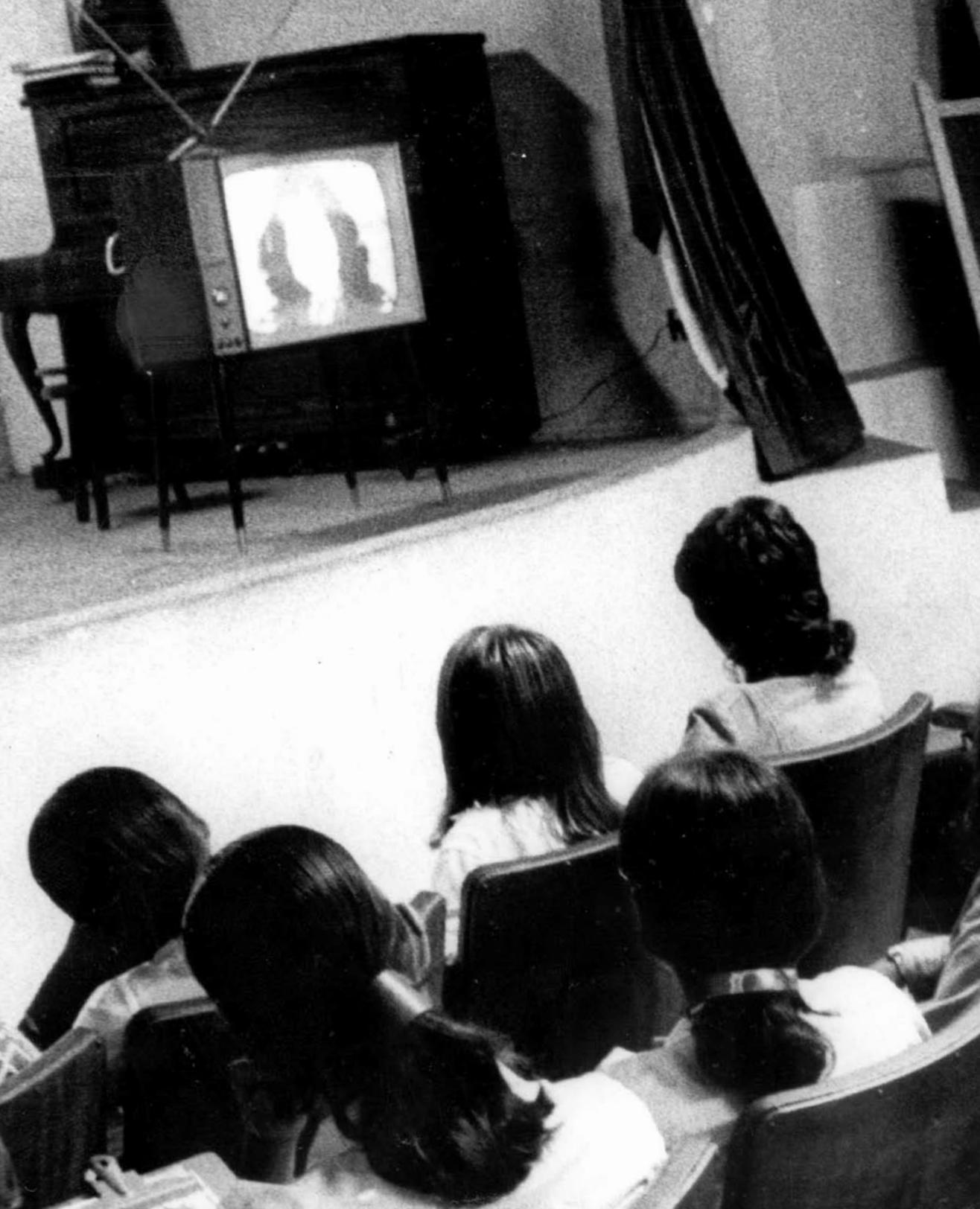
tal. A alegria se completaria dez dias mais tarde, com outro Decreto – o de nº 72.996 – que autorizava a cessão, sob a forma de utilização gratuita, do terreno do Sumaré para a montagem da torre da estação. Era, enfim, o canal 2 educativo que começava a se configurar passados 21 anos da primeira tentativa.

Os testes de funcionamento foram realizados no dia 5 de novembro e no fim daquele mês era transmitida a primeira programação em caráter experimental. Entre 19h22min e 22h35min do dia 30, os cariocas puderam assistir a uma seqüência de cenas do curso João da Silva, um especial sobre o Prêmio Japão e flashes de outros programas nascidos no Telecentro. Nessa fase de transmissão provisória, a TVE foi ao ar aos domingos, com duas horas de programação, aumentando gradativamente até a entrada em caráter definitivo. A partir da segunda transmissão, veiculada no dia 7 de dezembro de 1975, a programação passou a ser publicada pelo Jornal do Brasil aos domingos.

Era mais um passo pioneiro. Em 1973, em comum acordo com o Prontel, empreendeu uma pesquisa para avaliar Os efeitos da TV sobre as crianças, com foco na faixa etária de 3 a 15 anos. O Projeto Lobato, como foi chamada a pesquisa, teve papel relevante para orientar a programação infanto-juvenil do canal 2. Essa é considerada a primeira pesquisa envolvendo trabalho de campo na área de teleducação realizada no País - uma amostragem que envolveu 602 crianças e adolescentes, de ambos os sexos, moradores de quatro bairros do Rio de Janeiro de diferentes níveis sócio-econômicos.

As transmissões em caráter definitivo só iriam ocorrer três anos depois, quando expirou o prazo, em 4 de fevereiro de 1977 para o funcionamento em fase experimental. Foi o momento em que a TVE se assumiu como

uma televisão com operações normais. O canal 2 passou, então, a operar com seis horas de programação diária, num total de 80 horas de veiculação semanal. Um ano e meio depois de a TVE ter entrado no ar em caráter definitivo, Artur da Távola elogiava em sua coluna no jornal “O Globo”, de 11/10/78: conhecendo o que conheço de televisão e considerando que o Canal 2 tem pouco mais de um ano e meio no ar, o que ele já realizou diante da carência de material em que vive é digno dos maiores elogios e não pode ser esquecido.



3

O EDUCATIVO COMO MISSÃO





Flagrante de um curso de recepção organizado
pela Profa. Alfedina de Paiva e Souza, no
Colégio Pedro Álvares Cabral

Os primeiros programas

O ideal de TV educativa seria aquela que abrisse a todos os brasileiros as comportas da inteligência e da cidadania e que estivesse a serviço do engrandecimento do espírito.

*Samuel Pfromm Netto*¹

“Saiu de Triunfo, perdida cidade de Caruaru, sem lenço e sem documento, Saiu numa de ver qual era. Um “estamos aqui” para provar o “gosto da cidade grande”. Semi-analfabeto, evadido de uma comunidade rural em que um fio de barba valia por um papel passado, João da Silva, enfrentou de peito aberto o Grande Rio”.

Assim era descrito o personagem João da Silva, “da escola com sabor de novela”, em matéria publicada pela revista do jornal *Última Hora*, em edição de 23 de novembro de 1973. O projeto nascera antes. Em 1969, a escritora Helena Ferraz e os professores Manoel Jairo Bezerra, Jamil-El-Jaick, Marion Villas Boas Sá Rego, Mauricio Cardoso Faria e Roberto Zaremba Bezerra apresentaram a proposta de um curso de ensino primário que viria a transformar-se na novela *João da Silva*.

1. Manifestação durante audiência do Conselho de Comunicação Social do Senado, em 05/06/2006. (OESP, 05/06/06). O professor foi presidente da FUNTEVÊ (Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa) hoje ACERP, entre 1983 e 1984.



Cena da novela *João da Silva* com o ator Silva Filho, e o livro de apoio utilizado como ferramenta de ensino, com foto de Nelson Xavier, que fazia o papel principal

“A grande obsessão de Gilson era alfabetizar e através desse estudo chegou a uma conclusão”, lembra Geraldo Casé, que integrou sua equipe desde os primeiros tempos no apartamento de Copacabana. Gilson desafiou os companheiros:

– *Se a televisão comercial faz a novela e todo mundo assiste, a TV educativa também poderia ter a sua.*

A proposta foi apresentada a Geraldo Casé e a Wilson Rocha, que a analisaram para pensar como criar uma novela, não só didática, mas que conseguisse alfabetizar, e, ao mesmo tempo, dar oportunidade de formar pessoas. A dupla aceitou o desafio. Logo viria juntar-se a eles o diretor Jacy Campos.

Com eles, o desafio de inovar: um roteiro teatralizado, em estilo de novela. O produto final alcançou ampla aceitação pelo público alvo – “adolescentes ou adultos excluídos do ensino formal”. Esse universo era imenso. Pelos cálculos de Gilson Amado, a meta-objeto do projeto estava avaliada em cerca de 15 milhões de brasileiros, maiores de 18 anos, que não foram à escola na “época própria”. De acordo com o Censo de 1970, existiam no país cerca de 21 milhões de analfabetos com mais de 10 anos de idade.

Como complemento às aulas transmitidas pelo *João da Silva*, a FCBTVE editou cinco livros de acompanhamento e apoio. No conjunto, foram 125 capítulos, de 40 minutos. Por falta de um canal aberto, a FCBTVE começou transmitindo o curso em emissoras comerciais, como cooperação espontânea, nos horários acessíveis a adultos e adolescentes. O programa foi lançado, inicialmente, em três faixas diferentes, por três emissoras do Rio de Janeiro. A primeira transmissão ocorreu em 26 de novembro de 1973, pela *TV Rio*, seguida pela *TV Tupi*, em dezembro e, em março do ano seguinte era exibido pela

TV Globo. Os resultados foram animadores: 306 postos, atendidos por cerca de 1,1 mil monitores e supervisores - treinados pela Fundação. (Foto teleposto e reprodução Folheto Capítulo 1)

Em junho de 1974, realizaram-se as provas finais do curso *João da Silva*, organizadas pelas secretarias de Educação da (então) Guanabara e do Estado do Rio de Janeiro. Em dezembro desse mesmo ano, o programa passou a ser veiculado por emissoras de Recife, Porto Alegre, Manaus, Belém, Macapá, Porto Velho, entre outras cidades.

O *João da Silva* recebeu o Prêmio Especial concedido pelo júri internacional do Prêmio Japão, em 1973, entre outros trabalhos educativos apresentados por 102 países. Pelas peculiaridades do projeto e sua qualidade técnica, a FCBTVE passou a receber a visita de especialistas em educação de vários continentes, interessados na adaptação da novela didática em seus respectivos países.

Esse programa inovou ao não se restringir a um conjunto de aulas, conferências e seminários, como era o comum. Foi uma novela didática em que as personagens viviam situações existenciais, que visavam a despertar emoções similares às de qualquer novela. Com o uso da teledramaturgia foi possível expor o telespectador *à oportunidade de aprender a ser – isto é, aprender no sentido restrito de adquirir conhecimentos, inclusive saber fazer*. (MENDES, Armando, 1975)

A FCBTVE implementou um conceito novo no campo da educação de adultos - a teatralização, ou teledramaturgia como se denomina hoje. Entre os objetivos, estavam melhorar a capacidade de comunicação e expressão dos alunos, pelo acesso progressivo ao domínio conveniente da linguagem; mostrar a importância da Matemática e das Ciências Físicas e Biológicas, aplican-

do as mesmas à vida cotidiana e, ao mesmo tempo, informar sobre a vida em sociedade, introduzindo princípios de higiene e os fundamentos de cidadania.

O projeto teve início em 1971 e só foi ao ar, na íntegra, pelo Canal 2, em 10 de junho de 1976. Em 22 de setembro de 1980 o curso foi retransmitido em cadeia nacional pela TVE Brasil (canal 2), tendo o último capítulo exibido em 10 de abril de 1981. No total, o *João da Silva* esteve no ar de novembro de 1973 a outubro de 1981, exatamente oito anos.

A Fundação chegou ao final de 1974, com um saldo de produção das mais variadas áreas, entre eles, 25 aulas da série *Conhecimentos Gerais*; 20 programas *Aprenda a cuidar de seu filho*; 51 programas da *Universidade Popular*; 30 programas *Colagem*; 23, *Um dia, um músico*, e, em junho, chegava ao 100º capítulo do supletivo *João da Silva*.

A abrupta interrupção do Conquista

Lançado em 1979, em caráter experimental em apenas duas capitais, o *Projeto Conquista* passou a ser veiculado no ano seguinte, em 15 estados brasileiros, atingindo a 38.063 alunos. Complementar ao curso *João da Silva*, o *Conquista* tinha como objetivo proporcionar a aquisição de conhecimentos referentes às quatro últimas séries, àqueles que completaram as quatro primeiras séries do 1º grau, ou ensino fundamental. Os conteúdos procuravam abranger a participação mais completa na vida comunitária, assim como a compreensão do mundo físico e da posição do homem em seu contexto, envolvendo áreas de comunicação e expressão, ciências e estudos sociais. As primeiras gravações foram realizadas em 1978, em Vitória, no Espírito Santo. (Cf. relatório interno da FCBTVE).

Atores da novela didática *Conquista* repassam o texto durante gravação em 1977. Sentado à direita, Sergio de Oliveira, na rede, Tetê Pritzl e Camilo Bevilacqua



Cena do programa *Aprenda a cuidar de seu filho*, em 1976, com a apresentadora Lourdes Mayer (em pé, roupa branca) em atividade com um grupo de crianças.





Solenidade de entrega do Prêmio Especial Japão, 1973, concedido à novela *João da Silva*. No estúdio principal da emissora, o elenco reunido (ao fundo), e à mesa, o presidente Gilson Amado e alguns convidados, entre eles o ministro da Educação, Jarbas Passarinho, e o cardeal D. Eugenio Salles

▶
Atores em gravação de cena da novela *João da Silva*, em 1975, com o diretor Jacy Campos, à esquerda atrás da atriz Conceição Senna (sentada próxima à mesa) e ainda Ribeiro Fortes (sentado atrás da mesa), Silva Filho (sentado, de terno claro) entre outros



O formato era similar ao curso anterior - uma telenovela didática, que abordava situações comuns geradoras de apresentação de conhecimentos, hábitos e atitudes. A supervisão pedagógica era de Manoel Jairo Bezerra com direção de Jacy Campos, como no projeto *João da Silva*. A história e o roteiro eram de autoria de Lourival Marques.

O *Conquista* foi interrompido abruptamente, conforme relatou o Jornal do Brasil em sua edição de 11 de abril de 1983. O lead da matéria informava:

Para evitar que sejam totalmente desperdiçados Cr\$ 28 milhões gastos pelo Ministério da Educação e Cultura entre 1975 e 1980, a TVE-Canal 2, do Rio, está relançando, com novo nome, o Projeto+ A Conquista, programa educativo desativado em 1981, para dar lugar ao Telecurso 1º Grau, das Fundações Roberto Marinho e Universidade de Brasília.

De acordo com a reportagem publicada na página 4, o *Projeto Conquista* - uma experiência pioneira no país para ensino supletivo das últimas séries do 1º Grau -, ficou mofando nas prateleiras da emissora até 1982. A desativação da novela didática gerou no período 1979/80 um conflito entre a TVE - Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa - a Fundação Roberto Marinho (FRM), a Universidade de Brasília e a Secretaria de Planejamento da Presidência da República (Seplan). O conflito acabou ocasionando o afastamento do então diretor executivo da TVE, Ronaldo Nordi, que se recusara a tirar o programa do ar, substituindo-o pelo Telecurso 1º Grau, produzido pela FRM, com recursos da Seplan repassados pelo MEC. A novela *Conquista* era transmitida por emissoras de todo o país.

No relançamento, o *Projeto Conquista* mudou o nome para *Tempo de Atualização*. Já não era mais um curso como fora concebido em 1975 pela equipe da TVE e do MEC e sim um programa educativo, com tempo reduzido de 35 minutos para 25 minutos, sem a parte da novela.

O programa fora planejado no mesmo ano em que a TVE passou a operar seu próprio canal. Criado a partir de estudos realizados por Manoel Jairo Bezerra, Taunay Reis, entre outros professores, foi aprovado pelo então diretor do Ensino Supletivo do MEC, Leonardo Leite de Carvalho Neto. A produção da série foi concluída em 1978 - um total de 200 capítulos. Custou pouco mais de CR\$ 27 milhões e foi concluída em dois anos, com o apoio pedagógico direto do MEC e da Unidade Pedagógica da FCBTVE, dirigida por Alfredina de Paiva e Souza.

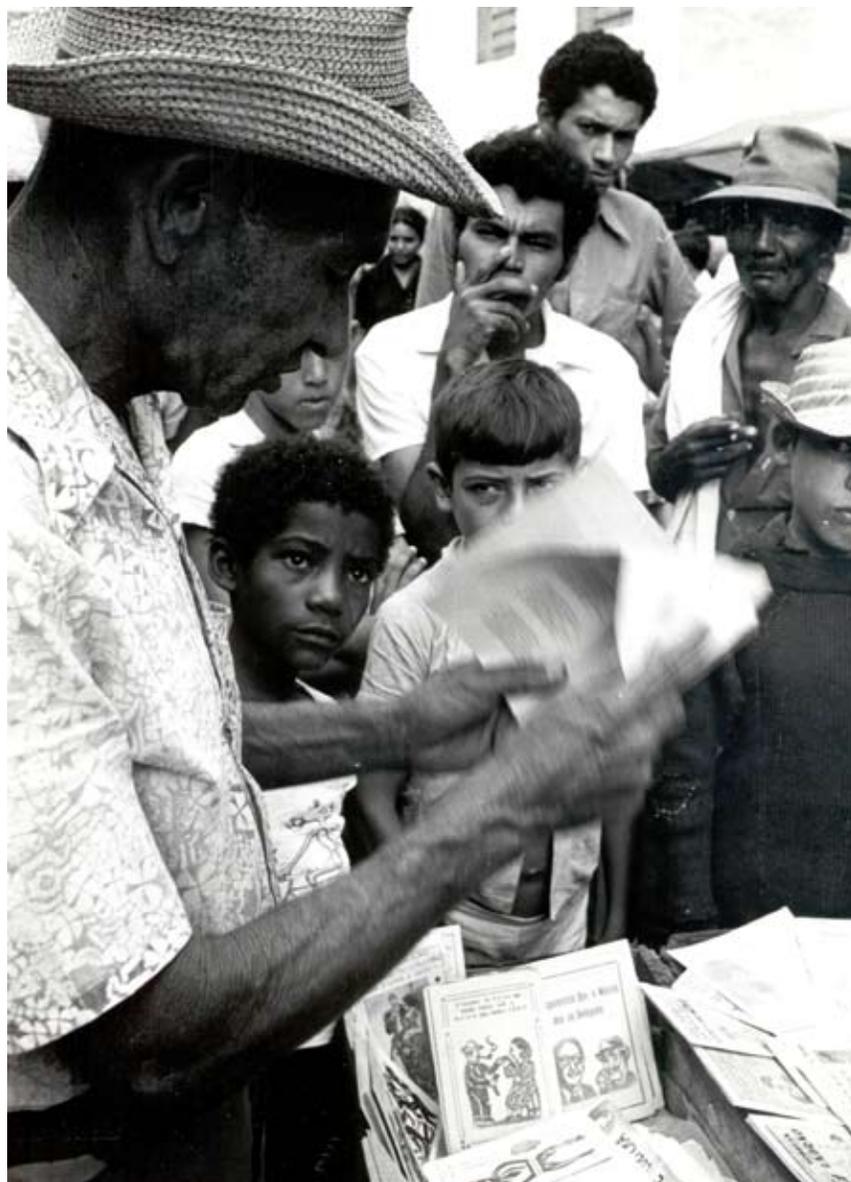
A suspensão da exibição do *Conquista* pelas emissoras educativas teve como causa, segundo Ronaldo Nordi, o Acordo de Cooperação e Amparo Técnico e Financeiro nº 01/80, celebrado entre o Ministério da Educação e Cultura e a Fundação Roberto Marinho. Os propósitos eram similares - a implantação e execução do *Projeto de Curso Supletivo de 1º Grau*, denominado SPG. O crédito orçamentário, especificado no Acordo, informava: “as despesas, no exercício de 1980, no valor total de CR\$ 250.000.000,00, que será repassado à Fundação (FRM), em seis parcelas mensais consecutivas, sendo a primeira correspondente a CR\$ 50 milhões, e as cinco restantes, no valor de CR\$ 40 milhões. Esse acordo foi assinado pelo Ministro da Educação, Eduardo Portella, e pelo presidente da FRM, Roberto Marinho, tendo como testemunhas José Bonifácio de Oliveira Sobrinho e José Mauro Dias da Cruz Gonçalves. (documento escaneado)

O “embrião” da Rede Educativa

A FCBTVE produziu e distribuiu, ao longo de 1980, para as emissoras integrantes do Sistema Nacional de Televisão Educativa (SINTED) e respectivas retransmissoras, 33 programas semanais. Em 14 de janeiro daquele ano foi firmado, pelas emissoras educativas brasileiras, um termo de compromisso para integrar o sistema. A coordenação geral do SINTED era feita em nível nacional por um colegiado constituído de todas as entidades oficiais, sendo o representante da TVE o seu presidente. Nesses termos, cabia à FCBTVE a coordenação operacional do SINTED.

Uma rede nesses moldes também fora sonho de Roquette-Pinto, nos tempos em que o rádio era o máximo em tecnologia em tempo real. Ainda na década de 30, mais precisamente em 1933, sob sua inspiração foi criada a Confederação Brasileira de Radiodifusão (CBR), congregando seis emissoras no Rio de Janeiro, uma de São Paulo, uma de Belo Horizonte, uma de Porto Alegre, uma do Pará, uma de Recife, e duas da Bahia. A CBR criou uma comissão educativa com a finalidade de promover o rádio como meio de educação direta. Como consequência, surgiu os *Quartos de hora da Comissão Rádio Educativa da CBR*¹, transmitidos de 18h45min às 19horas, diariamente, pelas seis emissoras filiadas do Rio de Janeiro, formando assim a primeira cadeia de programas educativos. Mais tarde, ao participar das discussões para criação da TV Educativa ligada à Rádio Roquette-Pinto, ele ambicionava, mais uma vez, uma rede que agregasse as co-irmãs nos mesmos moldes.

1. Suplemento Especial da Revista Brasileira de Educação, 1975.



O mosaico cultural brasileiro na tela da TVE. Essa é a missão de uma emissora educativa: olhar para a cultura em seu sentido amplo. Na foto cena de um especial sobre o folclore do Brasil, com a literatura de Cordel em Vitória de Santo Antão, Pernambuco



4

O ALICERCE DA MISSÃO





O encontro de dois grandes atores, em 1982,
no programa *Os Astros*, apresentado por Grande
Otelo que aqui entrevista Ítalo Rossi

Referenciais históricos

A TVE, além de afirmar-se centro produtor e gerador, será também um núcleo de reprocessamento das programações de todas as emissoras componentes do Sistema (Nacional de TVE). Deste modo, não se desprezam as peculiaridades regionais nem se impõe a todas as Regiões o produto de apenas uma. *Gilson Amado*¹

Como entidade vinculada ao Ministério da Educação, a FCBTVE e suas sucedâneas - FUNTEVÊ, FRP e ACERP - atuaram sempre com a finalidade de produzir e divulgar, em âmbito nacional, programas educativos e culturais. Desde a inauguração do Telecentro, e mais tarde com a conquista do canal 2, a TVE Brasil desempenhou importante papel como produtora de cultura. Cerca de 80% de suas emissões eram produções próprias, dispensando o uso de “enlatados”, como era comum em outras emissoras.

O cuidado com a grade de programação era demonstrado pela diversificação e pluralidade dos projetos, com

1. In TÁVOLA, Artur, *A TV Educativa no Brasil (segundo ela mesma)*, O Globo, 26/11/1979

foco para as faixas específicas de público. Assim, observa-se pela evolução histórica das grades de programação na primeira década, a distribuição dos programas de acordo com a composição etária, os interesses e as carências em termos de instrução, informação e lazer.

Na primeira fase, década de 70, constata-se a distribuição do trabalho em áreas de acordo com o perfil de público-alvo, que continuaria até meados dos anos 1980. O horário compreendido entre 19 e 21 horas – faixa nobre – durante longo período foi dedicado ao ensino supletivo, abrangendo a alfabetização de adultos com os cursos de 1º grau, da primeira a oitava séries, sob a forma de telenovela didática. O melhor exemplo, o *Projeto João da Silva*, teve cadastrado pelo Centro de Processamentos de Dados da Fundação, em 1979, cerca de 800 mil alunos em todo o País. (Relatório Atividades 1979 – Arquivo ACERP).

A faixa seguinte na programação da TVE – entre 21 e 22 horas - era responsabilidade da Área de Lazer Cultural, que tinha como compromisso oferecer *as melhores expressões em todas as artes, estimulando a opinião do espectador, dando-lhe oportunidade de estabelecer critérios próprios de julgamento*. (Ibid.) A informação vinha na seqüência. No horário das 22 horas, reservado à Área Informacional, procurava-se *mostrar a realidade em seus múltiplos aspectos para possibilitar ao espectador uma atitude crítica e consciente*. (Ibid.)

Nos fins de semana, a programação era dedicada à cobertura e análise dos eventos esportivos – “quer no setor profissional quer no amadorístico” – com a transmissão de jogos de futebol. Os relatórios anuais enfatizavam sempre o compromisso de atender aos diversos níveis de expectativa do público, geralmente não contemplados pelas emissoras comerciais.

Além dos serviços de broadcasting e produção de programas, desde os primeiros tempos em que operou com o canal aberto, a Fundação gerava sons e imagens de eventos esportivos para emissoras comerciais e mantinha convênios de co-produção com entidades públicas, como o Ministério do Exército – militares frequentaram cursos e exerceram cargos na FCBTVE -, e instituições como o Senac, Senai, entre outras.

Em 1976, quando a emissora TV Globo, de Roberto Marinho, sofreu um incêndio, a FCBTVE cedeu seu Estúdio Três, o maior de todos, entre julho de 1976 e fevereiro de 1977, para gravações de capítulos das novelas *Saramandaia*, *O Feijão e o Sonho* e *A Escrava Isaura*. A cooperação da FCBTVE mereceu críticas na época, entre elas, do *Jornal do Brasil*:

Para uma emissora que se mantém com recursos provenientes de impostos públicos, não seria esta decisão um tanto arbitrária? O que pensariam os contribuintes se soubessem que cooperaram para o soerguimento da Rede Globo? E a TVE – tão carente de recursos – não poderia pelo menos extrair algum lucro alugando seu enorme Estúdio Três – poderia render um bom dinheiro – em vez de simplesmente “ceder”, a título de cooperação? Cooperação, aliás, unilateral, porque em troca, o que receberá a TVE? As sucatas com que pretende produzir seus programas jornalísticos em 1977? A TV Globo, que não tem problemas financeiros, certamente não se negaria a pagar, se a questão tivesse sido conduzida com um pouco de habilidade administrativa pela TV. (JB, 24.04.1977, p.27)



Gilson Amado apresenta as instalações do Telecentro para alunos da Aeronáutica, em 8 de agosto de 1972

Tempos difíceis

A TVE viveu momentos difíceis durante o regime militar, que ficaram marcados na memória de muitos profissionais. A censura foi apontada em vários depoimentos como uma marca lamentável. “A TVE se equilibrava na ditadura. A escolha de palavras era uma verdadeira luta”, recorda Geraldo Casé que foi superintendente e diretor geral da emissora.

A censura nascera quase junto com a FCBTVE. Em consequência do *Ato Institucional nº 5*, toda a produção artística devia passar pela avaliação prévia da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), órgão ligado ao Ministério da Justiça. Peças de teatro, filmes, letras de músicas, programação de rádios e TVs só recebiam certificado de liberação após o exame dos censores. Além de determinar horário e classificação etária, os censores interferiam na obra, cortando diálogos, palavras e mesmo excluindo trechos.

Wilson Rocha, que atuava diretamente na produção de programas como Diretor do Departamento de Controle e Produção, lembra que muitas vezes o próprio Gilson Amado ligava para o Ministério da Educação para submeter nomes de pessoas que seriam entrevistadas. Na ausência de Gilson era Wilson Rocha quem fazia a consulta. Entre a relação de vetados, estavam Ziraldo - *não podia participar de programas por ser um dos artistas perseguidos*² -, Caetano Veloso e Chico Buarque. “Quando os convidados dos programas eram proibidos, a solução era buscar artistas nas áreas próximas ao prédio da TVE, no restaurante ao lado, desde que esses não ferissem o regime. A TVE ficava na Lapa, região já freqüentada por sambistas, atores de cinema, entre outras personalidades do mundo das artes”, lembra Rocha. Segundo ele, o re-

2. Segundo o escritor e cartunista, uma entrevista que concedeu a Grande Otelo, apresentador do programa *Os Astros*, não foi exibida (Veja foto). (Dpm. à autora em Nov/2006)

gime militar “preferia os programas culturais aos educacionais, pois era mais fácil de controlá-los”. Então – continua – “os projetos educacionais foram desaparecendo”. Sem citar o nome, Wilson Rocha recorda que Gilson teve um controlador ao seu lado vivendo em estado de sítio – “morreu nesse clima”.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TELEVISÃO

Certificado Nº 32.039/73

PROGRAMA JOÃO DA SILVA CAPÍTULO Nº 01

PRODUTOR FUNDAÇÃO CENTRO BRASILEIRO DE TV EDUCATIVA

EMISSORA FUNDAÇÃO CENTRO BRASILEIRO DE TV EDUCATIVA

HORÁRIO AUTORIZADO L I V R E PROIBIDO PARA MENORES ATÉ L I V R E

VÁLIDO ATÉ 16 DE AGOSTO DE 19 73

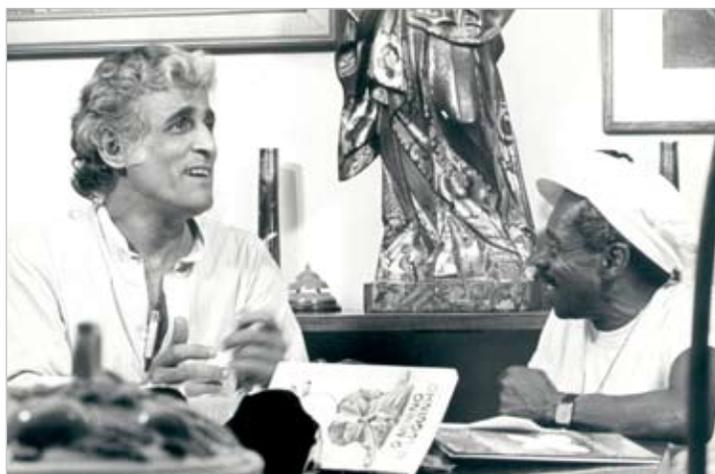
BOA QUALIDADE BRASILEIRA, 16 DE AGOSTO DE 19 73

LIVRE P/EXPORTAÇÃO

LIVRE

Roberto Nunes
ROBERTO NUNES
Diretor da DCDP

DFP 44-10



A censura em dois momentos: um certificado do departamento de Polícia Federal, de 10 de agosto de 1973, autorizando a exibição do capítulo 1º do *João da Silva* em horário livre, e o programa *Os Astros*, que não foi ao ar, com Ziraldo sendo entrevistado Grande Otelo

Fernando Pamplona, funcionário da TVE desde os primeiros momentos, situa algumas passagens do período militar. “No final do governo Figueiredo, entraram para a TVE 26 coronéis desorganizando os setores - um deles cortou o direito de transmitir o carnaval.” Segundo ainda as lembranças de Pamplona, sobre o jornal (telejornal) era exercida uma pressão maior, gerando a prática da autocensura.

Outra vítima da censura foi o jornalista Vilasboas Corrêa, que teve breve passagem pela TVE. Quando chefe da Sucursal de *O Estado de S. Paulo* no Rio de Janeiro, ele foi contratado e logo em seguida dispensado. Em depoimento dado ao repórter Odacy da Costa (JB, 24/04/77, p.27) ele afirmou que fora convidado por Fernando Barbosa Lima para participar do programa *1976*.

Não cheguei a ser contratado – ficou combinado um salário de Cr\$ 6 mil. (...) Trabalhei da forma mais branda possível (...) Depois do quinto ou sexto programa, Fernando Barbosa Lima, muito constrangido, informou-me que minha presença tinha sido vetada pelo Primeiro Exército. Lembro-me de que saí do ar na fase da campanha eleitoral e no meu último programa fiz uma ligeira gozação à Lei Falcão, mais para o lado do pitoresco do que para o político. Na ocasião, era comandante do Primeiro Exército o General Reinaldo Almeida, que tinha como assessor o Coronel Telesca. Procurei o coronel para contar a história, esclarecendo que não estava recorrendo, mas que o caso poderia vir a ser contado publicamente e o Primeiro Exército ser tomado de surpresa. Ele achou o ocorrido bastante estranho, dizendo que não se tratava de atribuição do Primeiro Exército e que dificilmente uma medida dessas seria to-

mada sem o seu conhecimento. Dois dias depois ele me telefonou garantindo que a medida não partira do Primeiro Exército. Daí em diante decidi não esmiuçar mais a questão.... (Ibid.JB, 24/04/77, p.27)

Os vetos à programação eram levados à imprensa. “Amado desmente censura na programação da TVE - *Gilson nega: Estamos é melhorando a qualidade*”, eram o título e o olho da matéria publicada pelo jornal *Última Hora* de 1º de agosto de 1979. O texto trazia a resposta do então diretor-presidente da Fundação às acusações feitas por Martha Alencar, supervisora do Setor de Rádio e Televisão da Embrafilme e responsável pela produção do programa *Cinemateca*, veiculado pela TVE. Segundo ela, a TV Educativa estaria censurando a programação proposta por sua equipe de Produção “e vendo com maus olhos toda discussão que, incluída no programa, foge à mera discussão formal do cinema brasileiro”. Entre os casos que geraram problemas estava o veto ao documentário *Sobral Pinto* – “um curta metragem com o famoso advogado, explicando as razões que o levaram a defender o líder comunista Luís Carlos Prestes – e o veto ao filme *O Universo de Mojica Marins*, de Ivan Cardoso”. Em resposta, Gilson deu a seguinte explicação:

Tenho a maior admiração por Sobral Pinto e, portanto, não poderia vetar um filme sobre ele se não fosse a sua baixa qualidade técnica. O material que vinha sendo enviado ultimamente era da pior qualidade técnica, e por isso vetamos - respondeu ao jornal.

Sobre o filme de Mojica, o presidente da TVE disse que não estavam interessados em mostrar “um jantar de antropofagia” na emissora.

Mesmo não admitindo, Gilson viveu em paralelo às proibições. Ele podia até não ter conhecimento de certos fatos, mas alguns buscavam alternativas para driblar os censores. Wilson Rocha, por exemplo, quando diretor de produção recebeu ordem do MEC para apagar “todos os programas que tratassem de conteúdos políticos”. Peguei - continua Rocha – “todas as fitas com futebol gravado e troquei os títulos de programas com referências políticas. E as que continham realmente programas políticos, coloquei jogos de futebol entre outros programas esportivos”. Assim, muito material foi preservado segundo o ex-diretor. Outro fato lembrado por ele foi o veto à exibição do programa Seu Quequé, de 1982, em que atuavam Osmar Prado e Jalusa Barcelos

Na coluna Sinopse, da Tribuna da Imprensa, Sebastião Nery registrou outro fato envolvendo Afonso Arinos ainda no período militar:

Em 1978, Rubens Amaral fez uma entrevista para a TVE com Afonso Arinos sobre o projeto de abertura de Figueiredo. Gilson Amado, presidente da TVE, vetou. O problema acabou resolvido no Palácio do Planalto: a entrevista foi para o ar. Logo depois, Rubens Amaral foi demitido da TVE. Agora, chamaram-no de volta. Mas, lá dentro, uma voz mais alta se levantou: “É preciso preservar a memória do fundador desta Casa”. E Rubens, um profissional capaz e experimentado, foi vetado...

Passados os “anos de chumbo” e para compensar o tempo perdido com a censura, a produção empreendeu uma verdadeira garimpagem pelos arquivos da emissora para colocar no ar os programas proibidos e trazer convidados até então impedidos de freqüentar os estúdios da

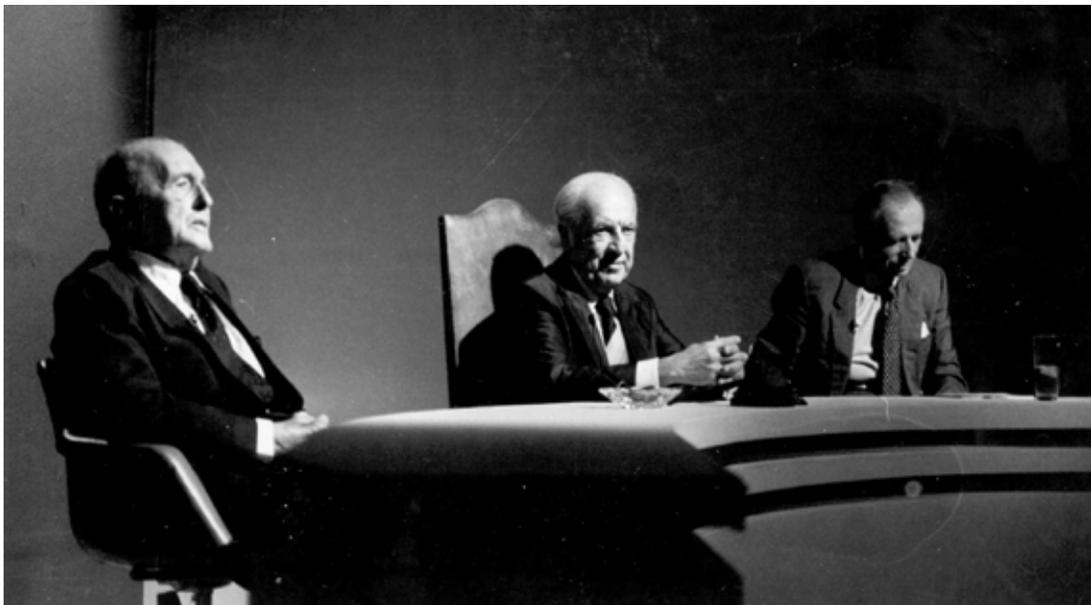
emissora. Era um outro Brasil que chegava naquele 1985, mesmo traumatizado com a morte de Tancredo Neves.

A Abertura

Fernando Barbosa Lima dirigia o Centro Nacional de TV Educativa Gilson Amado quando lançaram o slogan: *A nova imagem da liberdade*. “Reuni os funcionários e fiz o desafio – vamos fazer aqui uma televisão e mostrar que a ditadura acabou”, recorda. “Nessa fase” – continua – “foram criados 40 programas”. A meta era aproveitar os investimentos de estatais. Nas palavras do então diretor, foi uma verdadeira revolução. “Mudamos as vinhetas, tiramos o cinza das paredes, que lembrava um quartel, e viramos 24 horas trabalhando. O primeiro passo foi colocar no ar todos os programas censurados – os proibidos – enquanto preparávamos a nova grade. A TVE saltou para o 2º lugar em audiência”. Fernando Pamplona recorda esse período de intenso trabalho: “girávamos as noites criando cenários”.

Programa *Sem Censura*, que entrou no ar logo depois da abertura política: uma espécie de saudação ao fim da censura, como o próprio nome informava. Na foto, a então apresentadora Lúcia Leme e convidados







Também da década de 80, o *Advogado do Diabo* tinha um formato diferenciado. Sempre com quatro convidados percorria as várias áreas da cultura. Nesse programa de 1988, participaram os atores (direita para esquerda) Paulo Betti, Antônio Grassi, Paulo Gorgulho e Jacqueline Laurence

◀

Tribunal da História, criado logo depois do fim da censura, em 1985, tinha como proposta colocar frente-a-frente posições antagônicas. Acima, debate entre o líder comunista Luiz Carlos Prestes e o economista Roberto Campos, mediado por Alfredo Tranjan. Abaixo, o então líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva e o empresário Theófilo de Azeredo Santos, que presidia o Sindicato dos Bancos do Rio de Janeiro



Um nome na história, apresentado pelo jornalista Roberto D'Ávila, que aparece nessa foto de 1982 entrevistando o pesquisador, jornalista, cronista e musicólogo Jota Efege, autor do livro "Figuras e Coisas do Carnaval".

Com toda essa maratona entraram no ar programas com nomes sugestivos, como o *Sem Censura*, que estreou no dia 1º de julho de 1985, das 13h às 15h, de segunda a sexta-feira, comandado pela jornalista Tetê Muniz; *Tribunal da História*, dirigido por Maurício Scherman, reunia figuras antagônicas como o então sindicalista Luiz Inácio da Silva e o empresário Theófilo de Azeredo Santos, que presidia o Sindicato dos Bancos/RJ; e o comunista Luiz Carlos Prestes frente a frente com o conservador Roberto Campos. “No dia em que levamos o Prestes”, conta Barbosa Lima, “percorri com ele todas as salas. As pessoas se assustavam, afinal, era um comunista até então proibido. Eu queria mostrar que os tempos eram outros”.

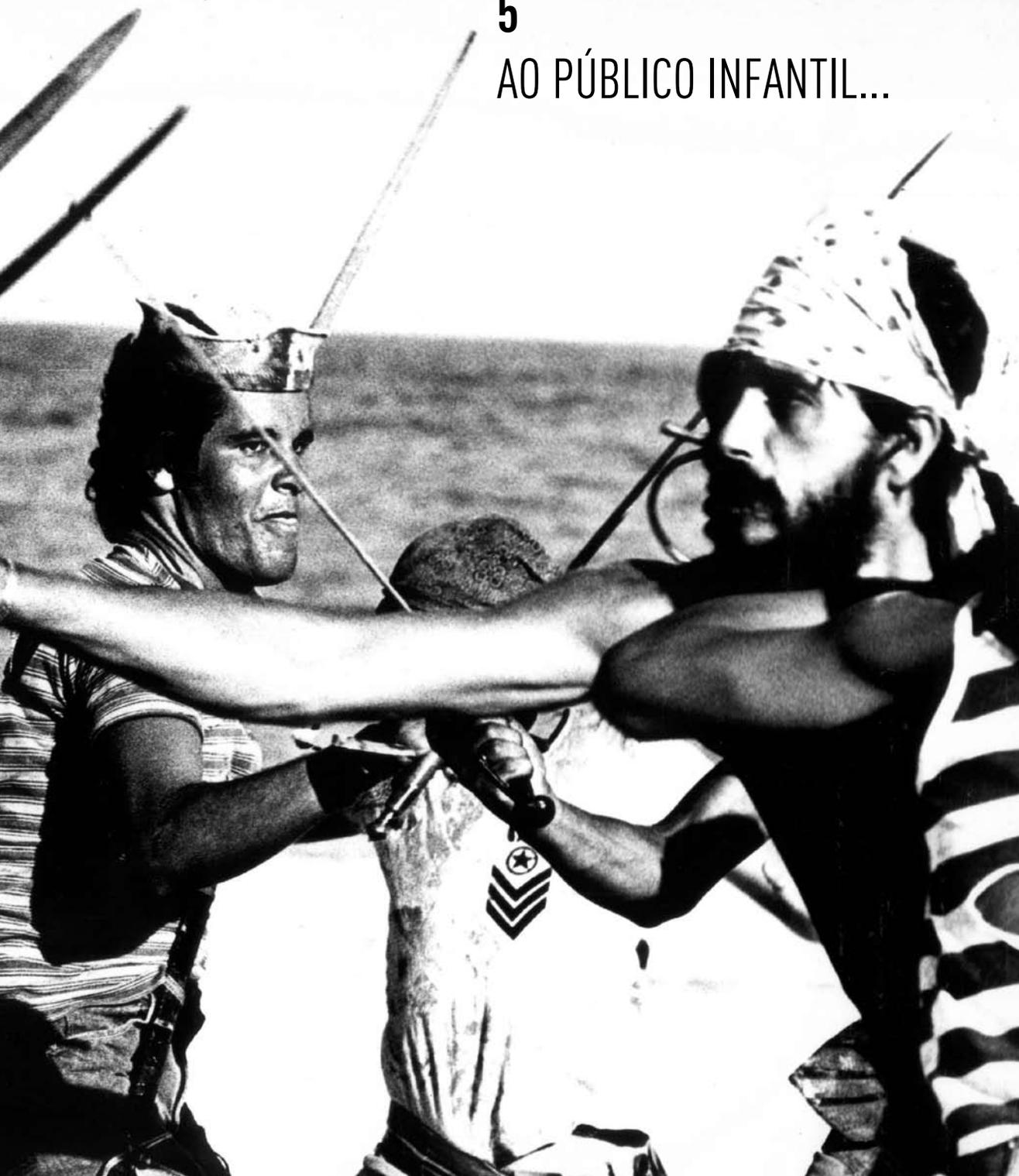
São dessa época também o *Cadernos de Cinema*, apresentado na época por Marina Colassanti, *Um nome da história*, com o jovem repórter Roberto D'Ávila; *Advogado do Diabo*; *Eu sou o show*; *Metrópoles da Arte*; *Tribunal do Povo*; *Sexta Independente*, que apresentava documentários; *Caderno 2*, uma revista cultural apresentada por Ana Kfourri; os infantis *A turma do Lambe-Lambe*, com Daniel Azulay, *Aventuras do Tio Maneco*, com Flavio Migliaccio, o *Teatro Infantil*; e a série *I Love you*, uma aula de inglês pela televisão, que tinha como inovação a tradução de músicas cantadas pelos alunos que participavam. O programa nº 7 dessa série, que foi exibido em 30 de novembro de 1985, conquistou o 3º lugar na categoria *Programa Educativo* no Festival Internacional de Televisão de Nova York. O programa era apresentado por Márcia Krengiel e produzido por Márcia Hersehnhut.

Na memória de Fernando Pamplona, os primeiros momentos da abertura podem ser sintetizados num fato ocorrido ainda no governo Figueiredo.

Gilson quando sentiu a abertura do regime contratou Nilson Lage que era de esquerda. Ele fez dois programas de uma hora, abertos por Ziraldo. Quando Figueiredo desembarcou em Santa Catarina e foi xingado por um menino, disse um palavrão no ar. A mídia tinha ainda medo de exibir as imagens. Gilson perguntou a Nilson o que fazer - e este respondeu: exibir. E elas foram mostradas na íntegra. No dia seguinte, Gilson recebeu um comunicado dizendo que ele tinha acreditado na abertura e que era para valer, parabenizando-o pela coragem que Roberto Marinho não teve.



5
AO PÚBLICO INFANTIL...





Piratas em combate durante gravação
de *Pluft, o Fantasminha*

Produções qualificadas

A TV pode ser uma janela e uma ponte para vários campos da vida, não só transmitindo conteúdos de qualidade e valores éticos, mas também estimulando a criança a buscar novas formas de conhecimento. Ela deve ser instigante, despertar a curiosidade da criança, evitar que ela se torne uma espectadora passiva dos acontecimentos. Não podemos esquecer nunca que a TV transmite modelos para a criança. E temos, portanto, que estar atentos aos modelos que transmitimos.

*Beth Carmona*¹

No dia 1º de abril de 1975, estreou na Rede Globo a novela *Pluft, o fantasminha*, adaptação da peça infantil de Maria Clara Machado. Foi a primeira produção para crianças realizada em cores, resultado de uma parceria entre a Rede Globo e a FCBTVE, então um centro produtor. Os grupos dividiam as responsabilidades. A “novela jovem”, como foi anunciada, foi roteirizada e dirigida por Geraldo Casé, então da FCBTVE, sob a coordenação de produção de João Paulo Carvalho e Mônica Neves. No elenco estavam Norma Blum, Zilka Salaberry, Flávio e Dirce Migliaccio, que atuavam tendo

1. Revista E, Sesc/SP, Fev. 2004, nº 81, ano 10

como fundo sonoro as trilhas compostas por Lucio Alves, também criador da música tema.

A FCBTVE foi responsável pela gravação das cenas internas realizadas em seus estúdios, com cenários criados por Plínio Cipriano. As externas eram gravadas na praia de Grumari. Com duração média de 30 minutos cada capítulo, a novela era exibida duas vezes por semana às 18h30min, na TV Globo.

Sítio do Picapau Amarelo

Este foi o segundo projeto dirigido ao público infantil que alcançou repercussão nacional. Com recursos financeiros do Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa uniu-se à TV Globo para desenvolver o programa baseado na obra de literatura infantil de Monteiro Lobato. Uma versão anterior fora apresentada em 1952 pela TV Tupi. Nessa nova edição, a fantasia foi o ingrediente principal da série, que estreou em 7 de março de 1977.

A TVE, então dirigida por Gilson Amado, ficou responsável pela produção, sob a coordenação de Geraldo Casé. Pela parceria, a Globo, então liderada por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, contribuiu com o elenco, formado por 35 atores, entre eles, Norma Blum, Zilka Salaberry, Dirce Migliaccio, Júlio César, Rosana Garcia, André Valli, Nelson Camargo e Ari Coslov. Para as gravações externas foi construído um sítio na Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, com cenários criados por Arlindo Rodrigues. As cenas internas, como no *Pluft, o fantasminha*, foram gravadas nos estúdios da FCBTVE. O projeto contou com uma equipe de pedagogos e psicólogos da Universidade de Campinas (Unicamp), que faziam a adaptação lingüística e pedagógica.

Com uma riqueza de detalhes, os capítulos partiam da elaboração de histórias selecionadas por um grupo de roteiristas, entre eles, Benedito Ruy Barbosa, Marcos Rey, Wilson Cunha e Sylvan Pacheco, mais os adaptadores de texto – Wilson Rocha e Paulo Afonso Grisolli. O objetivo era educar através da fantasia. Como pano de fundo para a história estava lá o folclore, enriquecendo as cenas com o mosaico de culturas regionais que formam o Brasil. Segundo Geraldo Casé, o programa contou com a melhor trilha sonora. Foram encomendadas canções a Ivan Lins, Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Chico Buarque, Sergio Ricardo e Gilberto Gil.

O espaço à criança no canal TVE

A programação infantil ganhou destaque no início dos anos 1980 com os programas *A Turma do Lambe-Lambe*, com Daniel Azulay, e *Canta Conto* (foto), com Bia Bedran. A série *Patati-Patatá*, realizada pelo Núcleo de Produção Didática da FUNTEVÊ em convênio com a Secretaria Estadual de



Programa *Canta Conto*, em foto de 1988, com a apresentadora Bia Bedran reunida com crianças no estúdio da TVE



Em cena de o *Sítio do Picapau Amarelo*, André Valli, como o Visconde de Sabugosa, Dirce Migliaccio, como a boneca Emília, Zilka Salaberry, Dona Benta, e Jacyra Sampaio no papel de Tia Nastácia



Programa *I love you*, uma aula de inglês para crianças conduzida pela professora Márcia Krenziel, em 1987



Cena de *Patati-Patata*, programa infantil que consistia de atividades lúdicas apresentadas por crianças. Projeto com a Secretária de Educação do Município do Rio de Janeiro conquistou o Prêmio Especial Japão





Acima, os atores Alby Ramos e Inês Galvão freqüentadores da lojinha de “Seu Bililico”, interpretado por Castrinho em o *Bazar Tem-Tudo*, produção dirigida para crianças a partir de cinco anos

Educação do Rio de Janeiro conquistou o Prêmio Japão 1981, concedido pela Rede de Televisão Estatal NHK. Produzido sob orientação dos professores Roberto Salvador e Luiz Gonzaga de Lima Vasconcelos, e dedicado ao pré-escolar, foi considerado o melhor conteúdo pedagógico entre trabalhos de cerca de 100 países.

O *Patati-Patata* consistia de atividades lúdicas apresentadas por crianças, com aproveitamento dos tradicionais jogos e brincadeiras infantis e dos assuntos ou acontecimentos que mais mobilizavam as crianças na época, tais como o circo e as festas juninas. “Tudo com a finalidade de conduzir adequadamente o desenvolvimento da criança, nos aspectos social, psíquico, afetivo e motor”, informava o catálogo de programas 1984/1985.

Com os resultados alcançados nas primeiras produções dirigidas às crianças, a TVE manteve o espaço dedicado a esse público com programas que, embora com produções mais simples e menos onerosas, procuravam seguir a orientação da área pedagógica. No início dos anos 1980, a programação continuava dividida em grupos dirigidos por equipes distintas e com produções específicas.

Um catálogo de programação elaborado na gestão de Samuel Pfromm Netto (1984-1985) descreve alguns programas da época que eram, inclusive, oferecidos para comercialização a outras emissoras. Eram séries selecionadas de audiocassetes (da Rádio MEC) e videocassetes, que abrangiam “grande variedade de áreas, como infanto-juvenil, ensino, complementação cultural, literatura, ciências e as tecnologias, línguas estrangeiras, folclore, música popular, música erudita, história, etc”, informava o texto de abertura do catálogo, assinado pelo presidente da Fundação. “Nossa programação de ensino é fator

Um dos momentos de ação da novela infantil *Pluf, o fantasminha* com a atriz Norma Blum interpretando o papel de Maribel. Integravam o elenco Zilka Salaberry, Flávio e Dirce Migliaccio, entre outros atores. O projeto, de 1975, também foi resultado de parceria com a Rede Globo



eficiente e coadjuvante na área de educação à distância, destacando-se os cursos supletivos e os de qualificação profissional”, completava Pfromm Netto.

A relação de infanto-juvenis destacava cinco programas: *As Aventuras do Tio Maneco*, *Bazar Tem Tudo*, *Daniel Azulay*, *Olho Mágico e Plim-Plim* e a *Janela da Fantasia*. *Aventuras de Tio Maneco*, por exemplo, segundo o catálogo, apresentava histórias de aventuras roteirizadas por Flávio Migliaccio e por ele interpretadas no papel principal. As histórias, em séries de capítulos, desenrolavam-se numa cidadezinha – Vila da Agonia – perdida no tempo e no espaço. Produzido pelo Núcleo Educativo e Cultural, o programa dirigia-se a crianças de 6 a 11 anos, com du-

Plim-Plim e a *Janela da Fantasia* levava as crianças à interpretar personagens do mundo infantil. Gualba Pessanha, na foto com Bia Bedran, conduzia as histórias e brincadeiras com a ajuda de objetos e enfeites de papel criados por ele mesmo, enquanto conversava com as crianças participantes, fazendo-as narrar e dramatizar histórias por elas inventadas

ração de 25 minutos. A FUNTEVÊ mantinha em seu acervo 329 episódios.

O *Bazar tem Tudo* era um programa humorístico em torno da figura principal, o seu Bililico, dono de uma lojinha interiorana, freqüentada por diversos e curiosos tipos humanos, que falavam de suas experiências e emoções. Com duração de 15 minutos e dirigido a crianças a partir de cinco anos, tinha disponível 160 programas. *Daniel Azulay* levava o nome do apresentador. Seguiu o formato de narração e descrição de fatos ou histórias, ilustrados com desenhos que o apresentador ia executando ao longo do programa. Os assuntos referiam-se a datas comemorativas, ciências, geografia, artes e história, além de entrevistas com profissionais de vários ramos de atividade. Voltado a crianças de 3 a 10 anos, a TVE chegou a reunir 177 programas para comercialização.

O *Olho Mágico* tinha formato diferente. Em número menor – 14 programas de 30 minutos – fazia a apresentação de todos os elementos envolvidos na realização de um filme. O objetivo era mostrar o cinema por dentro. O *Plim-Plim e a Janela da Fantasia* consistia de histórias e brincadeiras infantis enriquecidas com objetos e enfeites de papel criados e executados pelo apresentador. O programa, dirigido a faixa de 3 a 10 anos, contava com a participação de crianças que eram provocadas a narrar e dramatizar histórias por elas mesmas inventadas ou já ouvidas em casa ou na escola. A TVE chegou a oferecer 181 episódios desse programa.



Especial ambientado nos anos 1950, *Uma professora muito maluquinha*, inspirado na obra de Ziraldo, mostrava os métodos nada convencionais de lecionar de uma professorinha do interior, interpretada por Leticia Sabatella



6

A PROGRAMAÇÃO





Conversa de Orelhão foi criado com o objetivo de informar a população sobre os novos aparelhos – orelhões públicos - da TELERJ. Patrocinado pela companhia telefônica o programa utilizava o humor para introduzir campanhas educativas. Eram esquetes de seis minutos de duração interpretados por Cléa Simões, Ary Fontoura, entre outros atores

Caminhos trilhados em três décadas

É cultural a televisão que não se limita à transmissão de cultura produzida por outros meios, mas a que trabalha na criação cultural a partir de suas próprias potencialidades expressivas. O que envolve não se limitar a ter uma faixa da programação com conteúdo cultural, mas sim ter a cultura como projeto que atravessa qualquer um dos conteúdos e dos gêneros. *Martín-Barbero*.¹

A educação foi a origem e permaneceu como o carro chefe da programação da TVE pelas décadas seguintes. Um planejamento elaborado para o ano de 1979, ainda na gestão de Gilson Amado, determinava as principais diretrizes que a produção da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa deveria adotar. Na abertura, o documento interno – *Diretrizes para a Produção* - afirmava que a FCBTVE posicionava-se no mercado nacional de idéias como um núcleo de fermentação e difusão de insumos para uma nova política educativo-cultural no país. Deixava explícito que a TVE não pretendia “*substituir salas de aula, nem concorrer em termos quantitativos*

1. MARTÍN-BARBERO, Jesús, in *Televisão pública: do consumidor ao cidadão*, p.71-72.

(índices de audiência, rentabilidade pura e simples) com emissoras comerciais, mas funcionar como uma peça motivadora da educação permanente, um elemento de supra-sistema nas redes culturais do país”.

Alguns fatos chamam a atenção no documento de 65 páginas: a classificação do “produto TVE” (deveria ser gerado de forma a atender ao quadro das demandas e carências sociais); a preocupação com o processo criativo; a participação dos criadores (reuniões regulares entre produtores e redatores – as chamadas equipes de produção); investimento na formação e treinamento de profissionais, assim como o recrutamento de profissionais de criação (produtores e autores). O item Área de Concentração esclarecia que a subdivisão visava desenvolver um “produto” capaz de fazer face à pluralidade das necessidades sociais, identificadas conforme o público potencialmente atingido na época pela TV: “a comunidade em geral e determinados segmentos da mesma a serem atendidos de forma específica”.

A Fundação estabeleceu quatro áreas de produção: instrucional, infanto-juvenil, informacional, lazer cultural, além da área responsável pelos horários compulsórios (portaria 568²). A TVE chegava ao fim da década de 70 com uma organização do ponto de vista teórico que demonstrava a existência de um grupo pensante no fazer televisão educativa. Sem entrar no mérito da qualidade dos programas produzidos, é oportuno aqui destacar a forma como era organizada a estrutura de produção na época.

A *Área Instrucional*, por exemplo, era encarregada de produzir programas voltados a adolescentes e adultos “carentes de formação específica”. A estratégia, de acordo com o documento, era estimular a “abolição de barreiras entre as diversas modalidades e graus de ensino”, oferecendo possibilidades ao telespectador de com-

2. Em 1980, foi revogada a Portaria 408/1970 e promulgada a Portaria 568, que regulamentava “o tempo obrigatório e gratuito que as emissoras comerciais (...) deverão destinar à transmissão de programas educacionais, de 5 (cinco) horas semanais”. O Art. 4º informava que a responsabilidade pela execução e coordenação das atividades previstas na Portaria seria da Secretaria de Aplicações Tecnológicas (SEAT), que, por sua vez, manteve a FCBTVE como centro produtor e distribuidor de programas para atendimento aos horários compulsórios por outras emissoras.

binar o seu trabalho com a educação. Entre os programas oriundos desse grupo estavam o curso supletivo *João da Sikva* e o *Projeto Conquista*.

Já a *Infanto-juvenil* – dirigida a crianças e adolescentes – era responsável pela criação de programas que promovessem a educação pré-escolar a partir de modelos compatíveis com o desenvolvimento harmônico da infância. Como meta principal estava a busca de novas formas de contato entre a criança e a televisão. Entre os programas desse núcleo estavam *Era uma Vez* (leitura de contos infantis, criticado inicialmente pela falta de elementos narrativos, como teatro de bonecos); *Sítio do Picapau Amarelo* (produção conjunta com a TV Globo); *Arco Iris* (englobava três blocos *A Turma do Lambe-lambe*, com desenhos e artes manuais; *Correspondência de Daniel Azulay*; e *Desenhos e Comédias* (documentários seriados).

Depois dessas experiências, essa área foi recebendo acréscimos, com a introdução de novos programas e técnicas telepedagógicas. Entre esses programas estavam os já citados *Patati-Patatá* e as séries de caráter lúdico como *Plim-Plim - Mãos Mágicas*, *Os Batutinhas*, *Gogo*, *Gugu e Maravilha*, *Curumim*, *Tio Maneco*, *Os Melhores Desenhos do Mundo*, *Caixa de Brinquedos*, e *Teatro Infantil*.



Cena de uma apresentação de teatro infantil nos estúdios da TVE Brasil. A produção fazia parte da área Infanto-Juvenil e seguia técnicas telepedagógicas



É preciso cantar, apresentado por Fernando Lobo com a cantora Maria Maria e o pianista Anselmo Rianzoni

O núcleo de *Lazer Cultural* concentrava o maior volume de produção. Tinha como estratégia estimular o autodidatismo, “para levar o indivíduo da sociedade de massa a se converter em sujeito do seu próprio processo de desenvolvimento educativo-cultural” (Ibid.). A idéia proposta pelos ideólogos das *Diretrizes de Produção*, de 1979, era que se criassem condições para que o telespectador pudesse aliar seu tempo de lazer aos desejos pessoais de pesquisa e busca de conhecimento.

A lista de programas desse grupo ocupava a maior parte da grade - *Ginástica* (programa de aulas de ginástica com Yara Vaz e Gilliat Vaz); os esportivos *Stadium* (exibido pela primeira vez em 1976); *Bola Dois*, *Esporte Total* e *Futebol*; e os dirigidos à produção cultural *Cena Aberta* (divulgação do movimento teatral); *Coisas Nossas* (filmes de curta metragem, financiados e selecionados pela Embrafilme); *Cinemateca* (produção realizada em convênio com a Embrafilme); *Cadernos de Cinema* (exibição de filmes de longa metragem com debates); *É Preciso Cantar* (programa musical apresentado por Fernando Lobo, lançado em 1977, envolvia 10 convidados); *Coletânea* (filmes sobre a I e II Guerra Mundial); *Opus* (abrangia entrevista e musical); *Nota Jazz* (uso de filmes e gravações, com apresentação de convidados); *Os Mágicos*; *Uma Data para Lembrar* (produzido em convênio com a SEC/RJ); *Civilização* (filmes da BBC); além dos religiosos *Palavras de vida* (da Arquidiocese do RJ) e *Reencontro* (do pastor Faini).

A *Área Informacional* englobava os produtos do telejornalismo, como *1979*, programa jornalístico que permaneceu no ar até meados dos anos 80, mudando o nome anualmente; *Lições de Vida* (apresentado por Gilson Amado, ficou no ar até sua morte); *A Verdade de cada um*

(debates sobre temas educativos); entre outros que foram chegando no decorrer dos tempos.

Na *Área de Horários Compulsórios* estavam os programas destinados a atender a Portaria 408/70, mais tarde substituída pela Portaria 568 (21.10.1980), com um núcleo de produção exclusiva. Desse núcleo saiu uma grande variedade de programas, entre eles, *Em busca do conhecimento* e *Nossa Terra, Nossa Gente*.

Os entendimentos entre a Fundação e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (SME) proporcionaram experiências que serviram para avaliar a relação televisão-escola, dentro da própria escola. O *Projeto TV na Escola*, por exemplo, que iniciou as transmissões em 1981, deu origem à série *Era uma Vez*. “Essa série” - recorda Yacyra Peixoto Valentim Meira, que ingressou na TV em 1977 - “consistia na veiculação, em circuito aberto pela TVE, de programas baseados em histórias infanto-juvenis de autores nacionais, para crianças da 1ª a 4ª séries matriculados em 21 escolas da cidade do Rio de Janeiro”.

Depois das práticas bem sucedidas com as novelas educativas – *João da Silva* e *Conquista* -, o núcleo pedagógico voltou-se para projetos visando ao aperfeiçoamento de professores. Também em parceria com a SME/RJ, a FCBTVE deu continuidade ao *TV na Escola*, com conteúdos variados que iam da matemática, passando por ciências, noções de saúde, aos conhecimentos gerais. Essa programação passou a ser veiculada em março de 1986 com as séries didáticas *Qualificação Profissional*, *Atenção Professor*, *Conhecimentos Gerais*, *Ciências em Casa*, *Didática de Ciências*, *Vamos Gostar de Matemática*, entre outros.

O programa *Qualificação Profissional*, transmitido em vários estados, visava ao universo de professores leigos - com segundo grau completo ou incompleto ou com

formação para o magistério incompleta - e aqueles professores que não ultrapassaram ou concluíram o primeiro grau. Conforme descrição do *Catálogo de Programas Educativo-Culturais 1984/1985*, consistia de “*dramatização de situações de ensino-aprendizagem, seguida de narrativa que sintetiza e organiza as noções que o programa pretende transmitir*”. Destacava os conteúdos das diversas séries: *Fundamentos da Educação* (30 programas); *Didática* (30 programas); *Comunicação e Expressão* (30); *Artes Plásticas* (9); *Música* (6); *Ciências* (20); *Educação para a saúde* (10); *Matemática* (30); *Estudos Sociais* (20); *Estrutura e funcionamento do ensino de 1º grau* (5); *Educação Física* (10); *Recursos Audiovisuais* (5). No total, a Funtevê oferecia 205 programas de 15 minutos.

A Fundação empreendeu nesse período as primeiras consultas para avaliar faixas da programação como, por exemplo, a pesquisa de campo feita com a série *As Máscaras*; a sondagem de opinião do programa *Tudo é Música*; uma análise de *A Turma do Lambe-Lambe*; e uma pesquisa de avaliação da série *Decisão Pública*. Nos anos seguintes, essas avaliações passaram a se ocupar de outros programas, como a série *Catavento*, e o projeto *TV na escola*, que já tinha adotado formato distinto.

Universidade Viva

Com a experiência adquirida em produções educativas para 1º e 2º graus, a Funtevê implantou, em 1986, o *Projeto Universidade Viva*, visando ao 3º Grau. O projeto consistiu em aulas, conferências, experiências científicas, seminários e simpósios, desenvolvidos em universidades de todo o País.

A fase voltada à educação instrucional não foi exclusividade da TVE na década de 80. A televisão em geral

foi usada como fator de multiplicação de vagas e matrículas, atividade que se estenderia por mais de 30 anos. (Cf. MACÊDO COSTA, Antonio Luiz de, 2006). As TVs educativas, em sua totalidade, representavam um serviço público do MEC e das Secretarias de Educação, atuando como complemento ou até substituição do professor em sala de aula, como foi com o modelo adotado pela TVE do Maranhão, criada em 1969 pelo Governo do Estado, com o objetivo de expandir o ensino secundário quase inexistente na época. Essa emissora foi federalizada e incorporada à FUNTEVÊ, em 1986, durante o governo do presidente José Sarney.

Os anos 80 renderam frutos à programação da TVE, assim como à televisão em sua totalidade. Pela TVE passaram tanto nomes consagrados como jovens que se revelariam talentos incondicionais mais tarde. Entre esses estava Bussunda (Cláudio Besserman Vianna), com seu programa *Cabeça Feita*, que estreou em 1988. Era um programa que tentava “fazer a cabeça” tanto de jovens quanto de adultos, abordando questões como sexualidade, drogas, adolescência, entre outros temas que monopolizavam a atenção na época. No rol dos “consagrados” estavam Grande Otelo, que brilhou na apresentação de *Os astros*, lançado em 1981 e que permaneceu no ar por mais de cinco anos; Ziraldo com o *Papo*, programa de entrevista que estreou em 1988 e que também contou com apresentações de Zuenir Ventura; Artur da Távola, com *A Arte de ver e ouvir*, lançado em 1987, entre outros.

É dessa década também o programa *Aquarela do Brasil* que acabou se transformando em uma série. Dirigido por Sonia Garcia, o primeiro programa foi ao ar em 1981, para atender a uma demanda do Governo Federal, então sob a presidência do general João Batista Figueiredo (1979-1985), para que a TVE do Rio de



O Papo, apresentado por Ziraldo, reunia no estúdio da TVE Brasil personalidades das mais variadas áreas. Na foto, momento da entrevista com a atriz Fernanda Montenegro

Janeiro produziu um especial comemorativo ao 7 de setembro. A FCBTVE, então presidida por Cláudio José da Silva Figueiredo (1981-1982) aceitou o encargo e, por decisão de Roberto Martins Parreira, diretor do Centro Nacional de TV Educativa Gilson Amado (responsável pela programação da TVE), a missão coube à Sonia Garcia. Segundo ela, a idéia era fazer um programa que falasse do Brasil antropológico. “Nós queríamos também falar de liberdade”, relata. “Fomos – continua – em busca de todos os movimentos, como a Semana de Arte Moderna, a Tropicália, enfim, todas as manifestações culturais em defesa da liberdade”. Segundo a diretora, o programa apresentou uma espécie de mosaico cultural. Com críticas favoráveis da imprensa na época – “Uma aquarela inesquecível: modernismo chega à televisão”, informava o título da matéria publicada pelo *O Globo* em

9 de setembro de 1981; no *Jornal do Brasil* (11/09/1981), a colunista Maria Helena Dutra afirmou: “... sempre vale a pena dar força à estação (TVE) que transmitiu na segunda e terça-feira passada um dos melhores programas deste ano: *Aquarela do Brasil*”. A idéia vingou e o que era para ser um especial acabou resultando mais tarde em uma série.

O Canal comunitário

Em março de 1982, o então presidente da FUNTEVÊ³, Cláudio José da Silva Figueiredo, propôs à Secretaria de Educação do Rio de Janeiro a instalação de um canal de Televisão em UHF para a criação da primeira televisão comunitária da cidade, pioneira desse gênero no Brasil. O projeto *Canal 32* foi elaborado e executado cobrindo as regiões de Bangu, Campo Grande e Santa Cruz, abrangendo quatro Distritos Educacionais. A programação contou, inicialmente, com as séries *Vamos Gostar da Matemática* e *Didática de Ciências*. Dois anos depois as transmissões do Canal 32 chegavam a todas as escolas da rede de recepção organizada da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, atingindo uma média de 30 mil alunos. A programação era dirigida também aos professores, com as séries didáticas como *Qualificação profissional*. A primeira fase do projeto foi concluída em dezembro de 1982, com a decisão por parte das acordadas pela sua continuidade.

No ano seguinte, quando presidia a FUNTEVÊ o Coronel Gilberto Bezerra Cavalcanti, o *Canal 32* deixou de funcionar. Veio a reviravolta. Ainda em 1983, a secretária de Educação, professora Maria Yedda Leite Linhares, propôs uma ação conjunta prevendo a continuidade do *Canal 32*. Em dezembro daquele ano era

3. O nome Funtevê substituiu a sigla FCBTVE, conforme a Portaria Ministerial nº 565, de 08/10/1981.

assinado o Protocolo n° AJ/114/93, entre a FUNTEVÊ, o Município e o Estado do Rio de Janeiro, com vistas à utilização da retransmissão do *Canal 32* para programas educacionais e culturais dirigidos às escolas municipais da rede oficial de ensino.

Em 1984, o novo presidente da FUNTEVÊ, Samuel Pfromm Neto, designou em portaria (n° 17, de 29/02/84) o consultor pedagógico Manoel Jairo Bezerra para coordenar a volta das operações do *Canal 32* com a SME, o que se efetivaria em agosto daquele ano. Dois meses depois, a programação chegava em todas as escolas da rede de recepção organizada da Secretaria Municipal de Educação. “Esse canal era uma espécie de link de extensão para levar os programas educativos às escolas”, destaca Yacyra Meira.

Os difusos anos 1990

Essa década vai iniciar com um troca-troca presidentes. No primeiro ano, foram três os que sentaram na cadeira da presidência da então Fundação Roquette-Pinto (FRP)⁴. Começou com Heitor Herberto Salles (26/07/1989 a 30/05/1990), seguido de Carlos Alberto Allgayer (30/05/1990 a 30/10/1990), substituído por Frederico Lamachia Filho (30/10/1990 a 08/10/1991). Enquanto mudavam os presidentes da Fundação, permanecia o diretor da TV Educativa, José Aurélio Barbosa de Medeiros, o Leleco Barbosa, filho do apresentador de televisão Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Ele se manteve como diretor de 30 de maio de 1990 a 8 de agosto do ano seguinte. Foi o tempo para ter sua gestão criticada tanto internamente quanto externamente, como atestam alguns recortes de jornais da época. Em sua edição de 15 de setembro de 1991, o *Jornal do Brasil* informava:

4. Veja as mudanças institucionais à página

“Há duas semanas, durante quase duas horas de uma tarde de domingo, a TV Educativa transmitiu, ao vivo, um jogo de futebol entre funcionários do Sindicato dos Rodoviários do Rio de Janeiro. Segundo o diretor de Operação e Produção da TVE, Leleco Barbosa, a transmissão foi uma “gentileza que não gerou custos operacionais para a emissora”. O favor é mais um item do rol de denúncias contra Leleco, nomeado pelo presidente Fernando Collor, seu amigo. Funcionários da emissora contam que, em fevereiro deste ano (1991), já na gestão de Leleco, o ex-deputado Agnaldo Timóteo invadiu os estúdios do programa Sem Censura, chamado pela direção da TVE para agredir o ator Jonas Bloch, que fazia críticas à política cultural do governo Collor. No programa, ao vivo, Agnaldo Timóteo fez ameaças e ofensas ao ator, dizendo que não permitiria “que se falasse mal do patrão na casa do patrão”. (JB, 15/08/91, p.27)

A reportagem incluía a resposta do diretor: “Se entrei aqui da maneira que entrei, posso sair a qualquer momento. O cargo não é meu.” Menos de um mês depois, Leleco Barbosa deixava o cargo sendo substituído por Alberto Maluf. As crises na emissora se sucediam estimuladas pelas mudanças administrativas.

A FUNTEVÊ, que estivera sob controle da Presidência da República no governo José Sarney, quando era dirigida pelo jornalista Antônio Frota Neto, voltara para o Ministério da Educação por ingerência do então ministro Carlos Sant’Anna, depois de forte reação dos funcionários, sindicatos e da opinião pública.

Em 1991, quando houve a troca do diretor Leleco Barbosa, era ministro da Educação o professor José

Goldemberg (02/08/91 a 04/08/92). Além desse cargo, foi nomeado também um novo presidente para a Fundação: Walter Clark Bueno. Homem de televisão, Clark tinha passagem pela principal emissora comercial do País, a Rede Globo. A promessa feita pelo ministro durante a concorrida solenidade de posse de Walter Clark era estimulante: o repasse de C\$ 500 milhões à Fundação para as “despesas imediatas” e mais investimentos que até o início do ano seguinte chegariam a US\$ 6 milhões, segundo o *Jornal do Brasil* (edição de 12/10/1991). Clark também ficou pouco tempo na direção – 13 meses - o tanto para fazer algumas mudanças na programação. Entre essas mudanças estava a tentativa de fazer uma espécie de *Fantástico* diário, denominado *Curto Circuito*. Conforme o relato de alguns funcionários, “era um programa pretensioso, sonho do Walter Clark, diário, com uma hora de duração, que ia ao ar às 21h”, recorda Wagner Correia de Araújo, que ingressou na emissora em 1982. Era uma grande revista, com editorias variadas: cultura, economia, política e comportamento. “Pegaram os melhores profissionais para a produção do *Curto Circuito*, esfacelando os outros programas”, lembra Araújo.

No dia 30 de janeiro de 1992, quase quatro meses depois de assumir a presidência, o jornal *O Globo* publicou matéria sobre as realizações empreendidas por Walter Clark com o título: “TVE se renova à espera de um ‘curto circuito’”. A matéria relacionava algumas ações, como compra de novos equipamentos, obras nos estúdios para ampliar a capacidade de produção e novos programas na grade. A reportagem ia além. “E depois de ocupar seus horários com boa parte da programação da TV Cultura de São Paulo, a emissora do Rio dá o troco: desde segunda-feira o *Sem Censura*, apresentado por Márcia Peltier, está sendo exibido em São Paulo”.



Em entrevista ao jornal, o presidente informava que pretendia lançar “basicamente” dois programas. O primeiro, um segmento de variedades, com cultura, que seria exibido de segunda à sexta-feira. Tratava-se do *Curto-circuito*, que estrearia em março seguinte. O segundo programa, então planejado por Clark, seria dirigido à periferia, “que está precisando se integrar à sociedade”. (OG, 30/01/92). O dirigente citava ainda outras produções, como a série *Caminhos da modernidade*, *Front Page*, com entrevistas de personagens que foram notícias no passado, apresentado por Lúcia Leme. Depois de criticado pelo nome, esse programa passou a se chamar *Primeira Página*. A matéria relacionava ainda o programa *Em busca do tempo perdido* (projetos elaborados nas universidades) e *Espaço Nacional*, com produções das TVs educativas do país. A matéria encerrava afirmando que se tratava de uma virada numa programação que nos últimos anos vinha dando mais espaço a socialites, videocliques antigos e programas sem cunho educativo. (Ibid.)

O público e os profissionais da TVE viveriam mais um período de incógnita. A saída do ministro da Educação, José Goldemberg, gerou incertezas e temores pelo destino da instituição. Mais uma vez a imprensa

Momentos de *A Turma do Pererê*, minissérie baseada na obra do cartunista Ziraldo, que utilizou os recursos da dramaturgia, animação, música e a linguagem dos quadrinhos. Os personagens Saci-Pererê, Tininin, Alan, Galileu e Jabuti mostravam de maneira humorada a preocupação com a ecologia e as reservas naturais do país. (Final dos anos 1990)

carioca levantava a bandeira. O *Jornal do Brasil* de 31 de agosto de 1992 trouxe em seu editorial uma longa análise com a manchete: *TV de todos*. Discorria sobre a TV Educativa desde a idealizada por Gilson Amado, como uma “universidade sem paredes”. Uma emissora pública, preservada de interesses comerciais, exclusivamente dedicada a tarefas educativas e culturais, completava a abertura do texto.

Esse ideal, infelizmente, nem sempre foi respeitado no decorrer do último decênio. Agora, uma gestão profissional e serena parecia ter recolocado a TVE no rumo original. Rumores de nova investida por parte dos fisiológicos de sempre deve ser firmemente repelida, *conclamava o jornal*.

Fazia ainda a distinção entre o que deveria ser uma televisão pública: “não é o mesmo que estatal”. Isto é, ela não pertence aos governos que passam, mas à cidadania que contribui com impostos e tem o direito de controlar seu funcionamento e destinação através dos órgãos da sociedade civil. O editorial discorria sobre as fases difíceis que a emissora tinha vivido. “*A primeira degradingolada séria ocorreu no período Sarney, quando o presidente lutava com unhas e dentes para conquistar um mandato de cinco anos. Na época, segundo o jornal, um decreto-lei teria expropriado as finalidades da TVE para transformá-la num apêndice da Comunicação Social da Presidência*. E continuava: “*Iniciou-se ali um processo de destruição sistemática da frágil autonomia da emissora, desativando sua ação cultural e seu espírito crítico*”. O editorial não deixava de fora “*o patético e suspeito reinado de Leleco Barbosa, marcado pelo loteamento da programação e escândalos em concorrência pública*”. As críticas revertiam à passagem do ministro Carlos Alberto

Chiarelli pela pasta da Educação e defendia a gestão de Goldemberg. “*O pedido de demissão de José Goldemberg abriu novo ciclo de incertezas. Nuvens de fisiologismo voltaram a pairar sobre o prédio da Avenida Gomes Freire*”.

Walter Clark deixou a emissora três meses depois da saída do ministro, sendo substituído por Paulo Cezar Branco, que ficaria até março de 1994, período do governo Itamar Franco, que teria ainda mais um dirigente na emissora: Francisco de Assis Couto Teixeira (06/04/1994 a 03/01/1995).

A imprensa carioca registrou, ao longo dos anos 90, os principais passos da TVE. As matérias abordavam, como já demonstrado, as mudanças administrativas, a programação, além de críticas a uma e outra gestão. E não foram poucas. Em 10 anos, passaram pela presidência da emissora 11 presidentes, mais do que um por ano. Até 1997, a fundação manteve a mesma estrutura jurídica: fundação pública de direito privado.

A Organização Social

A partir de 3 de dezembro de 1997, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, a FRP transformou-se em organização social, adquirindo o nome de Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (ACERP). A mídia não deixou por menos. As mudanças começaram a ganhar espaço nos jornais bem antes. “Roquette Pinto será entidade privada sem fins lucrativos”, anunciava *O Globo* em 11 de dezembro de 1996. *O Dia*, na mesma data, trazia matéria com o título: “TVE Educativa será privatizada em fevereiro”. Ambos afirmavam que “dentro de no máximo 180 dias a TVE deixaria de ser Fundação Roquette-Pinto para tornar-se Organização Social Roquette-Pinto”. Na prática isso significava para

a instituição “poder contratar e demitir funcionários, aceitar apoios culturais de empresas privadas, criar fontes alternativas de receita, e dispensa de licitações para compra de equipamentos”

O então presidente, Paulo Ribeiro, afirmou para *O Dia*: “A fundação vai virar uma empresa privada, sem fins lucrativos. Nossa intenção é deixar de depender do governo, aumentar o faturamento e concorrer com outras emissoras”. Para *O Globo*, ele admitiu: “Pela legislação atual, é praticamente inviável fazer uma administração ágil e dinâmica”. Três dias depois dessas duas reportagens, o JB (15/12/96) destacava: “TVE se livra da ferrugem burocrática”. O olho da matéria completava: “Emissora estatal sonha com grandes transformações a partir da conquista da autonomia administrativa por toda a rede educativa.”

Paulo Ribeiro permaneceu no cargo de 15 de fevereiro de 1996 a abril de 1997 – exatamente 14 meses. Foi substituído por José Guilherme Marcello Pontes. Essa administração viveu a fase de transição da FRP para a ACERP. Exatamente um ano depois, Pontes também deixava o cargo (10/04/97 a 27/04/98). Em seu lugar entrou Mauro Alves Garcia, que permaneceu 2 anos e 10 meses, dando lugar a Fernando Barbosa Lima, velho conhecido da emissora, onde fora diretor do Centro Nacional de TV Educativa Gilson Amado, entre maio e agosto de 1985.

Os profissionais que fizeram parte da história da TVE têm na memória que as mudanças administrativas foram muitas vezes traumáticas. Yacyra Peixoto Valentim Meira, atualmente representante dos funcionários no Conselho de Administração da ACERP, situa dois momentos de muita ansiedade. O primeiro, ainda no governo Fernando Collor (1990/1992), quando a Fundação deixou de ser personalidade jurídica de direito priva-

5. O art. 9º dizia: “Todo o pessoal admitido na fundação estará sujeito ao regime da Consolidação das Leis do Trabalho.

do, como era desde os tempos de Gilson Amado (Lei 5.198, de 3/1/1967⁵), para se transformar em Fundação de Direito Público. “Foi o período da estatização”, classifica Yacyra. “Com a reforma de Bresser Pereira no governo Fernando Henrique” – continua – “aconteceu a Reforma Administrativa do Estado. A Fundação Roquette-Pinto (FRP) foi extinta e criada a Organização Social. Foi a marca da privatização”. Era um momento de muita confusão, com o envio de documentos da FRP extinta para o Ministério da Administração e Reforma do Estado (Mare), em Brasília, entre eles, as fichas funcionais. Fatos curiosos aconteceram no transporte para a capital federal, com o extravio de documentos de alguns profissionais, entre eles a secretária da presidência, Alzira Napoleão, que ingressara na instituição nos primeiros tempos da FCBTVE.

Um ofício encaminhado pelo delegado de Polícia Federal Egberto José de Azevedo, em 8 de agosto de 2001, de Belo Horizonte, ao diretor da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, informava sobre o episódio:

Através do ofício nº 017/SAF/GAB, de 08/01/01, a 4ª Superintendência Regional de Polícia Federal de Paracatu/MG, encaminhou a esta Superintendência Regional, situada à Rua Nascimento Gurgel, nº 30 – Bairro Gutierrez, nesta capital, dois volumes de documentos dessa Fundação, que estariam acondicionados em duas caixas, identificadas como CAIXA 8 – BRASÍLIA e CAIXA 9 – RIO DE JANEIRO, contendo pastas de documentos em nome de Everardo Augusto Pereira Guilhon e Outros, após serem encontrados às margens da Rodovia 040, na altura do Km 240, município de Serra do Abaeté/MG. Os documentos acima citados encontram,-se guardados



Cadernos de Cinema, com a Vera Barroso e convidados

na Corregedoria dessa Superintendência Regional de Polícia Federal, aguardando manifestação sobre o assunto ou que algum funcionário venha recebê-los.

Vera Barroso, apresentadora atual do programa *Cadernos de Cinema*, ingressou na TVE em maio de 1980, logo depois da morte de Gilson Amado e ainda sob regime militar. As recordações da apresentadora, ao longo de quase três décadas, estão marcadas pelas ingerências políticas que atingiam principalmente o quadro funcional. “Eu peguei épocas em que a política indicava do ascensorista ao presidente, todo mundo era indicado politicamente. Se você não tivesse indicação política você não conseguiria emprego aqui (TVE), era um cabide de emprego nesse sentido - ‘o filho do deputado que não tem emprego põe na TVE’”. Segundo Vera, como as indicações eram políticas, as mudanças na casa seguiam as da esfera governamental. “De quatro em quatro anos, mudava o presidente do país, mudava o presidente e o diretor da casa e todo corpo funcional, ou seja, o serviço nasceu para ser um serviço eficaz e competente, ao longo dos governos foi totalmente o oposto, ele era um serviço dependente das indicações políticas”⁶.

A programação na década de 90

Com tantas mudanças administrativas, a TVE Brasil se manteve no ar ao longo dos anos 90 equilibrando-se como em uma espécie de gangorra. Conforme a gestão, a programação andava para um lado ou para outro. Assim, teve a fase das reprises, dos enlatados e também dos bons lançamentos em todas as áreas.

No campo da educação, o grande destaque foi o programa *Salto para o Futuro*, produzido pela Diretoria

6. Depoimento concedido à Ge-com/Acerp.

de Tecnologia Educacional e lançado na grade em 1992. Segundo Leila Atta Abrahão, especialista em educação (na TVE desde 1974), o *Salto para o Futuro* assim como todos os outros programas que eram criados pelo grupo pedagógico “nasciam de um projeto detalhado”. Um Documento Básico, elaborado em março de 1992, discorria, em 24 páginas, o *Projeto* então chamado *Um Salto para o Futuro*. Nele era descrita a série em todos os detalhes, com introdução, objetivos, estrutura dos programas, recursos instrucionais, assim como a avaliação do projeto e a abordagem pedagógica. “Desse planejamento detalhado deve estar o fato de o programa se manter no ar até os dias de hoje”, afirma Leila. “O *Salto* já nasceu de forma organizada”, completa. Para Ester Faller, desde 1985 na TVE, o *Salto para o Futuro* foi o embrião que deu origem à TV Escola, hoje vinculada ao MEC (Fotos TV Escola e Salto ou Logo).

Entre os programas lançados nessa década, indicados preferencialmente por profissionais do quadro, estão o *Caderno Teen*, substituído pelo *Atitude.com* e o *Alô Brasil Bar*, de 1995, apresentado por Eduardo Dusek, com direção de Maurício Scherman. Esse programa trouxe importantes personagens da música, entre elas, Tim Maia, Elba Ramalho, Barão Vermelho e Alcione. *A Arte de Ler*, de 1993, foi outra produção que reuniu no estúdio escritores como Ana Miranda, Nélida Piñon e Ana Maria Machado. “*Ação Cidadania*”, depois “*Cidadania*”, apresentado pelo sociólogo Betinho – Herbert de Souza - tratava de assuntos gerais e da campanha da *Cidadania contra a Miséria e pela Vida*. Esse programa foi um marco decisivo para a conscientização dos compromissos de uma TV pública com a cidadania, uma espécie de embrião das ações de responsabilidade social que mais tarde se consolidariam como prática no terceiro setor com as corporações priva-



Arte com Sérgio Britto acompanha as manifestações artísticas dos mais variados segmentos, como teatro, cinema, artes plásticas, dança, música e literatura. Na foto, o ator e apresentador Sérgio Britto entrevista Pedro Brício

das. Betinho entrevistou personalidades das mais variadas áreas, como o escritor José Louzeiro, o artista plástico Antonio Veronese, os músicos Caetano Veloso, Joyce e Raphael Rabello, entre muitas outras.

A Turma do Pererê foi outra produção infantil da TVE. Baseada na história em quadrinhos de Ziraldo, começou a ser feita em dezembro de 1998 e estreou em julho de 2001. Com 20 episódios, a série foi filmada em película de 16mm, na cidade mineira de Tiradentes. Além dos personagens interpretados por Renato Borghi, Antonio Pitanga, Samuel Costa, Letícia Sabatella, Dedé Santana e Heloísa Mafalda, a série tem a participação de bonecos. A trilha sonora traz as vozes de Moraes Moreira, Ney Matogrosso, Zezé Mota, Léo Jaime, entre outros. O

roteiro foi de Wilson Rocha (Sítio do Pica-pau Amarelo) e a direção de Sônia Garcia.

Da década de 90, até hoje, permanecem no ar o *Revista do Cinema* (1995), *Conexão Roberto D'Ávila*, *Expedições*, *Direito em Debate* e *Arte com Sérgio Britto*, que substituiu o *Diário de Teatro*. Os quatro últimos estrearam em 1998.

Em relação à educação especificamente, alguns programas tiveram destaque especial. “O *Imagens da História*, com Antônio Abujamra e dirigido por Zelito Viana, discutia a História do Brasil através de filmes nacionais que eram exibidos, seguido de um debate com diretores, historiadores, professores, sociólogos, entre outros especialistas”, recorda Yacyra Meira. “O programa é um curso de História ilustrado pelo cinema nacional”, foi a citação de Zelito Viana destacada na abertura do documento *Imagens da História – Sugestões de utilização pedagógica de programas de TV*. O cineasta Carlos Diegues emendou no mesmo documento: “A obrigação do historiador é tentar contar como foi que as coisas se passaram; a nossa, como artista, é contar como é que as coisas poderiam ou deveriam ter se passado”. (ABRAHÃO, Leila Atta, *Imagens da História – Sugestões de utilização pedagógica de programas de TV*).

O restante da programação era complementado por programas estrangeiros, adquiridos via distribuidoras nacionais, os populares enlatados e programas produzidos pela emissora paulista TV Cultura.



7 SÉCULO 21





Vista de cima do estúdio da TVE durante transmissão do programa *Atitude.com*, sob o comando da apresentadora Liliana Reis. Dirigido ao jovem, esse programa promove debates e abre espaço às bandas brasileiras, incluindo, democraticamente, tanto as já reconhecidas como as que estão se lançando

Intérprete da diversidade

Dois mil e seis. Quase quarenta anos depois da criação da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa idealizada por Gilson Amado para ser um instrumento gerador de educação, a TVE Brasil busca cumprir sua missão como emissora pública, fiel àqueles princípios, sintonizada com o presente e preparando-se para o futuro. Aquele pequeno centro de produção de programas educativos da Gomes Freire, criado em 1967, transformou-se em uma rede de emissoras pelo país.

Hoje, a TVE Brasil, sucedânea do embrião fecundado no edifício Odeon, ao realizar transmissão simultânea em rede com as demais educativas geradoras chega a alcançar 38% dos domicílios brasileiros com TV. Soma-se a isso, o universo de público alcançado pelas operadoras de TV por assinaturas - NET, SKY+DirectTV e TECSAT. A TVE Brasil também pode ser sintonizada por mais de 15 milhões de antenas parabólicas instaladas em locais isolados e com dificuldades de captação de sinal de TV, como a região de palafitas da Amazônia, bairros da periferia das cidades, assim como outras comunidades isoladas.

Depois de percorrer, com a ajuda de documentos, testemunhos da imprensa e depoimentos, os principais momentos que marcaram essa história é importante situar o olhar no presente a partir de um contexto amplo. A TVE Brasil desse início de século e o conjunto de emissoras que integram a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (ACERP) – TVE Rio de Janeiro, TVE Maranhão, Rádios MEC AM (Rio de Janeiro e Brasília) e FM (RJ) - estão preparadas para praticar a qualidade, quantidade e variedade de programação, em detrimento da falta de rumo e do empirismo, marcas que perseguiram a “emissora educativa” durante boa parte da última década. Os objetivos puramente sociais, culturais e educativos voltam a ser reforçados na missão da instituição.

A marca da TV educativa só será possível por meio da prática, dos debates entre profissionais; da observação do público; da experimentação de fórmulas; da formação de jovens diretores, programadores e produtores com espírito público; da análise cuidadosa das pesquisas; da busca de novos modelos, da abertura dos mercados de produção e, conseqüentemente, de investimentos. (Cf. CARMONA, Beth, Fórum TVs Públicas, 2006).

É esse o cenário da TVE Brasil em 2006, resultado do caminho trilhado nos últimos quatro anos. A emissora, sediada no Rio de Janeiro, transformou-se num espaço de discussões, experimentações e execuções orientados para um objetivo: que o público tenha assegurado o seu direito a uma televisão de qualidade, comprometida com a identidade nacional, a cultura, a cidadania e a educação.

Ultrapassada a etapa que prevaleceu durante boa parte das últimas décadas em que as TVs Públicas - educativo/culturais e universitárias - estiveram associadas

e marcadas como televisões “chatas”, sisudas, elitistas, aborrecidas, retrógradas e, principalmente, pobres e sem recursos (Ibid. 2006) o que se observa hoje é a busca de sua afirmação como uma alternativa às programações re-féns das diretrizes do mercado. Sob esse ponto de vista, a programação TVE Brasil pode ser caracterizada como um modelo ao se firmar como uma “emissora de todos” (aspas da autora). Pelas suas características de abrangência nacional, ela procura se posicionar como a intérprete da diversidade que compõe a formação do povo brasileiro.

O percurso em busca da qualidade

Conforme demonstram os documentos internos, entre eles os *Relatórios de Gestão* dos últimos quatro anos, a emissora deu início, em 2003, a um processo de resgate do conceito de televisão pública, que procurou envolver todos os seus públicos – funcionários, colaboradores diretos e indiretos, parceiros e apoiadores. Esse trabalho foi antecedido por uma fase de diagnósticos que se constituiu de amplo estudo com a participação das áreas de produção, técnica e administração.

O Relatório de Gestão 2003 assim relatou as constatações feitas com base na análise dos relatórios elaborados nos períodos anteriores:

Desde a sua transformação em Organização Social, em 1998 e até o início de 2003, os Relatórios de Atividades apresentados pela ACERP registram um processo contínuo de redução das transferências de recursos governamentais para a sua manutenção. Desta forma, a única televisão pública e educativa federal de âmbito nacional vem sofrendo uma crescente fragilização financeira, com conseqüências



Capa do livro *O Desafio da TV Pública*, lançado em 2003, como resultado do seminário de mesmo nome, que reuniu especialistas de várias emissoras – nacionais e internacionais, como a BBC e PBS

diretas em seus equipamentos, reconhecidamente obsoletos e deteriorados em razão da falta de manutenção adequada.

Na proposta de resgate do conceito de TV pública, conforme registrado no primeiro relatório do exercício 2003, estava a recuperação do parque técnico da emissora e de suas instalações físicas, bem como do conteúdo de suas transmissões. A programação, atividade fim da instituição, passou por análise cuidadosa, com estudo do perfil de programas, audiência, condições de produção, entre outras questões envolvidas no processo produtivo.

Para proceder à fase de análise e diagnóstico foram formados grupos de trabalho, que estudaram as questões que envolviam tanto a Gestão quanto a Programação. A partir das constatações iniciais a direção propôs-se um desafio: “para que a TVE Brasil cumpra sua missão é indispensável que a qualidade do conteúdo de sua programação seja acessível ao grande público por meio da transmissão de seu sinal, com longo alcance e com qualidade técnica de sons e imagens”, informou em sua introdução o Relatório de Gestão 2003.

Era preciso, então, criar condições de produção, recuperar a área física, modernizar o parque técnico e qualificar o quadro de funcionários de forma ampla, beneficiando todo os setores – da atividade fim à área de suporte e apoio.

O segundo momento consistiu das discussões sobre conceito de televisão pública. Em junho de 2003, a ACERP promoveu o seminário *O Desafio da TV Pública*, que reuniu especialistas e dirigentes de emissoras educativas do País e do exterior, como Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido. Pela relevância dos debates e com o objetivo de dar maior abrangência aos temas pro-

postos, as palestras foram reunidas no livro (Foto livro e/ou workshop) *O Desafio da TV Pública*, distribuído gratuitamente para emissoras congêneres, universidades e instituições da sociedade civil, com o apoio e o entendimento da Secretaria de Comunicação do Governo, órgão da Presidência da República e supervisor das atividades da ACERP.

Passados quase quatro anos daqueles primeiros diagnósticos constata-se, pelas realizações e empreendimentos, que o desafio foi vencido. Do ponto de vista da programação, as pesquisas realizadas periodicamente apontam a aprovação do público. Em relação à questão física é visível a melhoria das condições de trabalho e produção. As novas instalações, a modernização do parque técnico e as aproximações com parceiros internacionais e nacionais, assim como a conquista de prêmios em todas as áreas, demonstram que qualidade e competência podem também ser alcançados por uma TV pública.

Passo-a-passo à reconstrução

Em 2003, o objetivo principal foi buscar a qualidade da programação e sua sustentação, afirma Rosa Crescente, diretora geral da TVE Brasil. Para isso, uma das primeiras medidas adotadas foi traçar o perfil geral dos programas a partir de um projeto global. “Era preciso proceder à análise dos programas, conhecer qual era expectativa do público-alvo e criar um raciocínio de faixas”, lembra Rosa. Com a ajuda de uma pesquisa qualitativa desenvolvida em dezembro daquele ano, foi possível desvendar qual era a percepção do “público-alvo” em relação à TVE Brasil. Desenvolvida através da técnica de discussões em grupo, essa pesquisa focalizou um universo composto de pessoas de ambos os sexos, residentes no



Fachada do novo prédio da ACERP, na Rua da Relação, bem próximo à primeira sede, onde se encontram os estúdios e alguns setores da instituição

Rio de Janeiro, de classes A, B, C+ (critério Brasil) e que recebam o sinal da TVE, seja pela TV aberta, UHF, parabólica ou cabo.

Os resultados apontaram o que já devia ser esperado. Os entrevistados manifestavam o desejo de que a TVE acompanhasse o estágio de desenvolvimento tecnológico das emissoras líderes. Isso tornaria a “sua roupagem mais atraente”, admitiram os consultados. Foram também “unânicos em afirmar a importância do canal como baluarte da cultura, com uma função social importante na comunidade e que não deve sob qualquer hipótese se afastar de sua missão”. (Ibid Relatório de Gestão 2003)

Implantar a “nova roupagem” aspirada pelos telespectadores requeria, na visão dos gestores, empreender inicialmente ações voltadas ao resgate da auto-estima de todos os colaboradores. Depois das várias mudanças ocorridas na instituição ao longo de quase quatro décadas, era hora de voltar a atenção ao público interno. “De posse das informações que apontavam as principais dificuldades, fragilidades, crises e necessidades estabeleceram-se os caminhos para o treinamento e a qualificação sistemática, tendo como meta a capacitação técnico-operacional e o desenvolvimento gerencial das equipes”, afirma Haroldo Ribeiro, diretor administrativo e financeiro da ACERP.

Os resultados, quatro anos depois, podem ser medidos a partir da própria programação - uma janela aberta ao julgamento público. Constata-se, pelo conjunto de suas atividades, que a emissora cumpre com os compromissos esperados de uma instituição pública voltada à comunicação, conforme a definição de João Roberto Vieira da Costa:

Comunicação de Interesse Público é toda ação de comunicação que tem como objetivo primordial levar uma informação à população que traga resultados concretos para se viver e entender melhor o mundo. Na Comunicação de Interesse Público, os beneficiários diretos e primordiais da ação sempre serão a sociedade e o cidadão. (COSTA, 2006, p.20)

Trocas eficientes e eficazes

As parcerias, nas mais variadas áreas, abriram possibilidades e descortinaram experiências importantes. Como exemplo é oportuno destacar algumas produções, entre elas a série infantil *Um Menino Muito Maluquinho*, *Curta Criança* e *Curta Criança Animação*. Com 26 episódios, *Um Menino Muito Maluquinho*, resultado de parceria entre Secretaria do AudioVisual, do Ministério da Cultura (SAV/MINC), Secretaria de Educação a Distância, do Ministério da Educação (SED/ME), e da Petrobrás conquistou, além da audiência, prêmios e reconhecimentos internacionais. O mais recente foi o prêmio de melhor programa infantil no 33º Prêmio Japão da NHK (outubro de 2006); e ainda os outros - *Melhor Média Metragem de Ficção*; *Prêmio do público infantil*; e *Prêmio SIGNIS* -, esses três no Divercine 2006, no Uruguai. Além disso, a série infantil foi adquirida pelo canal *Disney Channel*, para exibição na América Latina. “O ‘Maluquinho’ é a síntese do que pensamos que deve ser a programação infantil de uma TV pública”, afirmou Rosa Crescente, diretora geral de televisão da ACERP, à Folha de S. Paulo, logo após a conquista do prêmio Japão. “O prêmio mostra o acerto do nosso projeto de recuperação da TVE, que encontramos um pouco decadente. (FSP, 17/11/2006, p. E 18.)



A presidente da ACERP, Beth Carmona, no júri do Prêmio Japão 2006, pela categoria de programas para adultos. Abaixo, a diretora geral da TVE Brasil, Rosa Crescente, recebe o troféu pela escolha de *Um menino muito maluquinho* como o melhor programa infantil no mesmo prêmio



Lançado em 2003, o Curta Criança teve como objetivo atender ao público infantil e abrir espaço para a produção nacional, uma forma a contribuir para a formação audiovisual e cultural das crianças. No alto, cena de Uma Jangada chamada Bruna, dirigido por Petrus Cariri Maia de Moura, selecionado no primeiro concurso. Abaixo, Patrícia Pilar interpreta a personagem principal em O Casamento de Lara, com a direção de Helvécio Ratton.

Os *Curta Criança* e *Curta Criança Animação*, também projetos realizados com a SAV/MINC, totalizavam em novembro mais de 40 histórias e 20 novos personagens brasileiros, criados em diferentes regiões do país. Essas produções, que representam e preservam as várias identidades que compõem o mosaico cultural brasileiro, circulam por todas TVs educativas do Brasil, tecendo uma espécie de interlocução entre Norte, Sul, Leste e Oeste.

Ainda como parte do projeto de recuperação do conceito de TV pública, a TVE Brasil incluindo a TVE do Rio de Janeiro, a TVE Maranhão e as Rádios MEC - passaram, entre 2003 e 2006, por um processo de revitalização que incluiu a identidade visual e a estrutura física dessas unidades. A nova marca, criada internamente com o objetivo de buscar maior aproximação e empatia com o público, ganhou os espaços urbanos e de grande circulação, como pontos de ônibus, estações de trem e metrô e os próprios coletivos.

Depois de quase 40 anos instalada no mesmo local e com várias unidades espalhadas por salas alugadas, a ACERP adquiriu uma nova sede próxima ao prédio da Gomes Freire, o que permitiu a devolução de todos os espaços, agregando todos os setores em uma mesma unidade. “A mudança para a rua da Relação permitiu melhores condições de trabalho para as diversas áreas, revelando uma nova energia na equipe e uma melhora da auto-estima”, afirma Haroldo Ribeiro. (Foto prédio novo) Segundo ele, os 12 andares do novo espaço passaram por reforma para receber a diretoria, a área administrativa, incluindo RH, Jurídico, Serviço Médico, Refeitório e as áreas da produção de programas. Os estúdios, o Telejornalismo e os núcleos de Documentação e Pesquisa, Tráfego de Fitas, Engenharia, Cenografia,

Arte e Programação mantiveram-se na unidade da Rua Gomes Freire, agora com possibilidades para ampliação.

Na programação, além da entrada de novos programas que seguiram os compromissos definidos em sua missão¹, todo o resto da grade também foi submetido à “nova roupagem”, ganhando cenários mais adequados assim como formatos contemporâneos. Projetos especiais ligados a efemérides e a temas de relevância social tiveram tratamento especial, como por exemplo, os 40 anos do Golpe, em 2004, com o evento *Pra não dizer que não lembrei de flores*.

Os resultados do trabalho desenvolvido com a continuidade favorecida pelos quatro anos ininterruptos dessa gestão - constatados pela programação, premiações e depoimentos – permitem concluir que a televisão pública é possível desde que conte com o apoio e o entendimento do Governo sobre seu valor e importância e seja administrada com espírito público e respeito à sociedade e à sua história. Essa avaliação conta com o aval de funcionários, testemunhas desses últimos 40 anos, como Yacyra Meira, representante dos funcionários no Conselho de Administração da ACERP.

O que vivemos nesses últimos tempos foi uma transformação. Foi muito mais que uma simples mudança porque possibilitou a todos os colaboradores dignidade pessoal e profissional, em um ambiente de trabalho mais adequado para o desempenho das diferentes funções. Institucionalmente a ACERP-TVE Brasil/Rádio MEC - retoma nesta fase o lugar que já ocupou no sistema de radiodifusão pública. As melhorias são perceptíveis - do espaço físico, à programação e às relações de trabalho, com elevação da auto-estima dos profissionais em geral.

1. Desenvolver programas educacionais, culturais e informativos, com o uso de sistemas integrados de rádio, de televisão e de novas tecnologias, mobilizando uma rede nacional de parcerias qualificadas e comprometidas com o acesso democrático à informação, com vistas à ampliação de conhecimentos, à educação e ao exercício pleno da cidadania.

Uma pesquisa realizada em novembro 2005 pela Assessoria de Desenvolvimento de Recursos Humanos, com o objetivo de conhecer a percepção dos colaboradores da ACERP sobre a questão da qualidade no trabalho contou com a participação de 558 funcionários, um percentual de 61,5% de questionários respondidos. Em relação à motivação, 82% manifestaram que *o trabalho na TVE é especial e não mais um emprego*; e 65% reconheceram ter orgulho em trabalhar na ACERP. (E.NOSSO!, Jornal da Acerp, Ano1, Número 1, 2006)

Esse sentimento compartilhado por um número tão expressivo de funcionários tem seu fundamento e inspiração, certamente, nas manifestações de respeito ao quadro e nas próprias atitudes e condutas da direção. No primeiro número da *newsletter E.Nosso!*, que circulou no segundo semestre de 2006, a presidente da ACERP, Beth Carmona, manifestou no editorial:

Nosso compromisso sempre foi com idealismo que construiu essas duas casas, agora reunidas, e a história da televisão e do rádio educativo e cultural do Brasil. Estamos unidos pela missão da ACERP e pelo fortalecimento dessa Associação, que vem vencendo o atraso tecnológico e a descrença de seus colaboradores. Sabemos que ainda temos muito a fazer e cada vez mais o compromisso da Acerp é com a integridade e a qualidade da comunicação pública e o serviço prestado aos ouvintes e telespectadores do Brasil.



Margareth Menezes canta no especial *Pra dizer que não lembrei das flores*, que rememorou a produção musical dos anos 60, por ocasião dos 40 anos do Golpe Militar. A cantora interpretou a música *Pra não dizer que não falei das flores*, composta por Geraldo Vandré em 1968, e que inspirou o nome do especial

A implantação do conceito de “faixas”: um olhar plural na programação

A partir de maio de 2003, a TVE Brasil promoveu uma série de alterações na grade de programação, em acordo com as diretrizes definidas nos compromissos de uma emissora pública. Era preciso ampliar a oferta de programas infantis, criar espaços para os diversos públicos e estimular a promoção da cidadania. Na idéia de qualidade que passou a vigorar estava um olhar plural, ou seja, atenção especial às crianças e jovens e aos grandes temas em debate na sociedade, como Política, Economia, Ecologia e Meio Ambiente, Saúde, Educação e Cultura - todos com tempo e espaço privilegiado.

Com base nessas premissas, a emissora estendeu a programação infantil também aos sábados e domingos. Para as outras faixas, estrearam naquele ano a série de documentários *National Geographic Apresenta*, resultado de uma parceria com o National Geographic Channel, e o programa *Atitude no Telhado*, dirigido ao público infanto-juvenil.

A redefinição das faixas teve como estratégia integrar arte, educação e cultura, como elementos comuns. A programação passou, então, a ser pensada em oito eixos, dentro da perspectiva do ideal de uma TV pública que privilegia a sociedade em seu conjunto: *Infanto-Juvenil, Cultural, Reflexão e Debate, Serviço Público e Cidadania, Informação e Esporte, Ecologia e Meio Ambiente, Educação e Documentários*.

A programação da TVE Brasil continuou voltada à diversidade cultural, com produções próprias ou realizadas em parceria com produtoras independentes, emissoras parceiras e organizações da sociedade civil, como universidades, institutos e associações.



Flagrante do programa *Atitude no Telhado*, em gravação nos Arcos da Lapa

Nesse contexto, os programas dirigidos ao público infanto-juvenil resultam de uma combinação de produção própria com produções externas. Observa-se nas produções *da casa* a prioridade para produtos que integrem histórias e personagens originais, “capazes de incorporar traços da cultura nacional”. (Cf. Relatório de Gestão 2004). Situam-se nesse conceito a série *Um Menino Muito Maluquinho*, baseado na obra de Ziraldo, *A Turma do Pererê*, *Curta Criança*, *Curta Criança Animação*, *Atitude.com* e *Atitude no Telhado*.

Com 26 episódios de meia hora de duração, *Um Menino Muito Maluquinho* estreou no dia 19 de março de 2006. Inspirado na obra de Ziraldo, a série é uma biografia poética de um menino feliz e amado pelos pais - os atores Maria Mariana e Eduardo Galvão. A história do protagonista é contada em três momentos distintos no tempo: aos 5 anos (interpretado pelo ator Felipe Severo), aos 10 (Pedro Saback) e aos 30 anos (Fernando Alves



O “Maluquinho” Felipe Severo com o diretor César Rodrigues

Pinto). Adaptado por Cão Hamburger e Anna Muylaert, a série foi gravada ao longo de seis meses, sob a direção de César Rodrigues e supervisão de Beth Carmona e Rosa Crescente. “Foi um investimento grande. Mas são programas que podem ser exibidos por muito tempo”, afirmou Rosa Crescente à Folha de S. Paulo (FSP, 17/11/06, p. E18). Ela lembrou que os 90 episódios do “Castelo Ra-Tim-Bum”, produzida em 1994 quando ela e Beth Carmona estavam na TV Cultura, continuam no ar ainda hoje.

Como os filhos ótimos, esse menino só tem me dado alegrias. Apareceu em forma de livro há exatos vinte e cinco anos. Depois virou história em quadrinhos, tira diária nos jornais, livrinho de atividades, peça de teatro (com canções de outro filho meu), dois filmes (com mais canções dele), balé colegial, uma cantata e até uma ópera infantil (as duas do Maestro Ernani Aguiar). Finalmente o Menino Maluquinho chega à televisão. Justo na hora de suas bodas de prata que, para personagens, é apenas o começo da história.(...) Meninos, se o conjunto de dedicação, competência e amor pelo que se faz é o segredo do êxito, podem estar certos de que esta série vai cumprir um belo destino!
Ziraldo

A faixa *Cultural* desempenha o papel de integradora da arte sob todas as formas. Em seu conjunto, os programas desse núcleo traçam um panorama das artes, incluindo as novas tendências do universo cultural, com atenção especial à indústria audiovisual brasileira. Nomes como Oscar Niemeyer, Leonardo Boff, Paulo Autran, Lia Luft, Martinho da Vila, Paulo Coelho, Dorival Caymmi, Walter Salles, Lulu Santos, Chico César, Adriana Calcanhoto, Milton Nascimento, Maria Bethânia, Manoel Carlos,



Sem Censura, comandado por Leda Nagle, com os convidados Mauro Campos, Eda Fagundes, Manoel Carlos, Danni Carlos, Marcos Prado e Tânia Carvalho. Criado em 1985, esse programa surgiu como contraponto aos tempos de proibições

entre muitos outros, são presenças constantes das produções da emissora em entrevistas, debates e shows, ao vivo ou pré-gravados.

Um olhar atento à grade de programação mostra que a TVE Brasil é a emissora aberta que dedica maior atenção ao debate e à exibição da indústria audiovisual produzida no Brasil, garante a presidente Beth Carmona. Juntamente com o Ministério da Cultura (Minc) vem promovendo, desde 2003, a aproximação dos produtores independentes aos canais de exibição que integram a Rede Pública de Televisão. Entre esses projetos estão *Curta Criança* e *Curta Criança Animação*, que revitalizaram a produção de histórias brasileiras para crianças brasileiras. Outro projeto que merece destaque é o *DOC TV*, pensado em conjunto com a SAV/MINC, TV Cultura de São Paulo, Associação Brasileira de Emissoras Públicas e Culturais (Abepec) e Associação Brasileira de Documentaristas (ABD). No acervo encontrava-se, em dezembro de 2006, segundo Rita Veiga, gerente de produção executiva da TVE, cerca de 60 documentários produzidos em diferentes regiões do Brasil, com imagens inéditas de lugares e manifestações culturais jamais

apresentadas na televisão. O projeto continua. A próxima edição – o DOC TV 3 – colocou em produção mais 35 filmes para veiculação a partir de março de 2007.

Além desses projetos integram a faixa cultural *Arte com Sérgio Brito*, *Animania*, *Cadernos de Cinema*, *Curta Brasil*, *Conversa Afinada*, *A Grande Música*, *Revista do Cinema Brasileiro*, *Acervo MPB*, *Comentário Geral*, *Re[Corte] Cultural*, *Sexta Independente*, *Boulevard Brasil*, *Strasse Brasil*, *Mundo da Arte*, *Mundo da Literatura e o Mundo da Fotografia*, os três últimos produções da STV (SESC).

Produzir um programa de TV não é nada fácil, mas cada desafio vencido, nos deu a certeza de que estávamos trilhando o caminho desejado. Hoje não estamos mais liberando sonhos, mas realizando-os.
Sérgio Brito

O *Re[Corte] Cultural* procura contemplar a apresentação e divulgação dos resultados de processos criativos. Segundo apresentador, Michel Melamed, o programa é – mais que uma revista de cultura – a tentativa de uma televisão artística, criativa, experimental. Os bate-papos descontraídos-desconstruídos com Michel Melamed, como diz a diretora geral Rosa Crescente, conseguem mapear, descortinar, prever, cutucar... os mais diversos processos da criação artística.

Gosto de ser surpreendida e uma das entrevistas mais divertidas que fiz no *Conversa Afinada*, da TVE Brasil, foi com um violeiro de Minas Gerais chamado Chico Lobo(...). Cada artista tem seu universo particular e infinito (...) e é sempre delicioso descobrir um pouco mais além do release, do previsível, do que todo mundo já sabe.

*Patrícia Palumbo*²

2. Depoimento à Gecom/Acerp

3. Ibid.

A característica da série A Grande Música é marcar a cumplicidade histórica da TVE com o meio cultural e com os artistas. A gente grava os concertos in loco, no momento que ele acontece. Com o programa, a TVE Brasil marca presença na vida cultural e, ao mesmo tempo, os artistas, os músicos, o calendário musical e as salas de concerto são divulgadas.(...) Tem gente que passou a freqüentar salas de concerto depois de assistir ao programa e vice-versa. *Maestro José Schiller*³

Na linha *Reflexão e Debate* estão programas que trazem para a arena os principais temas nacionais e internacionais, com a ajuda de formadores de opinião especialmente convidados. São eles: *Sem Censura*, *Conexão Roberto D'Ávila*, *Roda Viva* (produzido pela TV Cultura), *Observatório da Imprensa*, *Diálogo Brasil* (parceria com a TV Nacional) e *Espaço Público*.

Pela roda do *Sem Censura* passaram nos últimos 20 anos personalidades dos mais distintos segmentos. Ao longo dessas duas décadas o programa testemunhou diversos momentos históricos do país. Começou como uma despedida à censura e uma saudação à liberdade, tão castigada no período militar.

Desde sua criação, em 1985, na gestão de Fernando Barbosa Lima, foi conduzido por várias apresentadoras, entre elas, Tetê Muniz, Dulce Monteiro, Gilsse Campos, Lucia Leme, Liliana Rodriguez, Márcia Peltier e Leda Nalgle. As mais constantes foram Lucia Leme, que esteve no meio da roda entre 1986 a 1996, e Leda Nalgle, que desde abril de 1996 movimentava as tardes dos telespectadores de Norte a Sul do País.



A atriz Julia Lemmert, apresentadora do Revista do Cinema Brasileiro, traça semanalmente um panorama da produção cinematográfica do país, com cobertura dos principais eventos e festivais, entrevistas e reportagens sobre filmes em produção e projetos em andamento

Re[corte] Cultural: revista cultural ampla recheada de bate-papos “descontraídos-desconstruídos” em que o apresentador Michel Melamed mapeia, descortina, provoca e desafia seus convidados à compartilhar talentos e habilidades, como nesse encontro com o ator Lázaro Ramos



Pela sua abrangência nacional, o *Sem Censura* procura trazer convidados que representem o painel cultural brasileiro, reunindo em uma mesma tarde diferentes tendências – da medicina, à tecnologia e suas inovações, passando pelo mundo das artes e da cultura. Como prestador de serviços e formador de opinião o programa segue, nas mãos de sua apresentadora, a cartilha do respeito à diversidade de opiniões sem privilegiar correntes políticas, concedendo a convidados e telespectadores, a oportunidade de expressar o que sentem e pensam.

O *Sem Censura* é um programa comprometido com a educação, sem ser didático, com o entretenimento, sem serras, e com informação, sem ser um telejornal.
*Leda Nagle*⁴

O *Observatório da Imprensa* é a versão para televisão do site criado pelo Labjor - laboratório de estudos avançados em jornalismo da Unicamp - que tem como proposta acompanhar o desempenho da mídia brasileira. O site é uma entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária criado em 1996. Dois anos depois da sua

criação na internet foi ao ar a primeira edição da versão televisiva no dia 5 de maio de 1998. Tem sido um valioso estímulo para as discussões internas que hoje converteiram-se em rotina nas redações e escolas de comunicação.

A imprensa coíbe abusos do poder político, do econômico, do legislativo, do executivo, do judiciário. Ora, ela também tem que coibir os seus próprios abusos senão ela fica desbalanceada. Ela fiscaliza os outros poderes, por isso ela é chamada de quarto poder. Como ela é um pouco menos ágil nesse aspecto de coibir seus próprios abusos, surgiu esse movimento, esse contra poder. O contra poder é o poder da imprensa, que é a observação da mídia. Esse é o raciocínio.
*Alberto Dines*⁵

Por se tratar de uma emissora pública não poderia faltar espaço ao *Serviço Público* e à *Cidadania*. Além de concentrar uma série de programas nessa faixa, desde o primeiro semestre de 2006 a TVE Brasil disponibiliza aos telespectadores o serviço de Legenda Oculta ou Closed Caption⁶ – a *tecnologia* que permite legendar os programas permitindo aos portadores de deficiência auditiva o acesso aos conteúdos apresentados. A emissora é o primeiro canal aberto no país a oferecer quantidade de programas com esse serviço de inclusão social, apoiado pela *Petrobras*.

Na faixa *Serviço Público* e à *Cidadania* concentram-se os programas que procuram esclarecer os cidadãos sobre os seus direitos, como defesa do consumidor, temas ligados à saúde e à educação e, principalmente, as estratégias para a inclusão dos diversos grupos sociais. Um bom exemplo é o *Programa Especial* apresentado por Juliana Oliveira. A revista apresenta a questão da inclusão com cuidado, atenção e responsabilidade, abor-

4. Depoimento à Gecom/TVE

dando diferentes tipos de deficiência, visual, auditiva, motora, síndrome de Down, paralisia cerebral, entre outras. Com abrangência nacional, traz reportagens sobre mercado de trabalho, educação, lazer, legislação, cultura e esporte. Sem pauta fixa, a cada semana acompanha desde a experiência pessoal de uma pessoa portadora de deficiência diante de uma determinada situação, até as iniciativas inclusivas por parte de empresas e entidades do chamado Terceiro Setor. A música foi criada pela banda Surdodum, que reúne deficientes auditivos e pessoas ouvintes. A série é produzida pela produtora independente No Ar Comunicação, com supervisão da *TVE Brasil*.

Destacam-se ainda nessa faixa os programas *Código de Barras*, *Canal Saúde* (parceria com, a Fiocruz), *Casos de Justiça*, *Direito em Debate* (parceria com a OAB), *Saúde Brasil* (produção da Águilla), *Filhos* (produzido pela STV), *Via legal e Mobilização Brasil* (em parceria com a Fundação Banco do Brasil), além dos interprogramas, vinhetas e campanhas factuais, como aleitamento materno, vacinação e direitos das crianças.

Na faixa definida como *Informação e Esporte* estão os telejornais produzidos pela equipe da TVE Brasil como o *Edição Nacional*, o pioneiro *Jornal Visual* (dedicado aos deficientes auditivos), *Notícias do Rio*, e os esportivos *Stadium e EsportTVisão*. Segundo o gerente de jornalismo, Carlos Absalão, os noticiários abordam, de forma analítica, os principais fatos – políticos, culturais, comunitários e esportivos – que ocorrem no país e no mundo. As análises ficam por conta de comentaristas especializados, como Ancelmo Góis e Cláudio Bojunga, além de convidados especiais.

A *Ecologia e Meio Ambiente* tem sido tema constante de programas produzidos internamente e por parceiros.

5. Depoimento à Gecom

6. Criado nos anos 1980, nos Estados Unidos, o Closed Caption tinha como objetivo facilitar o ensino de idiomas pela televisão, além de promover a inclusão dos portadores de deficiência auditiva. O sistema funciona a partir do texto digitado por estenógrafos no computador. Esse texto é transmitido por linha telefônica até o decodificador instalado no controle mestre da TVE, no Rio de Janeiro, de onde, então, é inserido no vídeo.



Jornal Visual, único programa jornalístico diário na TV aberta voltado ao deficiente auditivo, completou 16 anos no ar com novas vinhetas e cenários. Na foto, a apresentadora Cláudia Jacob Belga que, junto com Maria Paula de Almeida Cunha (intérpretes da Libras – Linguagem Brasileira de Sinais), conduz o programa com a narração de Lavinia Ferraiuolo Costa

Tratam-se de produções especiais - nacionais e estrangeiras -, com viés para a preservação do meio ambiente e da biodiversidade. Esses programas procuram mostrar o trabalho realizado por entidades da sociedade civil, como ONGs, pelas próprias comunidades e ainda iniciativas individuais que buscam soluções para problemas coletivos. Estão nesse grupo *100% Brasil*, *Mar sem fim* (produção da TV Cultura e João Lara Mesquita), *Expedições* (parceria com a RW Produções), *Repórter Eco* (TV Cultura) e *Globo Ecologia* (Produzido pela Fundação Roberto Marinho, com apoio do Ibama).

O programa *100% Brasil* é uma viagem pelo país que mostra a importância da biodiversidade e dos projetos que visam preservar os recursos naturais, a riqueza cultural, as inovações tecnológicas e científicas. A série passou por Abrolhos, Belém, Congonhas do Campo, Itajaí, Londrina, Parintins, Pomerode, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Luis, entre outras cidades. Os programas resgatam os avanços nacionais, como as descobertas da medicina, a participação do Brasil no sequenciamento do DNA do Projeto Genoma, as pesquisas com células-

tronco e clonagem, o Programa Nacional de DST e Aids; o programa do Biodiesel a partir da semente de mamona, o projeto Tamar, além de destacar os principais produtos de exportação do país, como a laranja, o café e a cachaça e valorizar as manifestações culturais. Pela tecnologia, a série destaca a usina de energia eólica no Rio Grande do Norte e a sede da Embraer- Empresa Brasileira de Aviação, a 4ª maior fábrica de aviões do mundo.

A *Educação* inclui programas elaborados em parceria com o Ministério da Educação, como *Salto para o Futuro*, transmitido também pelo canal da TV Escola, emissora do MEC voltada à formação continuada e ao aperfeiçoamento de docentes que trabalham em Educação. Nessa faixa estão, também, *Telecurso Primeiro Grau*, *Telecurso Segundo Grau Profissionalizante*, *Globo Ciência* (os três produzidos pela FRM) e cursos de línguas estrangeiras.

AS CORES DA PROGRAMAÇÃO

Flagrantes de momentos de quem faz
a TVE BRASIL: dos apresentadores aos
profissionais que atuam anonimamente



Um menino muito maluquinho em quatro momentos: personagens na peça teatral *Flicts* (no alto); o “Maluquinho” da fase 5 anos, Felipe Severo, entre os personagens interpretados por Rafael Ritto e Myla Christie Bonifácio (no alto, página ao lado). Abaixo, o criador da obra, Zilrado, e os intérpretes de suas criaturas: os meninos maluquinhos das três fases, Felipe Severo (5 anos), Pedro Saback (10 anos) e Fernando Alves Pinto com os companheiros do elenco mirim. Na sequência, making of de episódio em que o protagonista vive a fantasia de super herói









Fotos do *Curta Criança*, projeto lançado para absorver a grande oferta produção nacional, fator importante para a formação audiovisual e cultural das crianças. *Historietas Assombradas (Para crianças mal-criadas)*, animação dirigida por Victor Hugo Borges; *A menina, o espantalho e o Curupira*, inspirada na obra de Cândido Portinari, com interpretação de Camila Baulé e direção de Clême Blaud e Ric Oliveira; *Tainá-Kan, a grande estrela*, com direção e roteiro de Adriana Figueiredo



Cenógrafos preparam cenário do Curta Criança *Tampinha*, produção baseada no livro de Angela Lago. Julia Devitta faz o papel da menina protagonista



Turma do Pererê é outra produção inspirada na obra de Ziraldo. A série infantil, que começou a ser produzida em dezembro de 1998, ensina crianças e adultos a preservar o meio ambiente e a resgatar os valores da cultura e do folclore brasileiro



O boneco Zeca D2 no cenário do *Animania*. O programa abre espaço para exibição, debate e reflexão sobre o processo criativo de animação, com discussões sobre novas tecnologias, entrevistas – como a realizada com Maurício de Souza – notícias e bastidores desse universo





Apresentadora Maria Paula de Almeida Cunha,
do *Jornal Visual*



Curta Brasil, programa dedicado à exibição de filmes brasileiros nos formatos curta e média-metragem, com a apresentadora Ivana Bentes e convidados



Michel Melamed entrevista Marieta Severo no programa *Re[cor]te Cultural*



Liliane Reis em apresentação ao vivo no programa *Atitude.com*.



Juliana Oliveira conduz o *Programa Especial*, que aborda a questão da inclusão sob os mais variados aspectos

Encontro de Naná Vasconcelos e Patrícia Palumbo no programa *Conversa Afinada*





Espaço Público, programa diário que reúne cientistas sociais, economistas, artistas e personalidades das mais variadas áreas para refletir sobre os principais fatos jornalísticos - nacionais e internacionais - sob comando de Lúcia Leme. Abaixo, *EsporTVisão* analisa os destaques de cada rodada das principais competições do futebol com a participação dos jornalistas Márcio Guedes, Paulo Stein, Patrícia Lopes, Ricardo Mazella e Alberto Léo



Campanha desenvolvida pela TVE Brasil para divulgar a série infantil *Um menino muito maluquinho* aproveitou a visibilidade oferecida pelos trens da SuperVia, que serve aos subúrbios do Rio de Janeiro, as bicicletas que circulam pela orla e o outdoor em ponto estratégico da cidade. Nas páginas seguintes, o grafismo nas marcas de alguns programas da emissora





Programa de promoção à produção e distribuição do audiovisual brasileiro - doc tv



Atitude.com

Supertudo



Jornal
Visual

Re [corte] Cultural

ESPAÇO PÚBLICO





8

PERFIL DA INSTITUIÇÃO





Gravação do *Janela, Janelinha* com os três apresentadores a postos: Raquel, Ruan e Renan. Esse programa foi especialmente desenvolvido para apresentar as produções do Item Exchange, projeto que reúne obras de mais de 40 países da Europa, África, Ásia e América Latina destinadas ao público infantil

As mudanças ao longo de 40 anos

Depois da morte do fundador Gilson Amado, em 26 de novembro de 1979, a FCBTVE passou por várias alterações em sua estrutura. Foram 12 anos sob uma mesma liderança. A partir dali, a Fundação experimentaria as mais diversas gestões. O segundo a assumir a presidência foi o professor Emanuel Carneiro Leão, que ficaria no cargo até 1981, mantendo a mesma equipe que assessorava Gilson Amado. Também em novembro de 1979, o Prontel foi extinto e surgiu a Secretaria de Aplicações Tecnológicas (SEAT), que seria extinta em 1981 (Portaria n° 563).

No ano seguinte, com a reforma administrativa efetuada pelo MEC, surge a FUNTEVÊ¹, que agregaria três órgãos vinculados ao MEC: a FCBTVE, a SEAT (Secretaria Especial de Aplicações Tecnológicas) e o SRE (Serviço de Radiodifusão Educativa). Sob o guarda-chuva da FUNTEVÊ ficaram o Centro de Televisão Educativa, o Centro Nacional de Rádio Educativo Roquette Pinto (Rio e Brasília), Centro de Informática e Centro de Mídias ou Cinema Educativo. Somente os dois primeiros mantiveram-se funcionando. Na presi-

1. A Portaria 565/1981, homologou os estatutos da FUNTEVÊ. A sigla não era nova. O Decreto n° 59.396 (14/10/1966), assinado pelo presidente Humberto Castello Branco, criou o Fundo de Financiamento da Televisão Educativa (FUNTEVÊ). Em seu Art. 1° dizia:... destinado a prover recursos para financiar a instalação e manutenção de um sistema nacional de televisão educativa.

dência da Fundação, nesse período, estava Cláudio José da Silva Figueiredo, que fora coordenador da SEAT. Nessa administração, os órgãos da FCBTVE passaram a se chamar Centro de Televisão Educativa Gilson Amado, Centro de Rádio Educativo Roquette-Pinto e Centro de Cinema Educativo Humberto Mauro em homenagem a esses fundadores.

Quatro anos depois, durante o governo do presidente José Sarney, a Funtevê incorporou o Instituto Maranhense de Tecnologia Educacional (IMTEV)², bem como o Centro Educacional do Maranhão (CEMA), com base na Exposição de Motivos nº 44 (11.02.1986), do MEC. Em novembro do mesmo ano, a resolução nº 17 (12.11.1986), do Conselho Diretor da Fundação, criou o Centro de Televisão Educativa do Nordeste (Maranhão).

A partir de setembro de 1987, o MEC passou a utilizar o satélite Brasilsat com finalidades educativas. Sob a responsabilidade da TVE, estava a produção e geração de programas transmitidos via satélite para 24 emissoras e 760 retransmissoras, integrantes do Sinred. Naquele ano, a cobertura do canal 2 alcançava 1082 municípios em todos os Estados, exceção para o Amapá e Tocantins.

2. O Sistema de Televisão Educativa (TVE) do Maranhão teve início em 1969. Inicialmente, oferecia teleeducação em circuito fechado para a 5ª série, e, a partir de 1970, em sinal aberto, para as demais séries do então 1º Grau. A recepção organizada ocorria em escolas da rede oficial e era administrada pelo Centro Regional de Televisão educativa do Nordeste. (In Silva Lima, Maria das Graças, 2003)

A saída do MEC

Depois de permanecer 21 anos com vínculo ao Ministério da Educação, a FUNTEVÊ passaria, em 27 de janeiro de 1988, a integrar o Sistema de Comunicação da Administração Federal, ligado ao Gabinete Civil da Presidência da República (Decreto 95.676 - art. 4º). Em 3 de outubro do mesmo ano, um novo Decreto (96.921) aprovava os Estatutos da Fundação. Conforme o Art. 9º, do Capítulo 2, era atribuição da FUNTEVÊ tanto

contribuir para a formulação como apoiar a implementação da política de comunicação social e divulgação da Administração Federal. O artigo seguinte, preservava a tarefa de coordenação do Sinred (Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa). E o artigo 11 garantia o poder de *“opinar nos procedimentos de reserva e de alterações de canais de radiodifusão e de retransmissão educativa e sobre a autorização, permissão e concessão de serviços de radiodifusão e retransmissão educativas”*, por delegação do Ministério da Educação, observada a competência do Ministério das Comunicações.

A mudança contrariava os desejos dos criadores das duas instituições – Roquette-Pinto (Rádio MEC) e Gilson Amado (TVE). Talvez pelas pressões, um ano depois o Decreto 98.052 devolvia a Funtevê ao MEC.

No começo da década seguinte, mais uma lei viria a alterar a razão social da instituição. A Lei nº 8.029 (12.04.1990) transformou a Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa (Funtevê) em Fundação Roquette-Pinto (FRP), preservando as finalidades e objetivos, instituídos quando ainda era FCBTVE. Os princípios continuaram os mesmos: promover ações educativas, através da radiodifusão sonora e de sons e imagens, bem como por meio de outras tecnologias aplicadas à educação, dar atendimento às necessidades do país, no campo da educação formal e não-formal.

A essas alturas, o Sinted já tinha dado lugar ao Sinred, institucionalizado pela portaria nº 344 (09.08.1983), conforme protocolo firmado em reunião entre as emissoras integrantes em outubro de 1982. Esse sistema apoiava-se no intercâmbio e reciprocidade. Ficou sob responsabilidade da FRP a coordenação do Sinred e a execução das atividades relativas à transmissão de programas educati-



Espaço Cultural TVE Brasil - Rádio MEC.

Um centro de convivência a disposição público, permite o acesso às informações institucionais e à história das duas emissoras. Inaugurado em março de 2007, está instalado na sobreloja do prédio administrativo da ACERP (Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto), organização que administra a TVE Brasil e a Rádio MEC

▶ As mudanças atingiam também a marca da emissora: ao lado os vários logotipos desenvolvidos nas últimas décadas

vos pelas emissoras comerciais, de acordo com a Portaria 568, que substituiu a 408.

A partir de 1993, sob o governo do presidente Itamar Franco, a FRP³ enfrentou uma grave crise econômica que resultou no declínio das suas programações e na diminuição significativa do apoio técnico e financeiro que as duas emissoras prestavam às co-irmãs. Enquanto isso, a TV Cultura ganhava adesão à sua programação pelas emissoras até então parcerias da TVE. Com o acesso ao satélite o Canal 2 de São Paulo acabou abalando o “frágil equilíbrio que sustentava o Sinred na área de televisão”. (Cf. FRADKIN, Alexandre, *A História da Televisão Pública/Educativa*, http://www.abtu.org.br/arquivos_historia_tv_publica.asp)

A criação da ACERP

As mudanças não pararam por aí. Em 1995, com a troca de governo, a FRP foi transferida definitivamente do âmbito do MEC para a Secretaria de Estado de Comunicação – Secom - e o Sinred foi oficialmente desativado. Dois anos depois se iniciaram as negociações, de parte do Governo Federal⁴, para a extinção da Fundação Roquette-Pinto e sua substituição por uma Organização Social (OS). A nova entidade recebeu o nome de Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp), fato que se concretizou em janeiro de 1998⁵. Dezenove anos depois da morte de Gilson Amado tinham passado pela Fundação nada menos que 16 presidentes.

Nesse mesmo ano, a TV Cultura concluiu as negociações para a criação de uma entidade em substituição ao Sinred. Nasceu, então, a Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec)

3. A instituição era presidida nesse período por Paulo Cezar Branco.

4. O Decreto nº 2.344, assinado em 9 de outubro daquele ano, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, dispunha sobre a instauração de processo de inventário em entidades em extinção, que seriam transformadas em organizações sociais.

5. O primeiro registro contábil da Acerp foi efetuado em 16/01/1998, mesma data da assinatura do Contrato de Gestão.

que integraria somente o segmento televisão. A proposta excluía as rádios educativas.

Na seqüência do processo de criação da OS, uma Portaria (387) do Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado (Mare) efetivou a cessão dos servidores do Quadro de Pessoal da extinta Fundação Roquette-Pinto para a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto.

Com as mudanças para organização social, a então Fundação Roquette-Pinto, detentora de um orçamento anual de R\$ 80 milhões, assinou um contrato de gestão com o Governo Federal como Acerp e teve sua verba reduzida para R\$ 12 milhões. O órgão supervisor, conforme o decreto presidencial (nº 1.361 – 01/01/1995) passou a ser a Secretaria de Comunicação do Governo e Gestão Estratégica da Presidência da República – Secom/PR.

De 1997, quando foi constituída a Acerp durante o governo de Fernando Henrique Cardoso até o ano de 2002, passaram pela direção da instituição três presidentes. O primeiro a assumir o novo modelo foi Jorge Guilherme Marcello Pontes, empossado em 3 de dezembro de 1997 e substituído em 27 de abril do ano seguinte por Mauro Alves Garcia, oriundo da área de programação da casa. Dois anos e 10 meses depois, em 2 de fevereiro de 2001, assumiria o terceiro diretor-presidente da ACERP, Fernando Barbosa Lima, com passagens anteriores pela casa como Diretor de Programação. Barbosa Lima permaneceu 24 meses no cargo (02/02/2001 a 13/02/2003).

Em fevereiro de 2003, com a mudança de governo, a ACERP passou a ser dirigida por Beth Carmona (Elysabeth Carmona Leite), ex-diretora de Programação da TV Cultura (São Paulo), onde atuou por mais de 10 anos implementando o conceito público de televisão para crianças e jovens, que passaria a ser uma marca



da emissora. Também atuou nos canais internacionais *Discovery Kids e Animal Planet*, do *Grupo Discovery* para a América Latina, e *Disney e Fox Kids Brasil*. A gestão de Beth Carmona na ACERP, considerando-se o período 2003-2006, foi a segunda mais duradoura depois do fundador Gilson Amado, que permaneceu 12 anos à frente da instituição. Atribui-se, certamente, a uma administração de perfil técnico, o fato dos resultados favoráveis alcançados em um processo de trabalho que teve começo, meio e fim. Um ciclo completo que permitiu a elaboração do planejamento estratégico e a sua implantação ao longo de quatro anos, conforme se pode observar nas realizações tanto do ponto de vista da atividade fim – a programação e a conseqüente a audiência – como pela melhoria das condições de trabalho e modernização de equipamentos.

Essa observação é pertinente quando o tema desse livro é a história de uma emissora de televisão mantida em sua maior parte com recursos públicos, como foi desde sua origem. Nesse sentido, é oportuno chamar a atenção para a questão das descontinuidades administrativas, constatada já nos primórdios da teleeducação, em meados das décadas de 60 e 70, pelo pesquisador Louk de La Rive Box, em tese de doutorado defendida em 1973 na Universidade de Colúmbia (EUA), conforme relatado no primeiro capítulo.

Assim como ocorreu em relação ao cargo de presidente, as mudanças freqüentes atingiram também os outros postos. Um exame nos organogramas da instituição, confirma a observação. Entre os vários exemplos, vale destacar o mais recente. No período entre 1998 e 2002, já como Organização Social, a ACERP teve cinco diretores Administrativo e Financeiro. As mudanças atingiram também outras diretorias.

A gestão que assumiu a associação em 2003 manteve-se a mesma durante os quatro anos, ou seja, completou o ciclo, pela primeira vez na história da emissora desde a morte de Gilson Amado.

Compõem atualmente ACERP, além da TVE Brasil, um complexo de emissoras de rádio e televisão, com cobertura em todo o território nacional. Com sede na cidade do Rio de Janeiro, a instituição opera diretamente dois canais de TV convencionais - TVE Brasil e TVE do Maranhão - um canal de TV via satélite - TVE Brasil -, três canais de rádio convencionais - Rádio MEC AM 800 e Rádio MEC FM 98,9, no Rio de Janeiro, e Rádio MEC-Brasília 800 -, e um por satélite, MEC-SAT 3.750 - com programação nacional. Também coordena uma rede própria de afiliadas que reúne emissoras educativas de todo o país.

A TVE do Maranhão foi criada em 1969 com o objetivo de ser uma televisão voltada à educação. Sua missão era suprir a falta de estrutura educacional que o Estado vivia à época. Ao longo dos tempos, continuou presa aos mesmos objetivos de sua origem, sem poder atualizar os processos de se fazer televisão facilitados com as novas tecnologias. Como resultado de uma parceria com a Secretaria de Educação do Estado a TVE MA produzia e veiculava aulas de todas as disciplinas do Ensino Fundamental e Regular de 5^a a 8^a séries, nos horários das 7h30 às 10h45 e das 13h30 às 16h45, durante o período letivo. Esse trabalho serviu, entre 1964 e 2004, como suporte de ensino para 40 unidades escolares estaduais e municipais. No ano 2000, o número de alunos atendidos chegou a 47.977, caindo em 2004 para 25.656, o que mostra a queda acentuada das escolas que recebiam o sinal da TVE.

Um levantamento realizado pela gerência da emissora em São Luís em 2006 constatou uma redução considerável do número de alunos atendidos pelas teleaulas. Dos 46 mil 944 alunos beneficiados em 1996, no início de 2006 esse número despencava para 492, matriculados em duas escolas, uma em São Luís e outra em Perimirim. Com a concordância da Secretaria de Educação do Estado, o serviço foi descontinuado e os alunos foram assumidos pela rede pública estadual. Em 2006, a TVE MA passou a reproduzir a programação gerada nacionalmente, com programas jornalísticos locais.

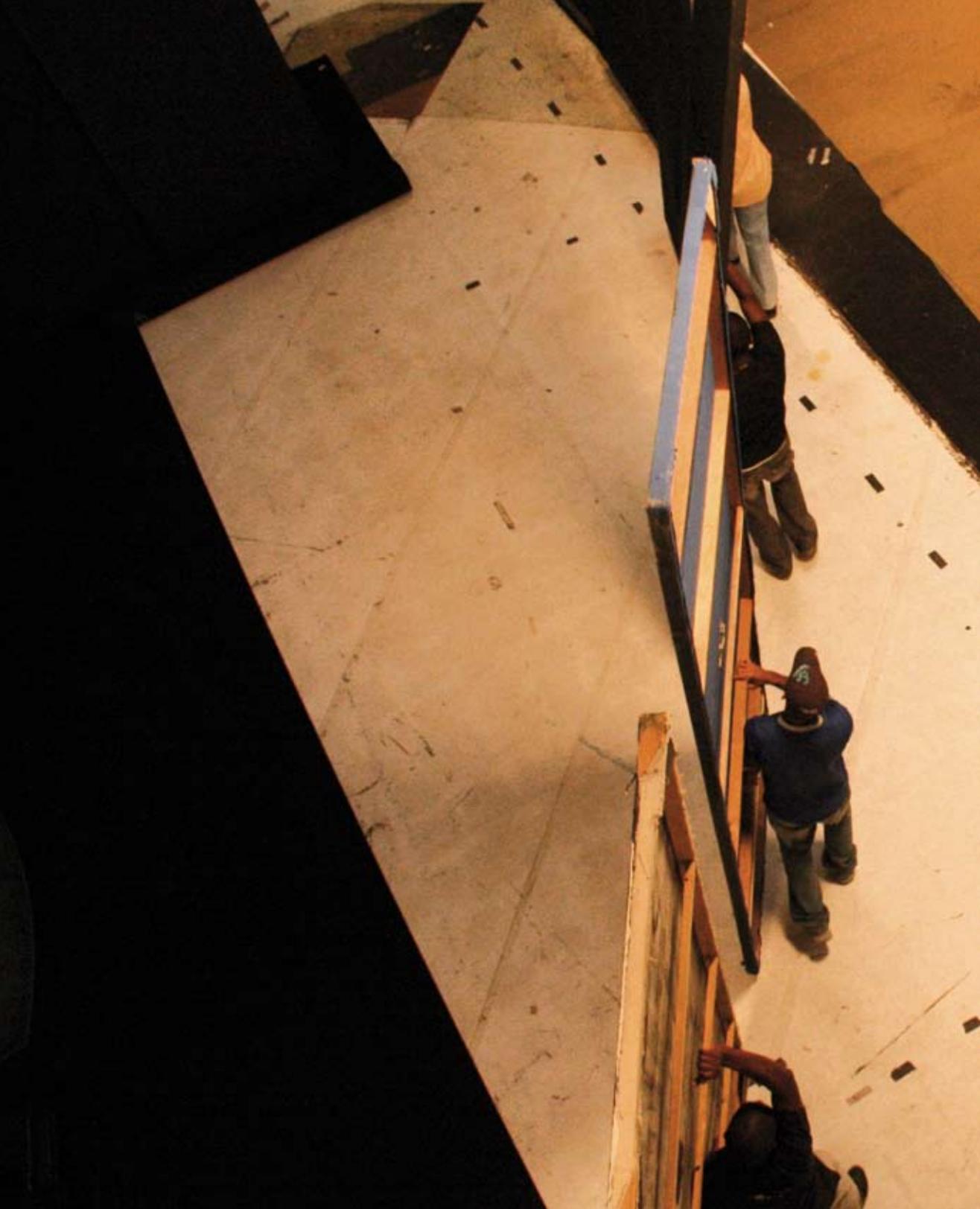
Como parte de suas atividades voltadas à prestação de serviços públicos, a TVE Brasil operacionaliza e transmite a programação diária da TV Escola do Ministério da Educação, para escolas de todo o território nacional. Com 24 horas de programação diária, a TV Escola atinge, segundo o Censo de 2004 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), mais de 45 mil escolas públicas. Esse número representa um potencial de alcance de cerca de 29,5 milhões de alunos e 1,2 milhão de professores que recebem a programação voltada à capacitação, atualização e aperfeiçoamento da Educação Básica e ao aprimoramento do processo ensino-aprendizagem.

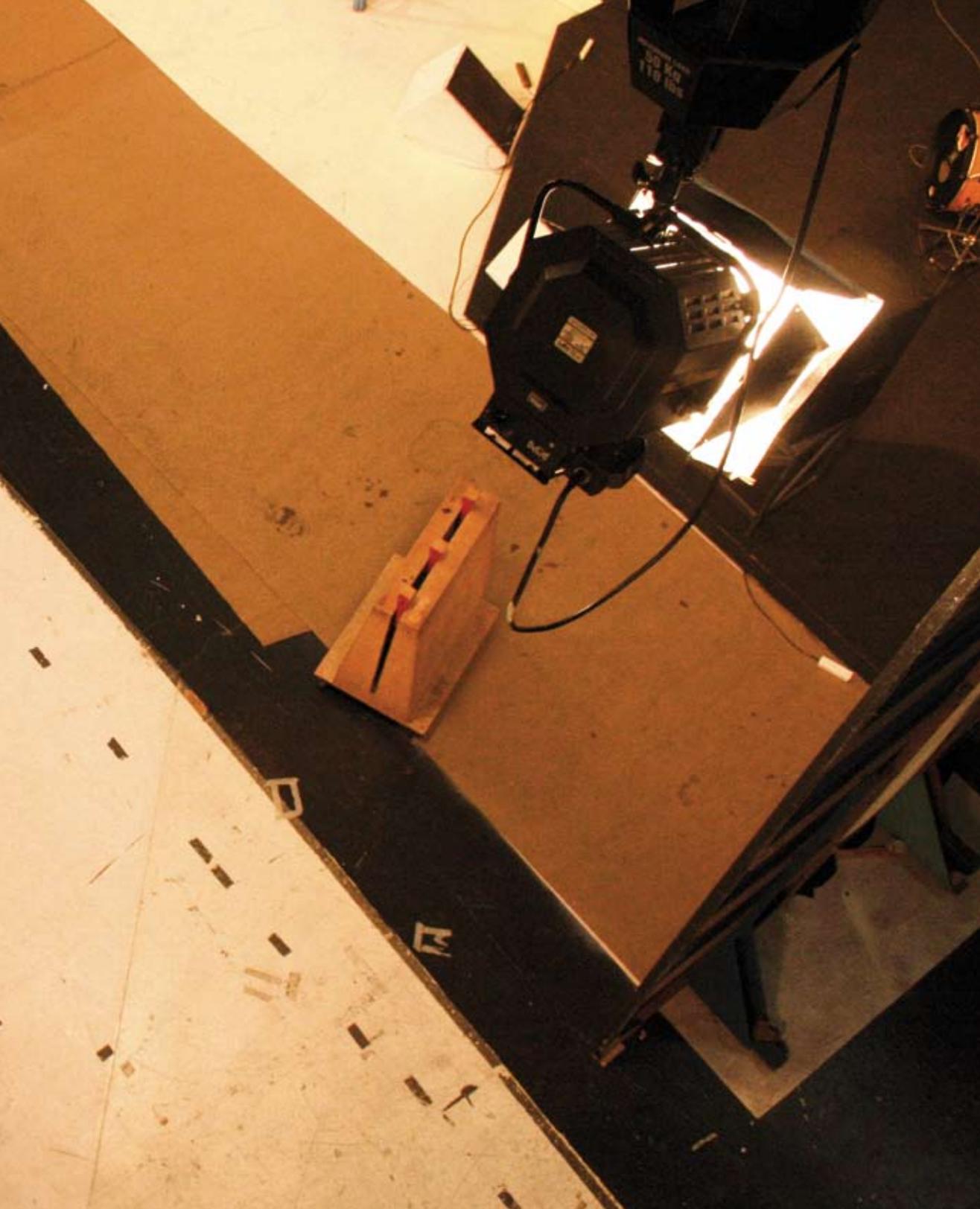
DO OUTRO LADO DA CÂMERA...

por Zeka Araújo









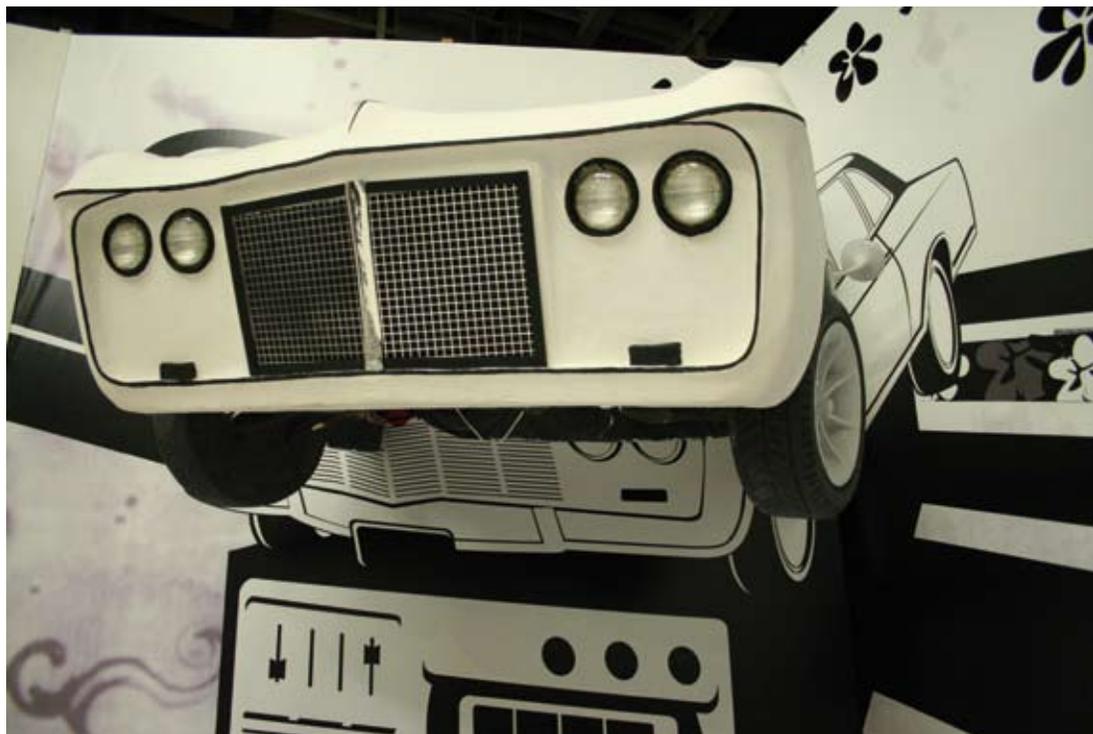


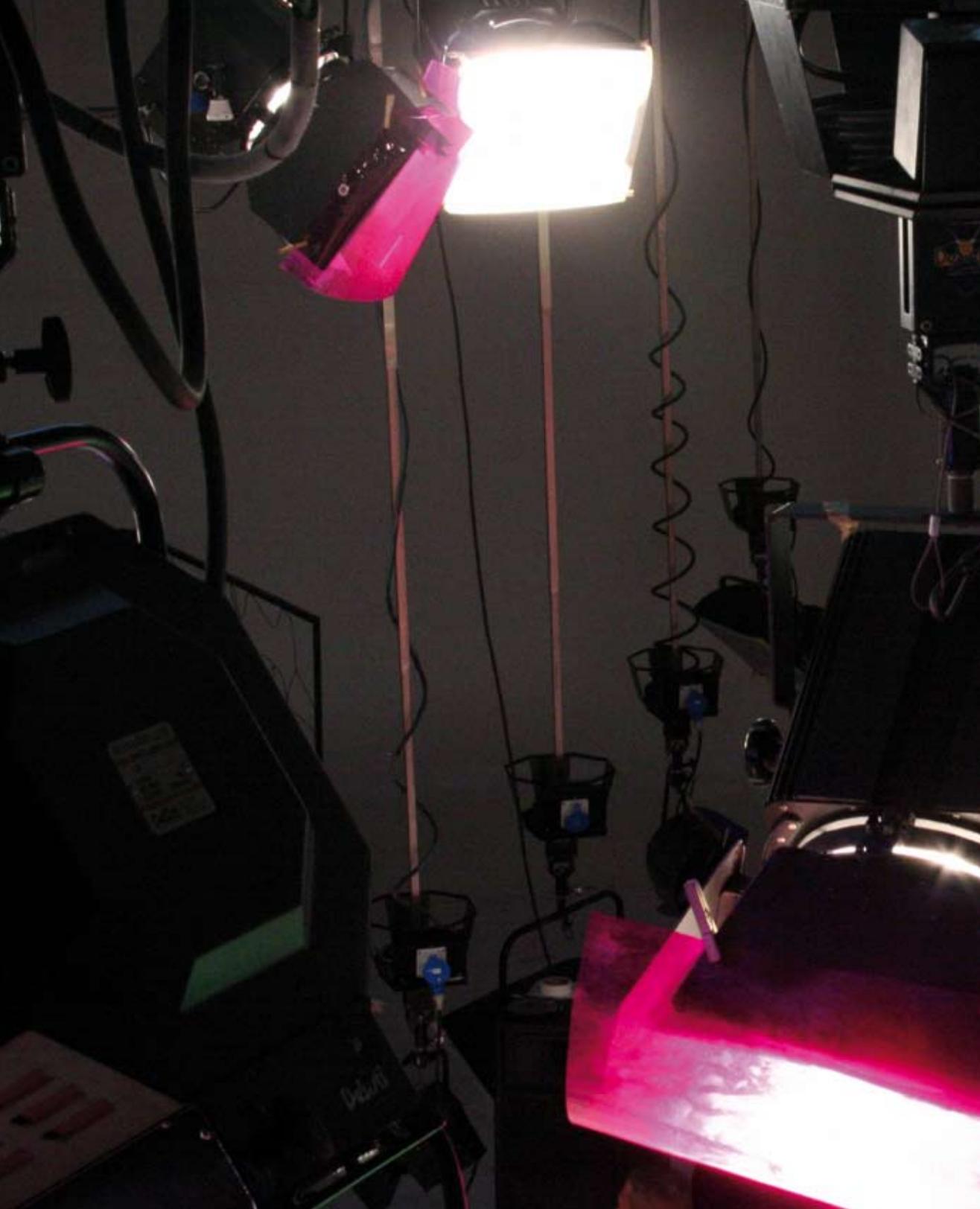






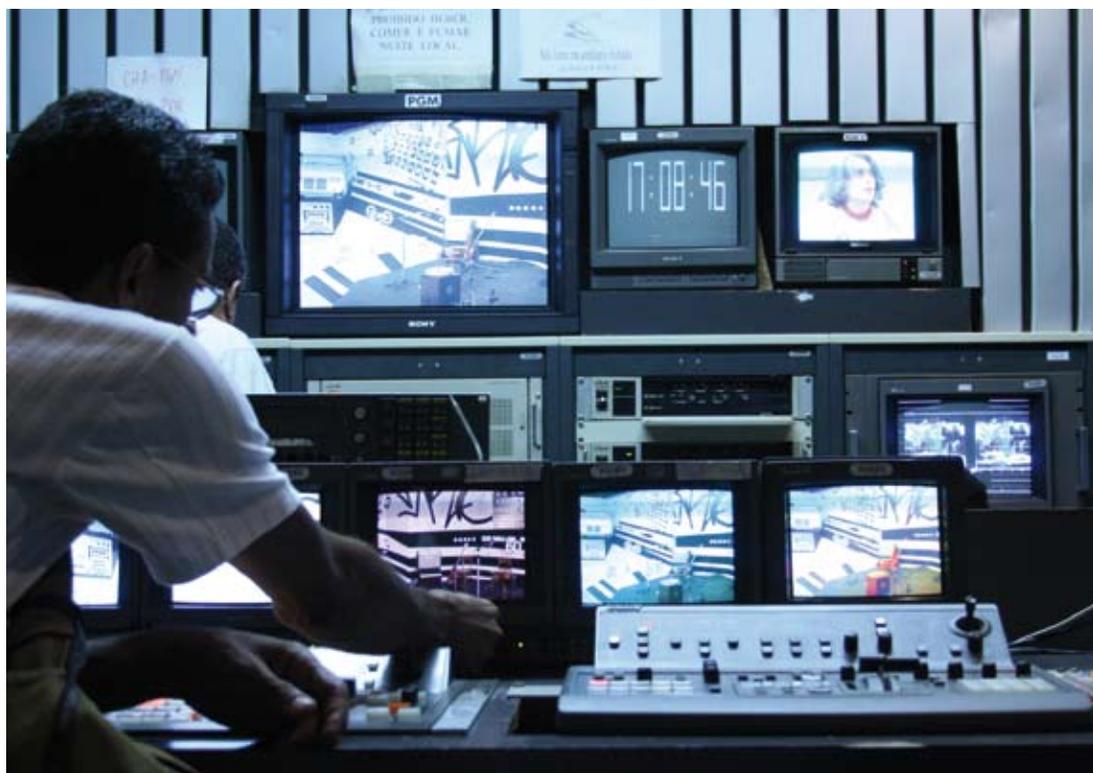






















COMPLEMENTOS

Os gestores da instituição e os principais programas veiculados ao longo de quatro décadas

Os gestores e as mudanças na instituição em quatro décadas

Compõem atualmente ACERP, além da TVE Brasil, um complexo de emissoras de rádio e televisão, com cobertura em todo o território nacional. Com sede na cidade do Rio de Janeiro.

Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa – FCBTVE (1967-1981)

Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa – FUNTEVE (1981- 1990)

Fundação Roquette-Pinto – FRP (1990- 1997)

Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto – ACERP (1997-2007)

► PRESIDENTES DA REPÚBLICA (NOS PRIMEIROS TEMPOS DA FCBTVE)

Marechal Arthur da Costa e Silva - 1967/ 1969

General Emílio Garastazu Médici - 1969/ 1974

General Ernesto Geisel – 1974/ 1979

Dirigentes da Instituição

PRESIDENTE

Gilson Amado (de 1967 a 1979)

DIRETOR EXECUTIVO

Ronaldo De Azevedo Nordi (de 1968 a 1977)

DIRETOR GERAL

Carlos Dondeo Junior (de 1977 a 1979)

► PRESIDENTE DA REPÚBLICA

General João Batista de Oliveira Figueiredo – 1979/ 1985

Dirigentes da Instituição (1979/ 1981)

PRESIDENTE

Emanuel Carneiro Leão

DIRETOR EXECUTIVO

Ronaldo de Azevedo Nordi (1980/ 1981)

Dirigentes da Instituição (1981/ 1982)

PRESIDENTE

Claudio José da Silva Figueiredo

DIRETOR DO CENTRO NACIONAL DE TV EDUCATIVA GILSON AMADO

Roberto Daniel Martins Parreira

José Humberto Mendes Barbosa (abril a novembro de 1982)

Dirigentes da Instituição (1982/ 1983)

PRESIDENTE

Gilberto Bezerra Cavalcanti

DIRETOR DO CENTRO NACIONAL DE TV EDUCATIVA GILSON AMADO

Arnaldo Costa Júnior

Dirigentes da Instituição (1983/ 1985)

PRESIDENTE

Samuel Pfromm Neto

DIRETOR INTERINO

Abdon Torres - 1983

DIRETORA DO CENTRO NACIONAL DE TV EDUCATIVA GILSON AMADO

Nydia Lícia Cardoso (1983/ 1984)

DIRETOR

Wilson Choeri (1984/ 1985)

► PRESIDENTE DA REPÚBLICA

José Sarney - 1985/ 1990

Dirigentes da Instituição (1985/ 1988)

PRESIDENTE

Roberto Daniel Martins Parreira

DIRETOR DO CENTRO NACIONAL DE TV EDUCATIVA GILSON AMADO

Fernando Horácio Pereira Barbosa Lima (1985)

João Ruy Nogueira Medeiros (1985/ 1986)

Paulo Roberto Dos Santos (1987/ 1988)

Dirigentes da Instituição (1988/ 1989)

PRESIDENTE

Antonio Frota Neto

DIRETOR DO CENTRO NACIONAL DE TV EDUCATIVA GILSON AMADO

Pedro Carlos Rovai

Dirigentes da Instituição (1989/ 1990)

PRESIDENTE

Heitor Herberto Salles

DIRETOR DO CENTRO NACIONAL DE TV EDUCATIVA GILSON AMADO

Luiz Octávio Castro Souza

► PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Fernando Collor de Melo - 1990/ 1992

Dirigentes da Instituição (1990/ 1991)

PRESIDENTES

Carlos Alberto Allgayer (30/05 a 30/10 de 1990)

Frederico Lamachia Filho

DIRETOR DA TV EDUCATIVA

José Aurelio Barbosa de Medeiros (Leleco Barbosa)

Dirigentes da Instituição (1991/ 1992)

PRESIDENTE

Walter Clark Bueno

DIRETORES DA TV EDUCATIVA

Alberto Maluf

José Otávio de Castro Neves (01/02 a 04/11 de 1992)

► PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Itamar Franco - 1992/ 1995

Dirigentes da Instituição (1992/ 1994)

PRESIDENTE

Paulo Cezar Branco

DIRETOR DA TV EDUCATIVA

Ricardo Alberto de Oliveira Bruno (1993/ 1994)

Dirigentes da Instituição (1994/ 1995)

PRESIDENTE

Francisco de Assis Couto Teixeira

DIRETORA DA TV EDUCATIVA

Maria Lucia Romano

► PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Fernando Henrique Cardoso

1995/ 1999 (1º mandato)

1999/ 2003 (2º mandato)

Dirigentes da Instituição (1995/ 1996)

PRESIDENTE

Jorge Dias Escosteguy

DIRETOR DA TV EDUCATIVA

Mauro Alves Garcia

Dirigentes da Instituição (1996/ 1997)

PRESIDENTE

Paulo de F. Ribeiro

DIRETOR DA TV EDUCATIVA

Sergio Alexandre Martins Celeste (1997)

Dirigentes da Instituição (1997/ 1998)

PRESIDENTE

Jorge Guilherme Marcello Pontes

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Maristela Rangel Pinto

DIRETORIA TÉCNICA

Orestes Lúcio Jardim Polverelli

DIRETORIA DE PROGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO

Mauro Alves Garcia

Dirigentes da Instituição (1998/ 2001)¹

DIRETOR PRESIDENTE

Mauro Alves Garcia

DIRETOR DE PROGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO

Paulo Dionísio Viard de Aguiar

DIRETOR TÉCNICO

Paulo Roberto Pereira de Cerqueira Leite

DIRETORES DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Paulo Roberto dos Santos Figueiredo (1998/ 1999)

Flávio Carneiro Guedes Alcoforado (1999/ 2001)

Hans Stibich Neto (2000/ 2001)

DIRETOR DE JORNALISMO

Cláudio Roquette-Pinto Bojunga (1999/ 2001)

1. 24/11/2000 a 02/02/2001 extinção da Diretoria de Desenvolvimento Tecnológico (Dir. Técnica) criação da Diretoria de Comercialização e Marketing. É nomeado Antônio César Rebelo de Aguiar

Dirigentes da Instituição (2001/ 2003)²

DIRETOR PRESIDENTE

Fernando Horácio Pereira Barbosa Lima

DIRETOR

Sylvio Renan Ulysséa de Medeiros (Proposta de criação da
Diretoria Executiva)

DIRETOR DE TV

Gerardo Lucas da Cunha Lopes Ribeiro

DIRETOR EXECUTIVO

Sylvio Renan Ulysséa de Medeiros

DIRETORIA DE COMERCIALIZAÇÃO E MARKETING

Maria Alice Langoni Mendonça

DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Luiz Fernando Zugliani - 2001/ 2003

► PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

2003/ 2006 (1º mandato)

Dirigentes da Instituição

DIRETOR PRESIDENTE

Elyzabeth Carmona Leite

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Haroldo Borba Ribeiro

DIRETORA GERAL DA TELEVISÃO

Rosa Maria Crescente Comerlato

DIRETOR GERAL DA RADIO

Orlando José Ferreira Guilhon

DIRETOR DE MARKETING E COMERCIALIZAÇÃO

Paulo Roberto de Paula Freitas

2. 19/02/2001 - extinção da Diretoria de Jornalismo e criação da Diretoria Executiva

Relação dos programas exibidos na TVE nos últimos 40 anos

Programas 1970/1990

(Produções próprias e de terceiros)

1976
 1977
 1981
 1982
 1983
 1985
 1986
 300 Segundos com Gilson Amado
 A Conquista (08/01/76)
 A magia da música
 A música os músicos
 A onda
 A Resposta
 A turma do Lambe-lambe
 A TV na escola e TVE na escola
 A verdade de cada um
 Admirável mundo nosso
 Advogado do diabo
 Agenda
 Água Viva (musical H.B.Carvalho)
 Animais, animais
 Antártica (ou Aventura na)
 Aprenda a cuidar do seu filho
 Aprenda Inglês com música
 Aquarela do Brasil
 Arco Íris
 Arte de “A a Z”
 Arte de ver e ouvir (c/ A Távola)

As línguas tiranas do Nordeste
 As Máscaras
 As pessoas
 As repórteres
 Assim está escrito (crônicas)
 Através da Europa
 Aula de Ginástica
 Aula de ginástica rítmica
 Aventuras do Tio Maneco
 Aventuras do tio Maneco
 Balé (especiais) anos alternados
 Basquete
 Batalha da Nutrição
 Bate-papo
 Bazar tem tudo
 Betty Boop
 Biologia marinha
 Boa noite (Jonas Rezende)
 Bola Dois
 Boletim da copa
 Brasil corpo e alma
 Cabeça feita (c/ Bussunda) 1988
 Caderno 2
 Caderno 2
 Cadernos de Cinema
 Caixa de brinquedos
 Câmera aberta
 Caminhos abertos
 Caminhos abertos
 Caminhos da Arte
 Canta conto

Cantos da Terra
 Castrinho
 Catavento/ Bazar tem tudo
 Cena Aberta
 Cenário popular
 Cenário popular
 Chão de estrelas
 Choque do novo
 Cidadania (Betinho)
 Ciências em casa
 Cine viagem
 Cinema de domingo
 Cinemateca
 Cinemateca
 Cineviagem
 Circo Bambalão
 Coisas Nossas
 Colagem
 Coletânea
 Como, porquê, para quê
 Comunicação médica
 Concerto para a Juventude
 Concertos para Juventude
 Confluência do Mundo
 Conheça seus filhos
 Conhecimentos Gerais
 Conto da semana
 Contraponto
 Conversa de fim de noite
 Conversa de orelhão
 Conversa vai/Conversa vem

Copa 82
 Corpo de baile
 Crônica ao vivo
 Culturama
 Curimins
 Curso de qualificação profissional
 Curso treinamento chefia (Proj. IRDEB + FCBTVE)
 Dança do Mundo
 Daniel Azulay/ A Turma do Lambe Lambe
 Debates culturais
 Delas
 Deles
 Desenho
 Diálogo
 Dicas
 Documentários
 Dois na Bola
 Dossiê
 É fácil
 É preciso cantar
 Educação Especial
 Eleições 85
 Em busca do conhecimento
 Em busca do tempo perdido
 Em cena o autor
 Em torno do homem
 En Français
 Enciclopédia Britânica
 Encontro com os editores

Entre amigos
 Entrelinhas
 Entrevistas
 Era uma vez
 Escala
 Espaço comunitário
 Espaço dois
 Especiais
 Especial café concerto
 Especial Literatura
 Especial MPB
 Especial Musical
 Espírito da TVE
 Esporte amador
 Esporte hoje
 Esporte hoje
 Esporte total
 Este é o Brasil
 Este mundo admirável
 Este mundo encantado
 Eu sou o show
 Expedição século XX
 Explorando o mar inquieto
 Explorando o mar inquieto
 Fantasia
 Festa baile
 Foco
 Forró
 France express
 Futebol
 Futebol ao vivo
 Galeria Dois

Gente Boa
 Gente viagem
 Ginástica
 Ginástica Lígia de Azevedo
 Gladys e seus bichinhos
 Gogo, gugu e maravilha
 Heureca
 História da Arte no Brasil
 História da navegação
 História das telenovelas
 História de quem fez História
 Horizontes abertos
 I love you
 Imagens
 Imagens da Itália
 Intervalo (antigos comerciais)
 Jacques Cousteau
 Janela da fantasia
 João da Silva
 Jogo Aberto
 Jornada ao sistema solar
 Jornal da feira
 Jornal das dez
 Jornal de domingo
 Jornal de sábado
 Jornal do estudante
 Jornal do Porque
 Jornal Isso aí
 Jornal Jovem
 Jornalismo Especial
 Juventude em questão
 Lanterna mágica

Liberdade para escolher	No mundo do Esporte	Os grandes mestres da Pintura
Lições de Vida	No tempo do cinema mudo	Os Mágicos
Linguagem dos sinais (mais tarde, Jornal Visual)	Noites de jazz	Os mais belos desenhos
Lira do povo	Nossa música	Os médicos
Longa metragem	Nossa terra, nossa gente	Os melhores desenhos do mundo
Luta pela sobrevivência	Nosso mundo	Os melhores do cinema
Maestro	Nosso Mundo	Os músicos
Magia da dança	Nosso mundo (Paisagens)	Os repórteres
Mãos mágicas	O ar	Palavras de Vida
Mãos que falam	O corpo humano	Panorama Cultural
Márcia e seus problemas	O deserto vence	Patati Patatá
Matéria prima	O direito de todos (+ tarde Direito em debate)	Penso, pensei
Matinê cineclube	O misterioso fundo do mar	Pequena antologia da Música Popular Brasileira
Memória Nacional	O mundo mágico	Pequena Antologia da Poesia
Metrópolis da arte	O Papo (Ziraldo)	Pequena Antologia do Teatro
Meu pé de laranja lima	O que temos, o que somos	Perfil Brasil
Mistério dos trópicos	O show é música	Pindorama
Momento	O teatro e o Ocidente	Plim plim - Mãos mágicas
Montanhas	Olha aí	Pluft – o fantasminha
Mostra do cinema francês	Olhar Nacional	Ponto de encontro
Movimento	Olho mágico	Portos do Mundo
MPB	Opinião Pública	Primeira página
MPB vai passar	Opus	Primeiro time
Mundo Indomado	Opus especial	Profissão Repórter
Museus	Orquestra Sinfônica	Projeto Adoniran Barbosa
Música de todos os tempos	Os astros (c/ Grande Otelo)	Projeto Funarte
Música de todos os tempos	Os batutinhas	Projeto memória
Música do Mundo	Os candidatos	Projeto TV Mensagem Ampla (parceria com a Prefeitura do RJ)
Música Erudita	Os censurados	Proscênio
Música no ar	Os clássicos	Proteção ao Meio Ambiente
Música Popular Brasileira	Os editores (Jornal dos)	

Real Idade
 Receita de saúde
 Reencontro
 Reino Selvagem (documentários)
 Reis do riso
 Relatório 2
 Relembrações
 Retrospectiva 1982
 Rios do mundo
 Sábado forte
 Sala da Funarte
 Saltimbanco
 Seis e meia
 Selva do coral
 Sem Censura (iniciou transmissões em 01/07/85 das 13h às 15h, de 2ª a 6ª f.)
 Sempre um show
 Sempre um show (Substituiu Lira do Povo)
 Senhores da guerra
 Sete dias
 Sete dias (jornal semanal)
 Sexta especial
 Sexta independente
 Show de futebol
 Sinal aberto
 Sítio do Picapau Amarelo
 Sobre os trilhos
 Som pop
 Stadium
 Super onda

Supertelinha
 Teatro infantil
 Teleconto
 Teleromance
 Tempo quente
 Tribunal do povo
 Tudo é música
 TV na escola
 TVE Entrevista
 TVE Esporte
 TVE Gente
 TVE notícias
 TVE Pesquisa
 Um dia, um músico
 Um nome na história
 Uma professora muito maluquinha
 Universidade Popular
 Vestibular
 Vestígios do passado
 Vestígios do passado
 Viagem ao reino animal
 Viagens
 Viajando o Sertão
 Viola, minha viola
 Viver
 (Você,) saúde e medicina
 Yoga

Programas 1991/ 2000
 (novos e antigos)
 A Grande música
 A Turma do Pererê
 A Verdade
 A vida é um show
 Acervo MPB
 Além mar
 Alô Brasil Bar (musical Eduardo Dusek)
 Arte com Sérgio Brito
 Arte de Ler
 As Pessoas
 Balé (especiais em anos alternados)
 Bola na rede
 Caderno Teen// Caderno Tim e Atitude.com
 Cadernos de cinema
 Café Literário
 Canal Saúde
 Canta conto
 Caras e Coroas
 Cartas ao povo brasileiro
 Cidadania
 Cinema de domingo
 Comentário geral
 Concertos de domingo
 Conexão Roberto D'Avila
 Contraponto
 Curta Brasil
 De olho na saúde

Dentro e fora do compasso
 Diário de Teatro (Sérgio Brito)
 Direito em debate
 Em busca do tempo perdido
 Espaço Nacional
 Eu sou o show
 Expedições
 Festival Charles Chaplin
 France express
 Francês em ação
 Frank Capra
 Front page / Primeira Página
 Futebol, o jogo da paixão
 Gema Brasil
 Grandes compositores
 Grandes compositores de carnaval
 I Love You
 Imagens da História
 Imagens da Itália
 Inglês como na América
 Intervalo
 Jazz Brasil
 Jazz Especial
 Jornal do descobrimento
 Jornal Visual
 Lanterna Mágica
 Leda Nagle com certeza
 Lira do Povo
 Literatura c/ debatedores
 Memória
 Mostra francesa de cinema e arte
 MPB

MPB Sempre
 Museus
 O grande teatro
 Observatório da imprensa
 Ópera
 Paidéia
 Palavras de Vida
 Primeiro plano
 Projeto memória
 Redescobrimdo o Brasil
 Revista do cinema brasileiro
 Revista Mercosul
 Roda Viva
 Sem Censura
 Sétima arte
 Sexta independente
 Só para lembrar
 Som da Rua
 Stadium
 Super tudo
 Tribunal da História
 Uma professora muito maluquinha
 Vejo Vozes
 Vivendo

Programas 2001-2006
 (novos e antigos)
 100% Brasil
 A Grande Música
 A Turma do Pererê
 Acervo MPB
 Animania
 Arte com Sérgio Britto
 Atitude no Telhado
 Atitude.com
 Baú de histórias
 Cadernos de Cinema
 Canal Saúde
 Casos de Justiça
 Casos de Justiça
 Castelo Rra-tim-bum
 Cocoricó
 Código de Barras
 Comentário Geral
 Conversa Afinada
 Curta Brasil
 Curta Criança
 Curta Criança Animação
 Diálogo Brasil
 Direito em Debate
 DOCTV
 Edição Nacional
 Espaço Público
 EsporTVisão
 Expedições
 Filhos
 Globo Ecologia

Janela, Janelinha
 Jornal Visual
 Mar sem fim
 Mobilização Brasil
 Mundo BBC
 Mundo da Arte
 Mundo da fotografia
 Mundo da Literatura
 National Geographic apresenta
 Notícias do Rio
 Observatório da Imprensa
 Programa especial
 Re[corte] Cultural
 Revista do Cinema Brasileiro
 Saúde Brasil
 Sem Censura
 Stadium
 Super Tudo
 Telecurso
 Um Menino Muito Maluquinho

Cursos e Séries didáticas

1970-1990

Tempo de atualização
 Qualificação profissional
 Ciência em casa
 Conhecimentos gerais
 Atenção professor
 Didática de Ciências
 Vamos gostar de Matemática
 Zero a Seis
 Aprenda Inglês com Música
 Recuperação paralela
 Qualificação e habilitação de professores não titulados
 Família Bite
 TVE na escola
 Onda Viva
 Telecurso 1º grau
 Telecurso 2º grau
 Especiais do Canal 32

1991/2000

Curso aperfeiçoamento para Prof. Alfabetizadores
 Educação em revista
 Nós na escola
 Onda viva
 Sistema de apoio tecnológico a Educação
 Um salto para o Futuro
 Utilização do satélite em Educação – Edição do Professor (experimental)

2001/2006

Es Español
 Look Ahead
 Salto para o futuro
 Telecurso 1º e 2º grau

Bibliografia

- BOX, Louk de la Rive, *Organization of Educational Broadcasting in Brazil*, Columbia University, PhD, 1973, Mass Communications.
- BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita, *Videologias*, São Paulo, Boitempo, 2004, Coleção Estado de Sítio.
- CARMONA, Beth. *O Desafio da TV Pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro, ACERP, 2003.
- , *A marca da TV Pública*, in I Fórum Nacional de TVs Públicas, Caderno de Debates, Ministério da Cultura, 2006, p.21-25.
- COSTA, João Roberto Vieira da, *A Comunicação de Interesse Público, Idéias que movem pessoas e fazem um mundo melhor*, São Paulo, Jaboticaba, 2006, p. 20.
- DICIONÁRIO da TV Globo, Vol. 1, Programas de Dramaturgia e Entretenimento, *Sítio do Picapau Amarelo*, Jorge Zahar, 2003, p. 713-722.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Coleção Leitura. São Paulo, Paz e terra, 1997
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo, e outros. *A TV pública*, In: BUCCI, Eugênio (org.) *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo, *Quarenta anos depois, a TV brasileira ainda guarda as marcas da ditadura*, São Paulo, Revista da USP, n. 61, p. 41.
- MORAES, Denis de (org.), *Por uma outra comunicação- mídia, mundialização cultural e poder*, Rio de Janeiro, Record, 2003.

PIMENTEL, Fábio Prado, *O Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica*, Soarmec, Rio de Janeiro, 2004

MARTÍN-BARBERO, Jesús, in RINCÓN, Omar (org.) *Televisão pública: do consumidor ao cidadão*, Quito, Equador, Friederich-Ebert-Stiftung, 2002.

SAROLDI, Luiz Carlos' e MOREIRA, Sonia Virgínia, *Rádio Nacional, O Brasil em sintonia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005, 3ª edição

SIMON, Pedro (Rel.). *Rádio e Televisão no Brasil*. Relatório da Comissão Especial de Análise da Programação. Edição do Senado Federal. Brasília, 1998

TUDE DE SOUSA, Fernando, *Jornalismo e Educação*, Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1955

Publicações

PN, *O escândalo da TV Educativa no Brasil*, Revista semanal, Rio de Janeiro, 19/12/1960, Ano XXI, n° 457, p. 16-19. Biblioteca Nacional, classificação 659.105, loc. 1- 129,01,17

SUPLEMENTO da Revista Brasileira de Educação, *50 anos de Teleeducação*, Rio de Janeiro, ABT, n° 2, 1975

ALMANAQUE Abril Especial, *Brasil dia-a-dia, Fatos, fotos e frases importantes dos últimos 60 anos*. São Paulo, 1991.

E.Nosso!, Jornal da Acerp, 2006, Ano 1, Número 1.

DICIONÁRIO TV Globo, vol. 1, Programas de Dramaturgia e Entretenimento, Projeto Memória das Organizações Globo

Periódicos

Mauro Rodrigues afirma que teleducação deve ajudar a eliminar analfabetismo, (secretário-geral do Ministério da Educação), Jornal do Brasil, 11/12/1970.

TV-E ganhou o Canal 2 e mostra novas metas, Última Hora, 01/06/1973

GUIMARÃES, Márcia, *A TV Rio começa a exibir segunda-feira a primeira novela didática da televisão brasileira. Se você quer aprender a ler e escrever- Pergunte ao João*, Rio de Janeiro, Última Hora, 23/11/1973

Uma experiência de TV educativa no Brasil, Jornal de Brasília, 10/07/1975, p. 17.

Enfim, 'João da Silva' chegou aqui, Brasília, Correio do Planalto, 05/08/1975.

MISTER Eco, João da Silva e algumas observações, 7/12/73

Uma experiência de TV Educativa no Brasil, Jornal de Brasília, 10/7/75

Novela também é cultura, Brasília, Correio Braziliense, 10/07/1975

João da Silva será lançado em agosto no DF, Brasília, Correio Braziliense, 13/7/1975.

Enfim, João da Silva estreia em Brasília, Correio do Planalto, 05/08/1975 –

BLANCO, Armindo, *A TVE*, Rio de Janeiro, O Dia, 29/03/1976.

MAIA, Paulo, *A Televisão Educativa como hospital escola*, 15/02/1976.

A Conquista, Revista Amiga 01/05/1976.

A TV Educativa anuncia sua próxima atração: vem aí mais um milagre, Boletim da

ABJ, Jul/Ago 1976

A longa batalha por uma TV que ajude a educação, (identificar jornal), Agosto 1976,

ANGEL, Hildegard, *Programa Cena Aberta homenageia Lourdes Mayer*, O Globo, 22/10/1976

Novela da TV Educativa incentiva o turismo, Rio de Janeiro, Última Hora (Jornal da TV), 18/11/1976

MARIA, Cleusa; COSTA, Odacy da, *Branco chamado TVE – A máquina de fazer gênios entra em pane. Telejornalismo – As câmeras tremem, quando as notícias vão ao ar*, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 24.04.1977 p. 24-27

Justiça no Golfinho e no Estácio de televisão, Rio de Janeiro, Última Hora, 03/04/1978

TÁVOLA, Artur da, *Esqueceram-se da TV Educativa e o Gilson Amado ficou triste*,

Rio de Janeiro, O Globo, 11/10/1978

Uma década de experiências em TV educativa, São Paulo, O Estado de S. Paulo, 17/06/1979, p.34.

Gilson Amado desmente censura na programação da TVE, Rio de Janeiro, Última Hora, 01/08/1979, p.3

1º Encontro de Radiodifusão Porto Alegre, RS, Boletim da ABEPEC (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação), Nov. 1979, nº 11.

TVE lança “Conquista”, sua novela pedagógica, Rio de Janeiro, Última Hora, 17/07/1979 .

TVE começa uma nova fase, Goiânia, O Popular , 18/08/1979.

AMADO, Gilson, In TÁVOLA, Artur, *A TV Educativa no Brasil (segundo ela mesma)*, Rio de Janeiro, O Globo, 26/11/1979

TVE lança ‘Conquista’, sua novela pedagógica, Rio de Janeiro, Última Hora, 17/07/1979

TVE apresenta novela a cores para estudantes, Rio de Janeiro, Luta Democrática, 31/07/1979

NERY, Sebastião Nery, *Plantão*, Sinopse, (sobre veto de Gilson Amado a uma entrevista com Afonso Arinos)

Ele foi um especialista em milagres, O adeus a Gilson Amado, criador que tirou do nada a TV cultural, Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 28/11/1979.

Produtor do “João da Silva” prepara outros trabalhos, Manaus, A Crítica 18/6/1980.

TV Educativa mostrará problemas das migrações internas neste domingo, A Província do Pará, 21/06/1980.

Equipe da TVE pesquisa em Belém efeito de migrações, Belém, O Liberal, 21/06/1980.

Problema das migrações na TVE, Porto Alegre, Correio do Povo, 11/06/1980.

TV Educativa mostra migração no Paraná, Diário do Paraná 13/06/1980.

TV mostra migração no Paraná, Gazeta do Povo 13/06/1980,

Jacy Campos filma na Bahia sobre migrações, Salvador, Jornal da Bahia, 07/08/1980.

O sucesso de Daniel Azulay, Rio de Janeiro, O Dia, 23/03/1981.

Cineclube voltou!, Rio de Janeiro, O Dia, Jornal da Televisão, 29/03/1981.

Daniel Azulay, Turma do Lambe-lambe chega a 10 estados, Revista Nacional 05/04/1981

TV Japonesa dá prêmio a “Patati-Patatá”, Jornal do Brasil, 19/11/1981

DUTRA, Maria Helena, *Do jornalismo educativo à telenovela que incomoda*, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 31/08/1980.

MOTTA, Nelson, *Uma aquarela inesquecível: modernismo chega à televisão*, Rio de Janeiro, O Globo, 09/09/1981.

TVE lança curso para aproveitar verbas do MEC, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 11/04/1983, p. 1 e 4

TVE lança curso para aproveitar verbas do MEC - TVE relança aulas com novo nome para evitar desperdício, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 11/04/1983, p.1 e 4.

TVs educativas resistem à transferência do Sinred. Sucursal de Porto Alegre, Folha de S. Paulo, 29/02/1988.

Funtevê compra filmes pelo dobro do preço, Rio de Janeiro, O Globo, 14/07/1989.

LOPES, Denise, *Um papo faz 4 anos*, Rio de Janeiro, Tribuna da Imprensa, 12/07/1989.

UCHÔA, Cláudio, *No ar, a República*, Rio de Janeiro, O Globo, 13/11/1989.

CEZIMBRA, Márcia, *'Sem Censura' perde sua apresentadora*", Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 22/03/1990.

Estatais saem da contramão. TVE e TV Cultura superam divergências e unificam a *programação*, Jornal do Brasil 28/06/1990.

TVE grava 2 novos programas infantis, Folha de S.Paulo, 18/08/1990.

Goldemberg dá 500 milhões à TVE: Anúncio da liberação da verba foi aplaudido por funcionários na posse de Walter Clark, Jornal do Brasil, 12/10/1991

RUIZ, Simone, *TVE transmitiu jogo de motoristas por "gentileza"*, Jornal do Brasil, 15/09/1991, p.27

TV de Todos, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 31/08/1992

JARDIM, Carlos, *TVE se renova à espera de um 'curto-circuito'*, O Globo, 30/01/1992

JARDIM, Carlos, *TVE se renova à espera de um 'curto-circuito'*, O Globo, 30/01/1992.

SELEME, Ascânio, *Retransmissoras da TVE vendem espaço ilegalmente*, O Globo, 21/12/1993.

Um bar para ouvir a MPB – programa de Eduardo Dusek estreia em setembro na TVE, Jornal do Brasil, 17/08/1995

TVE sofrerá sindicância, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 21/01/1995

PAIVA, Anabela, *TVE se livra da ferrugem burocrática*, Jornal do Brasil, 15/12/1996

TVE sofrerá sindicância: Escosteguy quer apurar extravio de licitação e diz que *despesas da emissora terão que baixar*, Jornal do Brasil, 21/01/1995.

VIANA JR., Dirceu, *A dama da mesa redonda- A apresentadora Lúcia Leme*, da

TVE, fala de uma década de sucesso do 'Sem Censura', O Dia, 20/07/1995 –” *Conversa séria entre gargalhadas- Rasi quer humor na sisudez de “Quarto Poder”*. O Globo, 03/08/1995.

FERNANDES, Lílian, *TVE festeja 20 anos com festival de vídeos no Rio*, O Globo, 08/11/1995.

TVE inclui curta em nova programação, Jornal do Brasil, 08/03/1995.
Um bar para ouvir a MPB, Programa de Eduardo Dusek estreia em setembro na

TVE, Jornal do Brasil, 17/08/1995.

FUNDAÇÃO Roquette-Pinto, *Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC*, FRP, Rio de Janeiro, 1996.

O fantasma do Ibope chega à TVE e provoca mudanças – Leda Nagle assume, amanhã, o programa ‘Sem censura’, O Globo, 31/03/1996

FERNANDES, Lilian, *Roquette Pinto será entidade privada sem fins lucrativos*, O Globo, 11/12/1996

TV Educativa será privatizada em fevereiro, O Dia, 11/12/1996

O fantasma do Ibope chega à TVE e provoca mudanças: Leda Nagle assume, amanhã, o programa ‘Sem Censura’, O Globo, 31/03/1996.

O poder do tempero feminino - apresentadoras femininas dão um banho de talento na TVE, Jornal do Brasil, 18/05/1996.

TVE e TV Cultura querem unificar a programação, O Globo,, 28/06/1996.

TVE mostra tudo sobre as Paraolimpíadas 96 – Emissora transmite de Atlanta as provas que reúnem atletas portadores de deficiência física, O Globo, 18/08/1996,

PAIVA, Anabela, *TVE sai do marasmo*, Jornal do Brasil, 26/08/1996.

FERNANDES, Lilian, *Roquette Pinto será entidade privada sem fins lucrativos*, O Globo, 11/12/1996.

TV Educativa será privatizada em fevereiro, O Dia, 11/12/1996.

PAIVA, Anabela, *TVE se livra de ferrugem burocrática: emissora estatal sonha com grandes transformações a partir da conquista da autonomia administrativa por toda a rede educativa*, Jornal do Brasil, 15/12/1996

Revista Especial dos 60 anos da Rádio MEC, Fundação Roquette-Pinto, 1996

BARBIERI, Cristiane, *No ar; a partir de março, uma nova TVE. Emissora vai vender serviços, licenciar personagens e abrir espaço para anunciantes e patrocinadores*, O Globo, 28/01/1997.

LOPES, Eugênia, *Fundação Roquette Pinto será extinta - MP definirá órgãos para a 'privatização'*, Brasília, Jornal do Brasil, 24/06/1997.

FERNANDES, LÍlian, *TVE reformula noticiários para comemorar 20 anos*, O Globo, 29/06/1997.

HAMBURGER, Esther, *TVE quer dar novo sentido a emissora pública*, São Paulo, Folha de S. Paulo, 03/03/1997, Ilustrada, p. 4

A câmera vai aonde o povo está- músicos de rua terão espaço semanal em documentário que estreia segunda-feira na TVE. O Dia, 16/08/1997.

STJ autoriza comercial em TVs educativas, O Globo, 19/07/1997.

CEZIMBRA, Márcia, *Novas aventuras do Pererê na TVE*, O Globo, 07/12/1997.

LOPES, Eugênia, *Fundação Roquette Pinto será extinta*, Jornal do Brasil, 24/06/1997, p. 5

CARVALHO, Jailton de, *Governo intervém na TV Educativa*, Jornal do Brasil, 22/02/1998

O teatro na voz de Sérgio Britto- em março, na TVE, ator dará sugestões do que está em cartaz, O Globo, 04/01/1998.

ALBUQUERQUE, Christiana, *Propagandas tiradas do fundo do baú.* Rio de Janeiro, O Dia, 14/02/1998.

BARROS PINTO, Marcus, *Observatório da imprensa, Jornalismo levado a sério*, Jornal do Brasil, 07/05/1998

CARVALHO, Jailton de, *Governo intervém na TV Educativa- com menos verbas oficiais, emissora buscará patrocínio*, Jornal do Brasil, 25/02/1998.

TVE arruma a casa - Emissora pública busca verba privada e põe no ar nova programação segmentada, Revista Supertv, 22/03/1998.

SOARES, Mônica, *TVE se firma nas próprias pernas*, SuperTV, 26/04 a 02/05/1998.

BARROS PINTO, Marcus, *Observatório da imprensa- Jornalismo levado a sério*, Jornal do Brasil, 07/05/1998.

TVE aposta no público “teen” para conquistar audiência- presidente da emissora diz que briga pelo terceiro lugar não implicará na qualidade da programação, O Globo, 26/05/1998.

SOARES, Mônica, *TVE dá espaço a pensador cultural. É hoje a estréia do rebelde “Primeiro Plano”*, Jornal do Brasil, 05/09/98

TVE anuncia metas alcançadas pela Acerp, O Globo, 11/09/1998.

TVE e TV Cultura selam acordo para unir recursos. Embaixador esteve na assinatura da formação da Rede Pública de TV, O Globo, 23/10/1998.

TVE decide ficar 24 horas no ar. No futuro, afiliadas serão auto-sustentáveis. Jornal do Brasil, 19/09/1998.

ANTUNES, Elizabete, *TVE conquista as classes D e E e investe nos jovens*, O Globo, 27/10/1998.

ARÊAS, Carolina, *Leonardo é o forte do Caderno Teen- aos 17 anos o apresentador já coleciona fãs*, Jornal do Brasil, 27/02/1999.

ANTUNES, Elizabete, *TVE quer público como associado: emissora dará vantagens para os telespectadores que contribuírem*, O Globo, 16/06/2000.

FERNANDES, Priscila, *TVs educativas descobrem a fórmula da juventude*, Gazeta do Rio, 22/08/2000

TVE muda e lança 25 novas atrações para concorrer com as emissoras comerciais, 02/03/2001

A Turma do Pererê pula do fundo da gaveta pra estréia na Rede Brasil: adaptação da obra de Ziraldo, série infantil foi filmada há três anos, O Globo, 09/07/2001

HENRIQUE, Klecius, *A nova face da TVE*, Brasília, Correio Brasileiro 12/04/2001.

SOUZA, Gilberto de, *Embratel tira TV Educativa do ar*, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 29/11/2002, p. A 4.

WERNECK, Alexandre, *TVE na vitrine. Nova diretora da emissora Beth Carmona quer uma programação que sirva de referência para outros canais*. Jornal do Brasil, 22/02/2003.

CORRÊA, Elena, *Dos estúdios diretamente para o terraço de um prédio*, O Globo, 25/05/2003

Dia da Criança na TV tem nove horas de programação. São Paulo, Folha de S. Paulo, Folha Ilustrada, 10/12/2005, p. E 9.

GUERRA, Flávia, *Menino Maluquinho faz 25 anos e ganha série*, O Estado de S. Paulo, 23/03/2006, p. D7.

Luz nas Frestas, Tve Brasil ainda acredita no ofício eletrônico de Educar, Carta Capital, 07/06/2006, Coluna Estilo, Tevelândia, p. 65

TVE exhibe hoje cenas do início da carreira de Bussunda, às 21h30, O Estado de S. Paulo, 21/06/2006, p. D9

CORRÊA, Elena, *Maratona de 'Um menino muito maluquinho'*, O Globo, 25/06/2006, Revista da TV, p. 19

TINOCO, Blanca, *Menos Ibope, mais educação*, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 03/08/2006

VIANNA, Luiz Fernando, *Menino Maluquinho vira símbolo da TVE*, Folha de S. Paulo, 17/11/06, p. E 18

Documentos: ofícios, decretos, cartas, atas, portarias

ABRAHÃO, Leila Atta, *Imagens da História*, Sugestões de utilização pedagógica de programas de TV.

AZEVEDO, Egberto José de, (Delegado de Polícia Federal), Ofício nº 523/01-

COR/SR/MG, Belo Horizonte, 08/08/2001, Ministério da Justiça, Departamento de Polícia Federal, Superintendência Regional Minas Gerais

DIÁRIO Oficial, n. 110, Decreto 30.832, Rio de Janeiro, 14/05/1952

DECRETO nº 5.396 de 21 de março de 2005. Regulamenta o art. 19 da Lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998. https://www.presidência.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5396.htm. Acessado em 30/03/2006.

BEZERRA, Manuel Jairo. *A História da TVE - os primeiros vinte anos, 1967-1987*.

Resumo Histórico Fundação Roquette-Pinto (Acervo pesquisa Acerp)

Histórico do Centro Brasileiro de Televisão Educativa Gilson, s/a, s/d

Centro Brasileiro de Televisão Educativa Gilson Amado, Histórico, elaborado pela Assessoria de Comunicação Social (Funtevê), s/d

Cópia Convênio nº 24 assinado entre o Departamento de Ensino Supletivo do MEC e a FCBTVE para a produção de programas educativos pela TV, referentes às 04 últimas séries do 1º Grau, nov. 1975

MINISTÉRIO da Educação e Cultura, Departamento de Ensino Supletivo, Convênio nº 24 que entre si estabelecem o Departamento de Ensino Supletivo do MEC e a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa, Brasília, 1976.

MINISTÉRIO da Educação e Cultura, Acordo de Cooperação e amparo técnico-financeiro para apoio e ampliação do “Projeto SPG” – Telecurso de 1º Grau, que entre si, fazem, de um lado, o Ministério da Educação e Cultura e, de outro lado, a Fundação Roberto Marinho, Brasília, 25/06/1980.

CATÁLOGO de Programas Educativo-Culturais 1984/1985

DIRETRIZES para a Produção 1979 – Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa

DECRETO n° 59.396 – cria Fundo de Financiamento

RELATÓRIO de Atividades, exercício 1973

RELATÓRIO Anual 1980, Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa

Carta da Fundação Konrad Adenauer assinada por Frank Scharf, Ata de fundação da TVE

Relatórios de Atividades 1972, 1973, 1997/1998,

Relatório de Atividades Departamento Pedagógico – 1973

Relatórios de Gestão – 2003, 2004, 2005, 2006

Institucional Funtevê 1989-1990 (Pres. Heitor Humberto Sales)

Boletim Especial - Programação de Fim de Ano, 16/12/1969 a 05/01/1997

Boletins de programação 1984, 1996, 1998, 2002, 2005, 2006

Anais de congressos sobre teleeducação

Portaria 651 – 15/04/1999 – sobre outorga de canais educativos

Proposta encaminhada pelos funcionários para a administração da Fundação Roquette Pinto – feita em novembro de 1996 (antes de ser OS)

Decreto n° 59 396 – de 14/10/1966 - cria o Fundo de Financiamento da Televisão Educativa (Funtevê)

Diário Oficial, 16/04/1998, Decreto de 15/04/98, que autoriza a Radiobrás a assumir a exploração do serviço de radiodifusão de

som e imagens da cidade de S. Luís (MA), e da cidade do Rio de Janeiro (RJ)

Convênio celebrado entre a Radiobrás e a Associação de Comunicação Roquete Pinto (ACERP), para operação do serviço de radiodifusão de sons e imagens assinado em 30/04/1998

Estatuto Funtevê – Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa (quando ainda era fundação de direito privado)

Alternativas para criação de um Fundo para a Teleeducação, 1983

Manual de orientação para obtenção de outorga de canais de radiodifusão educativa, 1992

Jornal do *Salto para o Futuro e Uma professora muito maluquinha*

Projeto Um salto para o futuro – março 1992

Artigos, palestras e internet

CARMONA, Beth, *Alternativas e políticas para melhoria da qualidade*, Revista E, Sesc/SP, Fev. 2004, nº 81, ano 10

FRADKIN, Alexandre, *A história da Televisão Pública/Educativa*, http://www.abtu.org.br/arquivos_historia_tv_publica.asp

JULIANO e RUBIN, in <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/qtv120920017.htm>.

MACÊDO COSTA, Antonio Luiz de, *Subsídios para a memória histórica da ABT*. Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, Belo Horizonte, 2006, <http://abt-br.org.br>

MENDES, Armando, *A Grande Inovação da Tecnologia da Educação*. Conferência proferida na 35ª sessão da Conferência Internacional de Educação (Unesco), 1975. Arquivo TVE

SILVA LIMA, Maria das Graças, *Educação a distância? Conceituação e historicidade*. www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/revista/trilhas/pdf/rtrilhasv4a1a7

SÍTIO do Picapau Amarelo, www.infantv.com.br/sitiopicapau.htm,
Acessado Jun/2006

ANKERKRONE, Elmo Francfort, *Um 'sítio' de muitas histórias*,
www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001out12.htm,
Acessado em 3/6/2006.

Bastidores João da Silva, <http://www.teledramaturgia.com.br/joaosilvab.htm>,
Acessado em 02/03/2006

Bibliotecas e arquivos consultados na pesquisa:

Biblioteca Nacional, Biblioteca do Ministério da Fazenda do Rio de Janeiro,
Arquivo Nacional, Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, FGV-CPDOC, Cedoc/TV Globo, Núcleo de .

Depoimentos em vídeo – Acervo TVE Brasil

Especial “O Brasileiro Roquette-Pinto” – 1997 (Roteiro: Luiz Carlos Saroldi/ Direção: José Schüller / Direção Geral: Sonia Garcia)
Alfredina Paiva e Souza
Geraldo Casé (08/03/1999)
Jairo Bezerra
Judith Paiva e Souza
Wilson Rocha

Depoimentos e colaborações à autora

Alexandre Fradkin
Alzira Napoleão
Cláudio Bojunga
Cristina Maluhy
Dulce Monteiro (filha)
Ester Kremer F aller
Fernando Barbosa Lima
Fernando Pamplona -
Geraldo Casé
Humberto Borges
José Cunha Dias
José Euclides (Samurai)
José Ricardo Marinho
Leila Atta Abrahão

Marlene Blois
Milton Martins Barros Sobrinho
Luiz Carlos Lacerda (Luizinho)
Nadia Rebouças
Pedro Paulo Carneiro
Rita Veiga
Ronaldo Nordi – 19/05/2006
Rosa Helena Mendonça
Socorro Lauand (TVE Maranhão)
Socorro Ferreira
Sonia Garcia – 08/05/2006
Sueli Garcia
Tatiana Bastos
Vera Barroso
Vera Lúcia Dias
Wagner Corrêa de Araújo
Wilson Rocha – 18/05/2006
Yacyra Peixoto Valentim Meira
Zilda Lenz
Ziraldo

Depoimentos à Gecom/Acerp

Alberto Dines
Carlos Absalão
Vera Barroso
Sérgio Brito
Patrícia Palumbo
Maestro José Schiller
Leda Nagle
Michel Melamed

Agradecimentos

Biblioteca Nacional; Biblioteca do Ministério da Fazenda do Rio de Janeiro; Museu Nacional; Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro; CPDOC - Fundação Getúlio Vargas; Academia Brasileira de Letras; Casa de Oswaldo Cruz; Laura Martins, pesquisadora chefe do Cedoc -TV Globo; e a todos os ex-dirigentes e funcionários que se dedicaram e acreditaram na possibilidade de uma televisão ética, plural e cidadã

